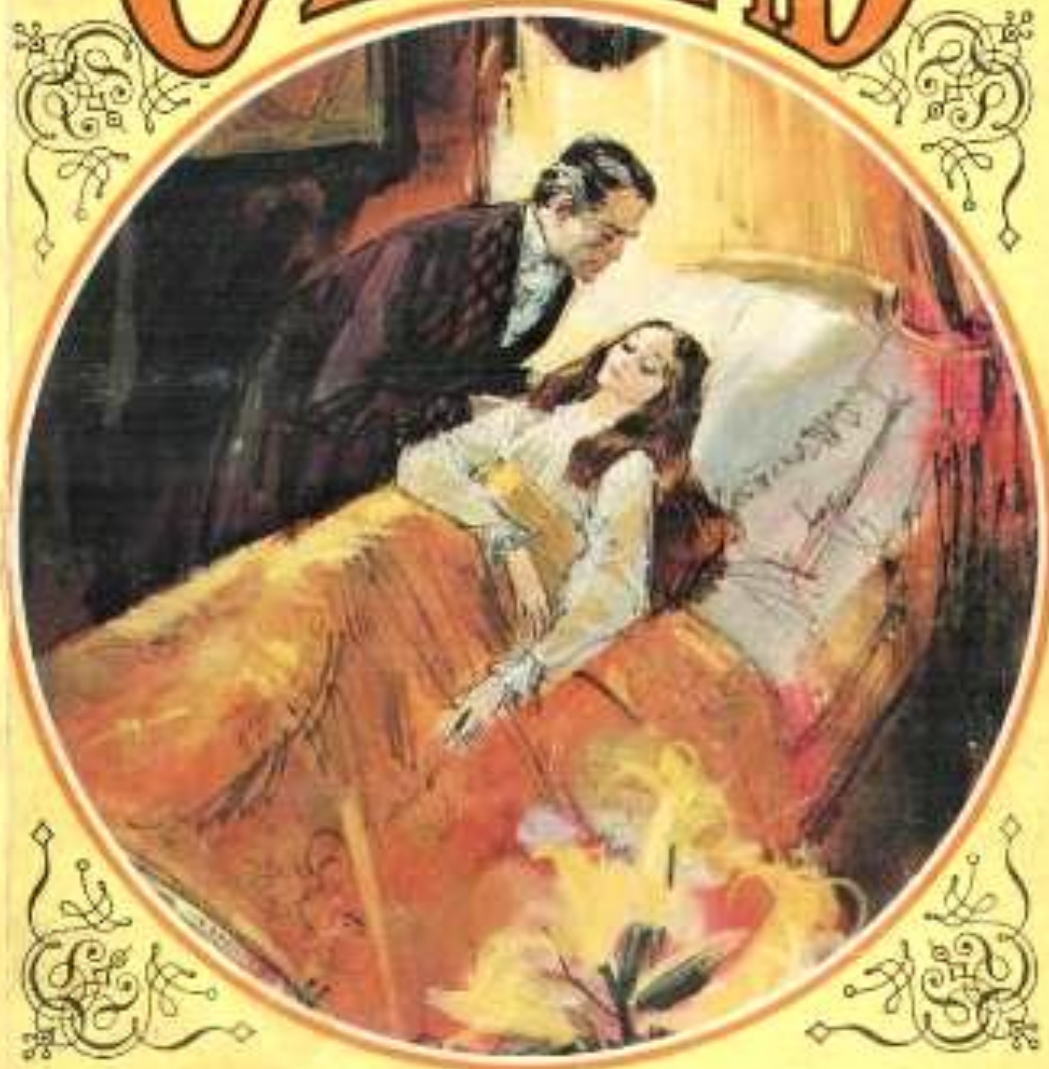


Cz8
12.90

BARBARA CARTLAND



A bela adormecida

A voz do belo conde era música para
o jovem coração de Ilouka...



A bela adormecida

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 155

Titule original: **Music from the heart**

Copyright: © 1982 by Barbara Cartland

Tradução: Maria do Rosário Sobral

Copyright para a língua portuguesa: 1986

Editora Nova Cultural Ltda. — São Paulo

foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda e impressa na Editora Parma Ltda.

Nova Cultural — Caixa Postal 2372

A voz do belo conde era música para o jovem coração de Douka...

“Acho que devo... ir embora”, balbuciou Ilouka. O conde sorriu e disse, aproximando-se: “Não vou permitir que fuja de mim!” Ilouka olhou para ele, espantada, como se não acreditasse no que estava lhe acontecendo. O conde segurou seu queixo, levantando-lhe o rosto pálido. Ilouka, inocente, nunca tinha sido beijada, não sabia que os lábios do homem amado podem manter uma mulher cativa, sem possibilidade de escapar do fogo do amor e do desejo!

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

NOTA DA AUTORA

Guilherme IV e sua empertigada esposa alemã, a rainha Adelaide, levantaram os padrões de moral da Inglaterra, que tinham caído a um baixo nível durante o reinado depravado e extravagante de George IV.

Infelizmente, a compostura dos costumes na corte inglesa trouxe também muito tédio e aborrecimento. Em consequência disso, as festas, bailes e reuniões, que o monarca anterior tanto gostava, passaram a se realizar nas casas e palácios particulares dos nobres.

Figura conhecidíssima neste tempo, madame Vestris encantou e escandalizou Londres, durante a Regência, aparecendo no palco vestida como homem, usando calça comprida, casaco e bengala! Durante os reinados de Guilherme IV e da rainha Vitória representou papéis masculinos fazendo enorme sucesso especialmente no Royal Olympic Theatre.

Madame Vestris inovou muitíssimo os hábitos teatrais na Grã-Bretanha. Pagava salários adiantados e dignos e estabeleceu um regulamento justo de horários de trabalho e de folgas tanto para os artistas quanto para os operários do teatro.

Introduziu também outra novidade nos palcos da época: os cenários executados e montados de acordo com o tema das cenas da peça apresentada.

Dirigiu o Royal Olympic Theatre até 1839, depois foi para Nova York atuando no Park Theatre, voltou novamente para Londres para dirigir o Theatre Royal Covent Garden, fazendo também espetáculos no Haymarket e em vários outros teatros ingleses.

Madame Vestris faleceu em 1855. Esta espetacular artista foi, sem dúvida nenhuma, uma das personalidades mais fascinantes do teatro mundial com sua personalidade de grande administradora, inovadora de costumes e talentosa figura teatral.

CAPÍTULO I

1831

Sir James Armstrong acabou de ler a carta que tinha nas mãos e um sorriso de satisfação iluminou seu rosto.

Do outro lado da mesa do café, olhou para a esposa, dizendo:

— Denton está chegando. Sabia que não ia resistir a uma corrida de cavalos com obstáculos!

Antes que lady Armstrong pudesse responder, sua enteada, Muriel, soltou uma exclamação de alegria.

— Denton aceitou mesmo, papai? Que maravilha!

— Sabia que ia ficar satisfeita — disse sir James.

— Estou emocionada! — respondeu Muriel Armstrong. — Ele disse que queria me ver de novo.

Abaixou os olhos pudicamente, mas quando voltou a olhar para cima e viu Ilouka a expressão do seu rosto mudou completamente.

— Não quero que ela fique aqui — afirmou num tom bem diferente.

Com as sobrancelhas erguidas, seu pai olhou para a esposa surpreendido e no belo rosto de lady Armstrong apareceu uma expressão preocupada.

Desde o início deste segundo casamento, vivia preocupada com a animosidade entre a enteada e a sua filha.

A cada dia, aumentava o ambiente tenso dentro de casa.

— Ilouka tem que ir embora! — insistiu Muriel. — Não vou permitir que estrague a minha chance de conquistar lorde Denton! Ela já fez isso com Frederick Holder.

— Não foi culpa minha, juro que não foi — defendeu-se Ilouka.

Sua voz era doce e musical, muito diferente do tom agressivo de Muriel.

— Sei que minha irmã Agatha ficará muito satisfeita em receber Ilouka — disse lentamente sir James, com um ar aborrecido.

— Então é para lá mesmo que ela deve ir — afirmou Muriel, imediatamente.

Ilouka abriu a boca para protestar, mas, antes que conseguisse articular uma palavra, reparou no olhar de aviso de sua mãe e ficou calada.

Percebeu que ela implorava-lhe para não dizer nada e só depois de saírem da sala onde tomavam o café da manhã mãe e filha subiram as escadas em silêncio, cada uma sabendo o que a outra estava pensando.

Lady Armstrong entrou na salinha que ficava junto do seu quarto e Ilouka fechou a porta, suplicando:

— Por favor, mamãe, eu não quero ir de novo para a casa da Sra. Adolphus. Sabe muito bem como foi horrível da última vez que estive lá. Ela não pára de falar mal da senhora.

Lady Armstrong suspirou

— A verdade é que a família do seu padrasto nunca aprovou o casamento dele comigo, uma viúva sem dinheiro e ainda por cima achando que sou velha demais para lhe dar um filho.

— Por que têm que ser tão desagradáveis, se o meu padrasto seria tão feliz com a senhora, se não fosse Muriel?

— É verdade, meu bem — concordou lady Armstrong com sua voz suave —, mas, talvez, se Muriel se casar com lorde Denton, os problemas deixem de existir. Mas você tem que admitir que, se estiver aqui quando ele chegar, as chances dela vão ser muito reduzidas.

As duas ficaram em silêncio, sabendo que Ilouka não tinha culpa de despertar interesse nos homens, enquanto Muriel não conseguia prender a atenção de ninguém por muito tempo.

Muriel também era bonita, com a pele clara, cabelos castanhos e uns olhos que, quando queria alguma coisa, eram doces e suplicantes e se transformavam em duros como aço, quando a contrariavam.

Considerava uma deslealdade que seu pai, depois de anos de viuvez, vivendo contente e perseguido por mulheres atraentes, tenha se apaixonado por uma viúva da vizinhança.

Quando o coronel Compton morreu, sua' esposa ficou tão triste e abatida sem ele, que nunca lhe passou pela cabeça a hipótese de um novo casamento.

Mas o coronel, que tinha sido um distinto soldado e, como alguém dissera certa vez: “Tinha mais encanto num dedo do que a maioria dos homens no corpo inteiro”, certamente não fora um homem econômico.

Sua esposa descobriu uma montanha de dívidas que levariam anos

para pagar e, desesperada, pensou que ela e a filha, Ilouka, teriam que poupar tostão por tostão.

Não poderiam comprar nenhum vestido novo, muito menos ir passar a temporada em Londres, onde Ilouka faria sucesso na sociedade, como sua mãe fizera quando era moça.

Não estava nada interessada em sir James Armstrong que, depois da visita de pêsames, passou a aparecer com muita frequência, deixando bem claro que a estava cortejando.

Não obstante, sabia que a vida seria bem diferente se se tornasse sua esposa.

A casa de campo de sir James era cercada de uma enorme propriedade, era o centro de atenção do condado, para aqueles que gostavam de ser convidados para almoços ou jantares.

Todos apreciavam as festas que dava nos jardins, durante o verão, e os dois bailes de caça que se realizavam no inverno.

Foi por causa de Ilouka que a Sra. Compton finalmente resolveu aceitar a proposta de sir James, depois de ele se tornar mais insistente a cada dia que passava.

Apesar de saber que ninguém poderia vir a ocupar o lugar que o marido tivera em seu coração, ela se afeioou muito a sir James.

Muito feminina, desejava ser cuidada e protegida, sentindo que as dívidas que o falecido marido lhe deixara não a atormentariam mais para o resto da vida.

Finalmente, depois de um ano de luto, permitiu que sir [a-mes anunciasse o casamento, que se realizou com toda a simplicidade, apenas com a presença de dois amigos íntimos.

Quando voltaram da lua-de mel, a nova lady Armstrong estava alegre e linda, com vestidos caríssimos que nunca tinha possuído antes e jóias maravilhosas, com as quais sir James lhe expressava o amor que sentia por ela.

Ilouka foi ao encontro da mãe em The Towers e, infelizmente, um mês depois, Muriel, filha única do primeiro casamento de sir James, também chegou.

Apesar de serem da mesma idade, era impossível deixar de notar o contraste entre as duas.

Ilouka era encantadora, com a beleza herdada de sua avó húngara. Os

cabelos ruivos e macios, tipicamente húngaros, realçavam os olhos verdes que dominavam todo o rosto.

Pequena e delicada, prendia a atenção de qualquer homem que a visse, fazendo — para o azar de Muriel — com que esquecesse qualquer outra moça que estivesse presente.

Era um pouco parecida com a mãe, embora a semelhança maior fosse com a avó, de quem tinha herdado o nome e sobre quem seu pai costumava contar muitas histórias.

A avó tinha sido uma beldade famosa na Hungria, de onde tinha fugido com um obscuro jovem diplomata inglês, chamado Compton, quando estava tudo arranjado para se casar com um rico aristocrata.

Quando criança, Ilouka gostava de ouvir a história vezes sem conta e seu pai dizia:

— Seu nome significa aquela que dá vida; e, não obstante eu tê-la conhecido já bem idosa, minha avó parecia dar vida a tudo o que a cercava, apenas com sua presença que emanava uma força positiva. Não precisava dizer, nem fazer nada para isso,

— Como é que vovó conseguia, papai? — tinha perguntado Ilouka.

Seu pai desatara a rir, dizendo que quando ela crescesse teria que ler livros sobre a Hungria e visitar o país, para poder compreender o significado daquelas palavras.

Ao ver a filha crescer, tornando-se mais bonita a cada dia, com qualidades que as garotas inglesas não possuíam, a Sra. Compton percebeu que não seria provável que as pessoas parvas e conservadoras do condado apreciassem o seu tipo raro e pouco inglês.

— Temos que tratar de apresentá-la ao rei e à rainha — disse para o marido.

— Concordo plenamente, mas só Deus sabe de onde virá o dinheiro para isso! — respondeu ele.

Com sir James não havia o problema do dinheiro, mas, infelizmente, existia Muriel como um obstáculo entre Ilouka e as ambições de sua mãe.

— Não se pode culpar Muriel se você vira a cabeça de qualquer jovem que venha a esta casa — disse agora lady Armstrong com um suspiro.

— Mas não sou eu que os provoco! Como você sabe, mamãe, a maioria deles é aborrecida e sem graça. A probabilidade de me casar com esses rapazes convencidos é a mesma de voar para a Lua.

— Eu sei, querida, mas, morando onde moramos, como poderá encontrar o tipo certo de homem, a não ser que eu a leve para passar temporada em Londres? Muriel teria que ir, também.

Ilouka soltou uma exclamação de desânimo.

— Eu não suportaria, mamãe! Muriel é tão ciumenta e me odeia tanto que, além de me tornar infeliz, ainda me deixa nervosa e pouco à vontade. — Deu uma risada triste e sarcástica, dizendo: — Para falar a verdade, tenho até medo de dirigir a palavra a um homem, se ela está presente.

Lady Armstrong sabia muito bem que qualquer homem preferiria conversar com Ilouka.

Observou a filha, pensando uma vez mais que não era apenas a sua beleza que chamava a atenção, mas principalmente algo etéreo e sobrenatural que ela emanava.

— Ilouka é como uma criança de contos de fadas — dissera uma vez para o coronel Compton, ao que ele respondera:

— Com o grande amor que nos une e a felicidade que sentimos em estar juntos, minha querida, não é de admirar que tenhamos produzido uma figurinha tão especial que realmente parece ter saído de um conto de fadas...

Ele próprio era muito atraente, despertando a atenção aonde quer que estivesse.

Era lamentável que por causa das dificuldades financeiras ficassem restritos ao pequeno solar que possuíam em Oxfordshire, podendo, apenas de longe em longe, arcar com as despesas de uma breve estada em Londres.

A Sra. Compton sempre desejou muito mais para sua filha, e agora, como lady Armstrong, que podia assumir esses gastos, havia Muriel.

— Se tenho mesmo que ir embora, por que sou obrigada a ficar com a Sra. Adolphus?

A mãe fez um gesto de desânimo com as mãos.

— Ela é a única pessoa da família de seu padrasto que está sempre pronta a fazer o que ele pede e, além disso, apesar de ele não poder admitir, creio que se envergonha de ter que a mandar para fora daqui. Sendo assim, não vai querer que alguém fique sabendo, para não afrontar Muriel.

Ilouka respirou fundo e não fez nenhum comentário. Passados alguns instantes, sua mãe continuou:

— Na verdade, seu padrasto gosta muito de você, Ilouka, apesar de, como é natural, pensar primeiro na sua única filha. Você sabe muito bem que

ela nunca deixou de se ressentir por ele ter voltado a casar.

— Como é que ela pode ser tão egoísta mamãe, sabendo como você faz meu padrasto tão feliz? Ele a ama do fundo do coração.

— Sim, eu sei, mas, como tem um grande sentido de família, tem que fazer o que é certo e melhor para Muriel.

Ilouka comprimiu os lábios para não dizer nada que pudesse magoar a mãe, mas ambas sabiam como Muriel tinha xingado o pai quando ficara sabendo que ele tinha voltado a se casar.

Lamentavelmente, tinha também escrito uma série de cartas insultuosas e desagradáveis que sir James, sem pensar, tinha mostrado à esposa, depois do casamento.

Não fizera isso para a magoar, mas apenas por achar que era justo ela saber os problemas que teriam que enfrentar quando a lua-de-mel acabasse.

Lady Armstrong tinha tentado, por todos os meios, fazer com que Muriel gostasse dela e talvez tivesse conseguido se Muriel não tivesse ficado consumida de ciúme, inveja e maldade, no momento em que pôs os olhos em Ilouka.

Passou a fazer uma verdadeira campanha de intrigas contra Ilouka e sempre que podia tentava separar o pai da madrasta.

Apesar de nunca ter conseguido os seus intuitos, frequentemente, tornava lady Armstrong muito infeliz.

Em relação a Ilouka, conseguiu tornar sua vida num inferno de insultos e desprezo que piorava sempre que estavam juntas.

— Vai ser um alívio ir embora, mamãe — disse Ilouka — mas mesmo assim, por favor, mamãe, não me faça ficar longe muito tempo.

— Você sabe que planejei apresentar você aos reis em maio, e seu padrasto quer que apresente Muriel na mesma ocasião. Mas não posso deixar de sentir que será impossível aproveitarmos a temporada em Londres, se vocês estiverem juntas.

— Não me importo de perder a temporada, mas me importo muito de ficar longe de você, especialmente com a Sra. Adolphus.

Lady Armstrong suspirou, lembrando-se de quanto a cunhada a odiava, por não poder dar ao irmão os filhos que ela queria que ele tivesse.

Era uma velha possessiva que, segundo seus inimigos, tinha levado o marido à tumba e, depois, transferido suas ambições para o seu único irmão.

Morava numa casa feia e escura em Bedfordshire, onde a insipidez da

paisagem refletia a monotonia mortal da vizinhança e da vida da Sra. Adolphus, em particular.

Os empregados eram velhos, rabugentos, e não gostavam de visitas, porque davam trabalho.

A comida era sem sabor e até mesmo os cavalos que Ilouka era autorizada a montar, vagarosos e sem garra.

Do seu sangue húngaro, herdara os talentos que fizeram de sua bisavó uma mulher notável.

Era uma magnífica amazona, podia domar qualquer cavalo, por mais selvagem e bravo que fosse, e tinha uma aptidão musical fora do comum.

Dançava tão bem que, um dia, seu pai comentou:

— Temos que levar Ilouka para o palco do Covent Garden e o dinheiro que ela irá ganhar vai nos proporcionar uma velhice muito confortável!

— Como pode dizer uma coisa dessas, querido? Pelo amor de Deus, não ponha essas idéias malucas na cabeça de Ilouka! — protestou a esposa, sorrindo.

— Não estava falando sério — retorquiu o coronel Compton dando uma risada.

Apesar disso, pedia muitas vezes a Ilouka que dançasse para ele, enquanto *a esposa tocava piano.

A música transmitia a dança selvagem dos ciganos húngaros, e Ilouka rodopiava com graça e leveza, dando a impressão de que não tocava com os pés no chão, entregando-se ao sabor da melodia, com um abandono instintivo que não podia ser aprendido em parte alguma.

— Vamos fazer o seguinte — falou lady Armstrong, depois de considerar o que a filha tinha feito. — Você tem que ir para a casa de Agatha, antes que lorde Denton chegue, mas eu vou escrever para a irmã de seu pai, que mora perto de Huntingdon, pedindo para receber você, durante uns dias.

O rosto de Ilouka se iluminou.

— Gostaria muito. Tia Alice é um amor e eu adoro as crianças.

— Eu sei, querida, mas lembre-se que eles são muito pobres e, como não posso oferecer-lhes dinheiro porque iam se sentir insultados, uma pessoa a mais para comer vai ser uma despesa pesada para eles.

Lady Armstrong recordou os tempos difíceis por que ela e Ilouka tinham passado, depois da morte do marido.

— Entendo, mas talvez você pudesse me dar algum dinheiro para

comprar presentes para as crianças; não brinquedos, ou jogos, mas alguma coisa útil, como vestidos para as meninas e um casaco quente para os meninos.

— Claro que darei, mas você tem que ter muito tato quando oferecer os presentes, para não parecer um ato de caridade.

— Fique tranquila, mamãe. Sabe que não faria nada que pudesse magoar tia Alice.

— Então vou escrever imediatamente.

— E eu não poderia ir primeiro lá e depois para a Sra. Adolphus?

Lady Armstrong abanou a cabeça.

— Seu padrasto acha que a irmã é uma pessoa encantadora.

— Para ele, é mesmo.

— Só que ela me odeia e, em consequência, você também.

— Sim, eu sei. Por isso mesmo vai passar os dias apontando minhas falhas e dizendo que o irmão perdeu oportunidades maravilhosas ao se casar com você — disse Ilouka.

Lady Armstrong desatou a rir.

— E você vai lhe lembrar que nem ele nem eu estamos reclamando.

— Eu sei, mamãe, mas ela não se cala, como se meu padrasto tivesse pegado você da sarjeta ou se você tivesse aprontado uma armadilha e quando ele percebeu já estava casado!

Lady Armstrong desatou a rir, novamente, lembrando-se de como sir James a tinha perseguido e implorado para se casar com ele, de forma que, agora, achava até humilhante.

Com o passar do tempo, no entanto, gostava cada vez mais dele e rezava fervorosamente para que Muriel se casasse depressa.

Só assim poderia desfrutar um marido que a adorava e que proporcionava todo o conforto material a ela e a sua filha.

Apesar de muito generoso, sir James tinha suas pequenas manias e uma delas era não querer que seus cavalos fossem para longe da propriedade e não gostava de alugar nenhum meio de transporte, uma vez que os estábulos estavam cheios de animais.

— Ilouka parte para casa de sua irmã depois de amanhã cedo — disse lady Armstrong. Se sair nas primeiras horas da manhã, só terá que dormir uma noite na viagem e você sabe que não gosto que ela fique em estalagens, mesmo acompanhada por uma empregada.

Ficaram em silêncio, ambos pensando que não era provável que lorde Denton chegasse antes da hora do chá e a essa altura Ilouka estaria longe.

— Você vai mandá-la numa carruagem, James? — suplicou lady Armstrong.

— É impossível. Vou precisar de todos os cocheiros e cava-lariços aqui, para ajudar na prova hípica e, além do mais. é muito longe para os nossos melhores cavalos.

Lady Armstrong ficou tensa e perguntou:

— Então como quer que Ilouka viaje para a casa da sua irmã?

— Ela pode ir na diligência, não será uma experiência nova

— respondeu sir James.

Era verdade. Antes de lady Armstrong se casar com sir James, teve que vender os cavalos, e ela e a filha não tinham outra alternativa senão viajar de diligência.

Após um breve silêncio, lady Armstrong falou:

— Creio que, como irá com Hannah, vai estar em segurança.

— Claro, e muito mais segura do que se fizesse a viagem na carruagem do correio — cortou sir James.

— As diligências são tão vagarosas e nem sempre param nas melhores estalagens — comentou lady Armstrong.

— Sendo uma viagem para o interior, não há muita escolha

— respondeu sir James, secamente.

Lady Armstrong estava perturbada, mas sabia que o marido tinha tomado uma decisão e se fosse implorar para ele mudar de idéia seria contraproducente por causa de Ilouka.

Ele já tinha prometido que ela iria passar a temporada em Londres e, apesar de ambos saberem que seria difícil por causa de Muriel, ele continuava com a intenção de abrir a casa de Londres para oferecer um baile em honra das duas moças. ,

Lady Armstrong tinha certeza de que, pelas costas, Muriel devia estar fazendo o possível para excluir Ilouka, mas também que seu marido era suficientemente leal para com ela, para não fazer o que a' filha pedisse. /

Por tudo isso. seria um erro aborrecê-lo agora. Ia rezar ainda mais para que Muriel se casasse com lorde Denton e Ilouka pudesse desfrutar a temporada, sozinha.

— Vou ver se Ilouka está pronta e se Hannah vai com ela. Você vai

pedir uma carruagem para levá-las até a estrada? E, por favor, peça a quem for levá-la para ver se lhe arranja um lugar confortável e para dar uma gorjeta ao guarda, para que ele cuide dela — pediu lady Armstrong.

— Você sabe que farei isso. Lamento muito ter que mandar Ilouka embora, minha querida, porque isso aborrece você, mas Denton é um bom partido e gostaria muito de tê-lo como genro — disse, colocando a mão no ombro da esposa.

O tom carinhoso disse mais que as palavras e lady Armstrong colocou a mão em cima da dele, dizendo:

— Você sabe, querido, que quero a felicidade de Muriel, assim como quero a sua.

Sim James inclinou-se para lhe dar um beijo, sem dizer mais nada, mas lady Armstrong percebeu, pela expressão de seus olhos, o quanto ele a amava.

Mas, apesar de tudo, continuava preocupada com Ilouka, embora, na verdade, não tivesse razão para tal. A única coisa aborrecida seria o cansaço e o tédio que Ilouka sentiria durante a longa viagem.

Na diligência não costumava haver jovens desordeiros que pudessem mexer com ela, apenas as mulheres dos fazendeiros, viajando para fazer compras na cidade, caixeiros-viajantes e talvez jovens fazendeiros, voltando para casa, depois de venderem cavalos numa feira ou de levar um rebanho de gado.

“E quem tomaria melhor conta de Ilouka do que Hannah?” — pensou, com um sorriso.

Depois da morte do coronel, Hannah tinha sido a única empregada que conservaram, por não ter dinheiro para mais pessoal.

Era uma presbiteriana rígida que achava o mundo um lugar de pecado, povoado de gente que não valia nada!

Até mesmo os comerciantes que apareciam na mansão tinham medo de Hannah. Lady Armstrong sabia que qualquer um que tentasse conversar com Ilouka, sem as devidas apresentações prévias, seria imediatamente desencorajado de sequer abrir a boca, pelo olhar severo de Hannah.

— Receio que vá ser uma viagem longa e cansativa para você, Hannah — disse para a velha empregada, no tom meigo que os empregados achavam irresistível.

— O dever acima de tudo, milady, e o bom Deus nunca disse que fosse

um prazer! — respondeu Hannah.

— Sei que Ilouka estará em segurança com você.

— Pode estar certa, milady.

— Mesmo assim — continuou lady Armstrong, como se falasse consigo mesma — gostaria que o patrão mandasse uma carruagem levá-las a Bedfordshire.

Os lábios de Hannah se estreitaram, dando-lhe uma aparência temível.

Perto dos setenta, as rugas do seu rosto eram profundas e quando ficava zangada parecia uma gárgula, como tinha comentado, certa vez, um criado insolente.

Hannah não aprovava sir James, desde que começara a cortejar a patroa, mas gostava muito do conforto da nova casa.

Ficava profundamente ofendida, sempre que as “suas senhoras”, como as chamava, eram destratadas.

— Tenho menos pena de mim por ter que viajar na diligência do que dos outros passageiros que vão ter que se haver com Hannah! Nem lhe conto como ela mete medo! — comentou Ilouka com a mãe, assim que ficaram sozinhas.

— Já percebi! — respondeu lady Armstrong, rindo.

Mãe e filha piscaram os olhos uma para a outra, imaginando Hannah, sentada muito ereta, controlando todos os outros passageiros, com os olhos.

Aqueles que estivessem conversando alegremente ou brigando emudeceriam e se um homem tivesse a ousadia de assobiar ia receber um olhar de desaprovação tão duro que fingiria imediatamente que estava a dormir.

As cartas que os homens gostam de jogar, durante uma longa viagem, seriam guardadas porque o jogo perderia todo o interesse sob o olhar acusador de Hannah e as crianças pequenas não fariam algazarra, escondendo suas cabecinhas no colo das mães.

— Estarei em perfeita segurança! Não se preocupe com a viagem, mamãe, só quando chegar àquela casa sinistra! — disse Ilouka.

As duas desataram a rir.

— Oh, querida, gostaria que as pessoas caridosas não fossem habitualmente lúgubres e sinistras. Agatha Adolphus espalha caridade de várias maneiras, mas estou certa de que aqueles que recebem devem querer sair de perto dela imediatamente e fazer alguma bobagem em seguida.

Ilouka abraçou a mãe, e disse, beijando-a:

— Eu te amo, mamãe! Você é sempre compreensível. Se, depois de passar um tempo com a Sra. Adolphus, eu fizer alguma coisa errada, não vai me censurar.

Lady Armstrong ficou assustada.

— Oh, Ilouka, eu não devia ter dito o que disse e por favor, querida, comporte-se como eu gosto, fazendo tudo do seu jeito adorável. Assim, talvez Agatha Adolphus não lhe pareça tão sinistra.

— Ela será! — respondeu Ilouka, à vontade. — Ela é como o rochedo de Gibraltar e nada, nem tempestade, terremotos, muito menos eu, a vai mudar.

As duas desataram a rir, mas, na manhã seguinte, Ilouka se agarrou na mãe, quando estava pronta para ir embora.

— Eu te amo, mamãe! Vou achar horrível ficar tanto tempo longe.

— Eu também vou sentir muito a sua falta, querida — respondeu lady Armstrong —, mas não podemos fazer nada.

— Nada — concordou Ilouka.

Não quis preocupar a mãe, contando que, na noite anterior, quando tinham ido para a cama, Muriel tinha dito:

— Certamente deve haver alguns homens em Bedfordshire e você tem que tentar agarrar algum deles.

Ilouka não respondeu e Muriel continuou, desagradável:

— Você já deve ter tentado bastante que alguns idiotas lhe façam a corte e agora, quando isso acontecer, só tem que aceitar.

Sentindo-se compelida a responder, falou, pouco à vontade:

— Não quero me casar com ninguém, enquanto não me apaixonar.

— Uma atitude muito louvável e romântica, principalmente se o eleito for rico, como meu pai! — escarneceu Muriel.

Ilouka ficou tensa e Muriel continuou:

— Foi muito conveniente, não foi? Sua mãe ficar praticamente sentada na soleira da porta, melancólica, com um ar patético, usando um modesto vestido preto, porque não podia comprar outro melhor.

A raiva e a maldade, contidas nas palavras de Muriel, transpareciam em seu rosto, fazendo Ilouka pensar que quando ela falava daquele modo ficava tão feia que dificilmente um homem quereria casar com ela, a não ser que fosse cego.

Como não queria se rebaixar a comentar uma mentira vergonhosa como aquela, assim que chegaram à porta do seu quarto, limitou-se a dizer:

— Boa-noite, Muriel. Você pode não acreditar, mas desejo que seja muito feliz e vou rezar para que lorde Denton lhe traga essa felicidade.

Sem esperar pela resposta de Muriel, entrou no quarto, fechando a porta.

Só quando se viu sozinha é que percebeu que estava tremendo, como sempre acontecia quando falavam mal de sua mãe.

Após a morte do pai, sua mãe achava impossível que viesse a se interessar por outro homem.

— Seu pai e eu fomos tão felizes, tão loucamente felizes! Agora, só quero morrer, para ir para junto dele — repetia vezes sem conta.

Ilouka olhava sempre para ela, horrorizada.

— Não pode falar assim, mamãe. É muito egoísmo da sua parte. Afinal de contas, se você morrer, vou ficar sozinha no mundo e sabe muito bem que não posso viver sem você.

A Sra. Compton abraçara a filha, com força.

— Tem razão querida, estou sendo egoísta. Mas sinto tanta falta de seu pai que para mim o mundo acabou desde que ele partiu.

Não obstante, por causa da filha, a Sra. Compton fez um esforço enorme para disfarçar.

Assim que ia para o quarto, à noite, chorava continuamente, mas durante o dia tentava sorrir e se interessar pelo que Ilouka estava fazendo.

Faziam longos passeios, conversavam sobre diversos assuntos, sabendo que, apesar de não mencionarem o nome do coronel Compton, ele estava sempre presente.

Até que, passada a primeira agonia do luto, sir James começou a aparecer e a Sra. Compton deixou de inventar desculpas para não o ver.

— Fará bem a você conversar com sir James — dizia Ilouka.

— Vá, penteie o seu cabelo, desça e tente ser agradável com ele.

— Oh, Ilouka, tenho mesmo que ir? Eu não quero — suplicava a Sra. Compton.

— Ele trouxe um cesto enorme de pêssegos e algumas uvas do seu pomar e, mesmo que você não queira as frutas, mamãe, Hannah e eu vamos apreciar muito comê-las, em vez do pudim de semolina do costume.

Sem vontade de discutir, a Sra. Compton acabava fazendo o que a filha

sugeria.

Era difícil explicar a Muriel que a mãe não tinha armado nenhuma armadilha para substituir o marido que tanto amava.

Apesar de tudo, hoje em dia, eles formariam um casal feliz se não fosse Muriel.

“Não me importaria de ficar até junto do diabo, se fosse preciso, para que Muriel tenha a oportunidade de se casar e ir embora daqui!” — pensou.

O pior era a tradição dos noivados serem longos.

Isso significava que teria que ficar escondida, praticamente até que Muriel tivesse a aliança no dedo, não fosse o noivo mudar de opinião no último instante.

Ilouka nunca tinha feito o mais ligeiro esforço para atrair a atenção de um homem, mas também as oportunidades foram muito poucas.

Apesar disso, os amigos do pai costumavam olhar para ela apreciativamente, quando vinham à mansão e mesmo quando era uma adolescente, de cabelos compridos, escorridos nos ombros, ouvia os elogios que a mãe recebia a seu respeito.

Enquanto os homens a olhavam com interesse, as mulheres, por outro lado, se ressentiam.

— Acho que tenho uma aparência um pouco teatral, mamãe

— comentou, certa vez, provocando a risada da mãe.

— Disparate! Isso é influência daquele comentário ridículo que seu pai fez — que devia estar num palco, uma vez que dança tão bem. O cabelo ruivo chama sempre a atenção, mas você, querida, tem a classe de uma verdadeira aristocrata.

— Como a minha bisavó?

— Exatamente! Nós só temos uma miniatura dela, mas seu avô tinha um retrato bem grande. Não sei onde foi parar.

— Eu nunca soube. Onde estava?

— Em casa de seu avô, e quando seu pai foi viajar com o seu regimento, seu avô morreu e a casa foi vendida. Ele nunca ficou sabendo o que aconteceu com o que havia lá dentro.

— Que frustração! Gostaria tanto de vê-lo.

— Era muito parecido com a miniatura e vocês são tão parecidas que pode-se dizer que o artista usou você como modelo.

A miniatura já estava bastante desbotada, mas a semelhança era

realmente incrível. Ilouka gostaria muito de ter alguma coisa que tivesse pertencido à bisavó, para a tornar mais real do que a sua imaginação permitia.

Mas era agora, aos dezoito anos, que Ilouka tinha desabrochado numa beleza tão plena que iria deslumbrar a alta sociedade.

Os cavalheiros de St. James apreciavam muito uma mulher bonita e não era por ser sua filha, mas lady Armstrong sabia ser difícil encontrar uma moça tão encantadora e fora do comum como Ilouka.

Olhando para ela, agora, com o traje de viagem, simples, mas ao qual ela dava uma elegância nata, lamentou terrivelmente que a filha tivesse que ser isolada em Bedfordshire.

Voltou a beijá-la, dizendo:

— Assim que você puder voltar, aviso imediatamente. Cuide-se bem, minha adorada.

— Prometo, mamãe.

Ilouka sorriu e entrou na carruagem de seu padrasto.

Olhando para o cocheiro de cartola emplumada e os cavalos com seus arreios de prata, lady Armstrong lamentou que o marido não tivesse tido a generosidade de permitir que Ilouka fizesse a viagem ali.

Mas as duas tinham tanto que lhe agradecer que era uma insensatez ficar ressentida com ninharias.

Não eram muitas as manias dele, mas como seu primeiro marido disse, uma vez, rindo:

— Todo homem tem o seu quê de avareza. Pela parte que me toca, infelizmente, é falta de dinheiro mesmo!

— Querido, nunca notei que você fosse pão-duro — respondeu ela, rindo.

— Só no tempo que passo longe de você — retorquiu o coronel. Esse tempo eu não quero desperdiçar. Evito gastar um segundo sequer longe de você.

Os dois se beijaram, esquecendo o assunto que estavam conversando.

Agora, vendo a carruagem que levava Ilouka se afastar, lady Armstrong ficou acenando até a perder de vista, rezando:

— Por favor, meu Deus, faça com que Ilouka encontre o amor que nós sentíamos um pelo outro.

Aquela prece saiu do fundo da sua alma, sabendo que nada que

pudesse desejar para a filha seria mais importante do que encontrar o verdadeiro amor, o amor que torna insignificante tudo o que existe no mundo.

CAPÍTULO II

A diligência que levava Ilouka e Hannah era lenta e desconfortável.

Como esperavam, era um veículo velho, bem diferente daqueles que circulavam nas estradas principais e, por isso, com melhores molas.

Mas naqueles tortuosos caminhos do campo não se tinha outra escolha. A diligência passava uma vez por dia, levando passageiros de uma vila para outra e parando frequentemente.

Ilouka, sempre interessada nas outras pessoas, conversava com as gordas esposas de fazendeiros que levavam cestos de pintinhos ou com suas filhas que iam para as vilas das redondezas, trabalhar pela primeira vez.

Hannah demonstrava claramente que desaprovava aquelas conversas, mas Ilouka não ligava, nem prestava atenção à maneira rígida como ela ia sentada, respondendo com monossílabos a quem lhe dirigia a palavra.

Pararam para almoçar numa estalagem típica de cidade do interior e, como tal, localizada em frente do prado.

Felizmente a estalajadeira teve o bom senso de não fornecer pratos sofisticados, servindo apenas presunto caseiro e queijo local que, para o gosto de Ilouka, era muito mais saboroso que qualquer outra coisa mais pretensiosa e mal cozinhada.

Tomou um copo de cidra caseira, apesar da insistência de Hannah para que bebessem chá, por causa da água fervida.

Ilouka gostaria de estar acompanhada por alguém mais jovem com quem pudesse dar boas risadas. Na verdade, preferia ter a mãe como companhia, sempre pronta a ver o lado divertido das coisas, em vez de reclamar de tudo e de todos, como Hannah.

Assim que estivesse em Stone House, com tia Agatha, ia escrever à mãe, diariamente, tentando relatar alguma coisa cômica que fosse acontecendo.

— Não vai ser fácil — pensou com um sorriso amarelo, sabendo que, em Stone House, os dias se seguiam com uma regularidade terrivelmente monótona, sem acontecer nada de especial.

Pararam na cidade do mercado, onde saíram alguns ocupantes da diligência e entraram dois novos passageiros, sem dúvida nenhuma mais

interessantes que os anteriores.

O homem, já com uma certa idade, tinha uma aparência bizarra que Ilouka não conseguia definir.

Obviamente não era rico, apesar de usar roupas com um bom corte e um sobretudo com gola de veludo.

Inicialmente, achou estranho que ele viajasse de diligência, mas, reparando melhor, viu que os sapatos, apesar de impecavelmente engraxados, estavam bastante gastos.

Depois de observar bem a moça que o acompanhava, achou que os dois deviam ser atores.

Ela era pequena e muito atraente, com cabelos pretos, olhos vistosos, realçados por uma camada de sombra, e os lábios pintados de vermelho.

Hannah demonstrou imediatamente a sua desaprovação, encostando-se muito ereta no assento.

Assim que a diligência começou a andar, a atriz falou pela primeira vez:

— Bem, graças a Deus, podemos descansar um pouco, vou estender as pernas! — disse, sentando-se de lado e colocando as pernas para cima, nos braços do assento.

— Faz muito bem — respondeu o homem, sorrindo. — Não quero você cansada antes de dançar, apesar de ainda termos pela frente uma noite de descanso, antes de chegarmos amanhã.

— Que tipo de lugar será? — perguntou ela, desconfiada.

— Espero que não seja muito desconfortável, mas amanhã à noite será um verdadeiro luxo.

O rosto dele se iluminou e Ilouka percebeu que amanhã seria um dia muito importante para ele.

Ficou imaginando para onde estariam indo e morrendo de vontade de perguntar se eram mesmo artistas.

O homem olhou para Ilouka pela primeira vez, com um ar espantado que a encabulou, fazendo com que desviasse o olhar para a janela.

Continuou com a sensação de que ele a fitava e, passado algum tempo, dirigiu-lhe a palavra:

— Desculpe, madame, mas permite que eu abra um pouco a janela? — perguntou numa voz profunda, melodiosa e surpreendentemente bem-educada.

— Sim, claro. A tarde está ficando muito quente e será agradável receber um pouco de ar fresco.

— Obrigado.

As correias de couro estavam gastas e só com dificuldade conseguiu abrir e fixar a janela. Mal terminou, a atriz disse:

— Tomara que não faça corrente de ar. Não quero estar com dor de garganta, amanhã.

— Se está vento demais para você, claro que volto a fechar a janela.

— Oh, deixe aberta, por enquanto!

O homem voltou a sentar-se, olhando para Ilouka.

— Esta diligência é muito lenta. Estávamos esperando há mais de uma hora — comentou ele.

— Os cavalos estão cansados — respondeu Ilouka. — Já vêm de longe, coitados.

— Também tenho pena deles, mas pelo menos a diligência não está com excesso de peso. Apesar de tudo, acho que é um veículo pesado demais para ser puxado só por dois cavalos.

Hannah remexeu-se ostensivamente, dando a entender que não queria que Ilouka ficasse conversando com estranhos.

— Sempre me entristeceu ver que todas as diligências levam gente e bagagem demais, para os cavalos que usam. Na verdade, ouvi dizer que um cavalo de diligência vive pouco mais que três anos!

— Concordo totalmente, madame, é lamentável! — respondeu o homem. — E o serviço, na maioria dos casos, é péssimo, apesar do preço exorbitante que cobram pela passagem.

— Eu falei que devíamos ter vindo pela carruagem do correio! — comentou a moça, com petulância. — Sinto os ossos rangerem com os solavancos deste ferro velho!

Como se sentisse obrigada a interferir, Hannah falou:

— Ainda temos uma longa viagem pela frente, Srta. Ilouka, por isso sugiro que feche os olhos e descanse, senão quando chegarmos vai estar tão cansada que nem vai conseguir dormir.

Ilouka sorriu, entendendo muito bem que Hannah estava tentando impedir que conversasse com o homem, mas, como não queria ficar calada, resolveu satisfazer sua curiosidade.

— Para onde estão indo, senhor?

— A Srta. Ganymede e eu estamos a caminho da mansão do conde de Lavenham! — disse, com muito orgulho.

— Isso se conseguirmos chegar lá! — comentou a Srta. Ganymede. — E, se chegarmos, vamos estar tão quebrados que não devo conseguir andar, quanto mais dançar!

— É dançarina? — perguntou logo Ilouka.

— Acho que dá para notar, mas conte-lhe o senhor, D'Arcy.

— Claro. Deixe que me apresente, madame. Meu nome é D'Arcy Archer, às suas ordens, e a senhora que me acompanha é a Srta. Lucille Ganymede, do Royal Olympic Theatre de Londres.

— Que interessante! Já ouvi falar nesse teatro. Li no jornal que estão levando uma peça chamada *Mary, rainha dos escoceses*, que adoraria ver.

— Isso mesmo, madame. Vejo que é bem informada.

— A peça tem feito sucesso?

O Sr. Archer soltou uma risada teatral.

— Na semana passada, um jornal comentou que a Rua Wych, onde fica o teatro, devia passar a se chamar rua do Fascínio, por causa do sucesso de Vestris e Foote — disse, explicando em seguida:

— Madame Vestris, de quem já teve ter ouvido falar, é a proprietária do teatro e Srta. Foote é a grande atriz que desempenha o papel de Mary.

— Ouvi falar de madame Vestris — respondeu Ilouka, lembrando-se que a mãe tinha ficado chocada com a publicidade que madame Vestris tinha conquistado quando apareceu no palco, fazendo papel de homem e mostrando as pernas.

Ilouka recordou que os jornais estavam cheios de notícias sobre o papel que ela desempenhara antes, na peça *Giovanni in London*.

Depois, ela tinha aparecido de calção no palco e a mãe de Ilouka comentou que era uma verdadeira afronta e que não entendia como as pessoas decentes iam assistir a semelhante coisa.

O pai, no entanto, tinha rido do assunto, dizendo: — Não é a peça que as pessoas vão ver, são as pernas lindas e bem torneadas de Lucy Vestris, minha querida!

— Com franqueza! — exclamou a Sra. Compton. — Tenho a certeza que o teatro está cheio de homens. Nenhuma senhora se prestaria a assistir a essa exibição escandalosa!

O pai desatou a rir de novo e Ilouka, curiosa, nos dias seguintes,

procurou em todos os jornais notícias sobre madame Vestris, desempenhando vários papéis, onde suas pernas apareciam em destaque.

Sabendo que o assunto chocava a mãe, não fazia nenhum comentário sobre madame Vestris com ela, mas anos mais tarde, sozinha com o pai, perguntou:

— Você já viu essa madame Vestris, de quem os jornais vivem falando, papai?

— Ela é uma mulher muito atraente, mas mesmo que estivesse interessado nela seria cara demais para mim.

Falou sem pensar e, ao ver a expressão intrigada no rosto da filha, apressou-se a acrescentar:

— Esqueça o que acabei de dizer. O que eu quis dizer é que todos os homens elegantes de St. James a cobrem de flores e de presentes caríssimos.

Depois disso, Ilouka se interessou ainda mais pelas notícias sobre madame Vestris.

Há três anos, viu desenhos dela na peça *John of Paris*, com saias pelos joelhos, e em *Captain Macheath*, vestida como um homem, com calça justa, gravata e chapéu alto.

Após a morte do pai, quando a mãe e ela se mudaram para a casa grande e confortável em St. James, Ilouka nunca mais se lembrou de madame Vestris e os teatros de Londres, sobre os quais costumava conversar frequentemente com o pai.

— E o senhor, também trabalha no Royal Olympic Theatre, Sr. Archer?

— perguntou, encantada com a oportunidade de poder conversar com artistas.

— Ainda não tive esse privilégio, mas a Srta. Ganymede e eu estamos indo trabalhar para o conde de Lavenham e seus amigos e creio que Sua Senhoria não vai ficar desapontada.

Olhou para a Srta. Ganymede e continuou:

— Tenho certeza, Lucille, que Sua Senhoria vai gostar muito da maneira como você imita madame Vestris.

— Espero bem que sim, depois desta longa viagem que temos de fazer, para mostrarmos o que é a nossa arte!

Ilouka reparou que o tom de voz da Srta. Ganymede era bastante vulgar, ao contrário da do Sr. Archer.

Querendo chamar a atenção, para que Ilouka não fosse o centro de

interesse do Sr. Archer, disse:

— Está fazendo corrente de ar! Pelo amor de Deus, feche a janela, senão amanhã vou ficar rouca e não conseguirei cantar uma única nota!

— Sim, claro, vou fechá-la imediatamente — disse o Sr. Archer, inclinando-se para frente para levantar a janela.

Estava mais difícil do que fora abri-la. Depois de várias tentativas, tirou o chapéu, levantou-se e deu um puxão mais forte. A correia de couro quebrou e a janela caiu para dentro da calha da porta.

— Veja o que você fez! — reclamou a Srta. Ganymede.

— Lamento, mas a correia estava podre e agora vai ser muito difícil puxar a janela.

Estava tentando levantar o vidro de dentro da porta, quando a diligência fez uma curva e deu um solavanco tão forte que o Sr. Archer teve que se segurar com as duas mãos.

O cocheiro berrou qualquer coisa e parou os cavalos de repente. A Srta. Ganymede deu um gritinho e Hannah comentou com azedume:

— Isto é uma desgraça! O que está acontecendo?

Lá fora, continuava uma gritaria incompreensível e, como a janela estava totalmente aberta, o Sr. Archer abriu o trinco da porta pelo lado de fora e pulou para a estrada.

Olhou para frente e gritou, vindo correndo para junto da porta, dizendo:

— Saiam! Saiam depressa!

Como Ilouka era a que estava mais perto, estendeu-lhe a mão e ela saltou imediatamente. Mal colocou os pés no chão, a diligência tombou, inclinando-se de modo estranho, o cocheiro largou as rédeas e saltou. Numa fração de segundo, com os cavalos tentando se soltar, o carro rolou ribanceira abaixo, perante o olhar horrorizado dos que estavam na estrada.

Ilouka ficou estática, sem acreditar no que acabava de presenciar. Ela, o cocheiro e o Sr. Archer estavam em pé, a um passo da ribanceira.

Espreitou para baixo, vendo os cavalos com as patas para cima, debatendo-se de medo, e o chefe da diligência que devia ter sido jogado fora na queda, dirigindo-se para junto deles.

O cocheiro começou a descer a ribanceira e só então Ilouka se deu conta de que segurava a mão do Sr. Archer com toda a força.

— Temos... que ir ajudar as pessoas... — balbuciou.

— Espere um momento. Mesmo neste fim de mundo, há de aparecer ajuda — disse, olhando para a direção de onde tinham vindo.

Realmente, dois homens, possivelmente fazendeiros, aproximavam-se, correndo.

— Como isto pôde acontecer? — perguntou Ilouka. — Se a estrada tinha desmoronado, deviam ter prevenido para não virmos por aqui.. .

— Pode ter desmoronado agora — respondeu o Sr. Archer. Pensou em Hannah presa dentro da diligência e aproximou-se da beirada, dizendo:

— Creio que devíamos descer, Sr. Archer. Mas ele a segurou, avisando:

— Tenha cuidado! Duvido que consigamos tirar as duas lá de dentro, sem mais homens para ajudar a virar o carro.

O cocheiro e o chefe tentavam acalmar os animais que estavam tão apavorados que não os deixavam chegar perto.

Então, como por milagre, começou a aparecer gente, vinda não se sabe de onde.

Talvez camponeses ou talvez gente da vila que, por algum instinto, ficou sabendo do acidente.

Fosse como fosse, já havia homens tentando levantar a diligência, outros tentando soltar os cavalos e alguns pegando os baús e outras bagagens que caíram do teto do veículo.

— Agora você senta aí, meu bem, que a gente não pode fazer nada lá embaixo — disse uma velha simpática, para Ilouka, ao ver que ela estava tentando descer.

— Tenho que ir ver minha empregada. Ela está presa lá dentro!

— Você não pode ajudar. Sente-se aí! Não é fácil, mas temos que aceitar que mulher só atrapalha, nestas situações.

Ilouka teve que admitir que ela tinha razão e continuou levantando-se, de minuto a minuto, para ver o que estava acontecendo.

Os homens estavam tendo muita dificuldade em levantar a diligência que estava meio enterrada na lama.

Gritavam uns para os outros dando ordens sem coordenação e ninguém obedecia.

Finalmente, depois do que a Ilouka pareceu uma eternidade, pensando como Hannah devia estar sofrendo e talvez até mesmo ferida, o vigário veio ter com ela.

— Disseram-me que está viajando com sua empregada, uma mulher de idade — disse ele.

— Ela está bem?

— Lamento ter que a informar que ela morreu — respondeu o vigário, baixinho. — E a outra moça também.

Ilouka sentou-se na miserável sala do vicariato, com o Sr. Archer, tentando se habituar à idéia de que nunca mais voltaria a ver Hannah, ouvir seus comentários secos e desaprovadores que, na maioria das vezes, a divertiam, por serem tão característicos dela.

A governanta do vigário ofereceu chá forte e alguns sanduíches que Ilouka comeu automaticamente, sem vontade.

— Não posso acreditar!

— Nem eu — respondeu lentamente D'Arcy Archer.

— O senhor. . . salvou minha vida tirando-me da carruagem, estou-lhe muito grata.

— Preferia que tivesse sido eu a morrer, em vez daquela pobre moça. Estou velho e acabei de perder a minha última chance. Ela não devia ter morrido.

— Por que a sua última chance? — perguntou Ilouka, para ser simpática.

— É um assunto que não a deve interessar, mas fui atingido pela minha falta de sorte habitual.

— Quer dizer que não tem conseguido trabalhar no teatro?

— Devo ter percorrido todas as agências teatrais de Londres — disse D'Arcy Archer, com amargura —, mas o único dinheiro que consegui ganhar foi cantando e contando anedotas em tabernas e a freguesia desse tipo de lugar não é muito generosa.

— Lamento muito — comentou Ilouka, sem saber o que dizer.

— Então ontem, sem mais nem menos, tive a oportunidade da minha vida.

— Qual foi?

— Estava no escritório de um empresário, quase implorando de joelhos que ele me conseguisse algum trabalho. Qualquer coisa, só para não passar fome.

Respirou fundo e continuou:

— Passar fome, sim! Pode ser que fique chocada, mas era a pura

verdade.

— E o que foi que aconteceu?

— Ele estava dizendo que não tinha nada e que já estava farto de me ver na frente, quando chegou um mensageiro de libré entregando-lhe uma carta. Solly Jacobs, esse agente, pegou a carta e leu, enquanto eu esperava.

— Diga ao seu patrão que não tenho ninguém que queira ir para o interior, nesta altura em que há bastante trabalho aqui em Londres — disse para o mensageiro.

Ilouka ouvia com toda a atenção e, encorajado, o Sr. Archer continuou:

— Eu posso ir para o interior! — afirmei, desesperado. Solly Jacobs desatou a rir.

— Oh, você pode, não é? Ora. Sua Senhoria quer alguém bonito e jovem para divertir seus amigos.

— O que é que Sua Senhoria está pedindo? — perguntei rapidamente, antes que o mensageiro fosse embora.

Solly Jacobs atirou a carta por cima da mesa, para eu mesmo ler.

— Peguei no papel com as mãos tremendo. Tinha o pressentimento de que aquilo iria significar muito para mim, que a minha sorte ia mudar.

— O que dizia a carta?

— Que o conde de Lavenham queria dois artistas para animarem a festa que ia dar amanhã à noite, na sua casa de campo em Hertfordshire. Pagaria o que fosse preciso, desde que fossem muito bons.

D'Arcy Archer fez uma pausa, para ver se Ilouka estava impressionada com a história, e continuou:

— Deve ter ouvido falar do conde de Lavenham, a celebridade das corridas de cavalos, milionário e sempre rodeado de mulheres lindas.

— Não, nunca ouvi falar nele... pelo menos, acho que não — murmurou Ilouka.

— Então acredite em mim, ele é a figura mais proeminente da alta sociedade.

— Continue a sua história.

D'Arcy Archer perdeu um pouco o ar abalado e continuou, mais animado:

— Se Sua Senhoria quer o melhor, ele vai ter. Pode deixar comigo! — disse para Solly Jacobs.

— De que é que você está falando? — perguntou ele.

– Estou dizendo que posso arranjar o que ele quer.

– Como?

– Bem, acha que um dos astros da revista vai agradar Sua Senhoria e seus amigos?

– Se está querendo dizer que vai tentar levar madame Vestris, esqueça. Ela não vai se dar ao incômodo de sair de Londres por homem nenhum, nem mesmo Lavenham!

– Não estava pensando na própria Vestris, mas que tal uma substituta?

D'Arcy Archer fez uma pausa, desatando a rir.

– Precisava ver a cara de Solly Jacobs!

– Tem certeza de que a pode contratar? – perguntou ele.

– Quase absoluta. Faz um pequeno papel na peça e é duble de madame Vestris. É uma parente minha.

– Não acredito!

– Verdade! Lucille Ganymede é esse seu nome e ela não vai aceitar pouco dinheiro! Mas eu arranjo tudo.

– Pela expressão dele, vi que não estava acreditando muito mas, por outro lado, não queria deixar de atender ao conde. Mandou o mensageiro embora, dizendo para voltar duas horas depois para saber a resposta, e me disse:

– Você tem duas horas, para ter tudo arrumado.

– Pode ficar descansado, mas agora quero saber quanto vai extorquir de Sua Senhoria.

– Isso é comigo! Mas pode deixar que não vou deixar você e a garota saírem perdendo. Pagarei cinquenta libras no total. Você paga à garota. Eu fico com o resto.

D'Arcy Archer suspirou.

– Eu sabia que o resto seria a parte do leão, mas não estava em posição de discutir. Lucille não ia cobrar barato, mas como naquele momento também estava com pouco dinheiro, porque tinha perdido o seu protetor, chegaríamos a um acordo razoável.

– Se ela estava trabalhando no Royal Olympic Theatre, como poderia se afastar? – perguntou Ilouka.

– Posso explicar. A última temporada do Royal Olympic tinha acabado de terminar. Começou em janeiro e acabou em abril. Madame

Vestris e o resto do elenco estavam de férias, antes de reabrirem.

– Ah, entendo! Então a Srta. Ganymede estava livre!

– Exatamente! E ficou radiante com a idéia de conhecer o conde. Não existe atriz em Londres que não fique de olho nele, mal entra no camarote do teatro.

Deu uma risada, antes de dizer:

– A maioria delas quase fica de joelhos, na esperança de que ele as convide para cear, mas, como tem fama de ser muito exigente, uma delas comentou comigo uma vez:

– É mais fácil ser convidada para uma farra na lua do que para sair com o convencido do conde de Lavenham.

– Ele é assim tão importante? – perguntou Ilouka.

– É, e se o visse entenderia porquê. Um aristocrata dos pés à cabeça, com uma personalidade tão forte que você nunca mais o esqueceria.

Fez uma pausa e continuou:

– E tudo onde ele toca vira ouro. Seus cavalos chegam sempre em primeiro lugar, os jogadores tremem quando ele se aproxima de uma mesa de jogo e não há nenhuma mulher bonita que não esteja disposta a cair em seus braços, como um pêssago maduro!

Ilouka deu uma risada.

– Era tudo para rir mesmo – disse D'Arcy Archer, abatido novamente –, mas agora entende que, sem a Srta. Ganymede, nem vale a pena continuar minha viagem até a casa do conde?

– Continuou, cheio de amargura:

– Terei que voltar para Londres, dizer a Solly Jacobs que falhei e certamente ele vai querer de volta as cinquenta libras.

– Mas o senhor não teve culpa.

– Vá dizer isso a Solly. Vai exigir o dinheiro de volta, sem conversas.

D'Arcy Archer desmoronou na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos.

– Para que continuar lutando? Estou velho, acabado e quanto mais cedo for para a sepultura, melhor!

Apesar do tom dramático, Ilouka sabia que ele estava falando sério.

Era muito triste ter perdido a última oportunidade de conseguir algum dinheiro.

Com a ajuda do conde, se ficasse satisfeito, o Sr. Archer poderia conseguir outros contratos, mas agora, como seu pai dizia, estava fora da

jogada.

“Pobre homem”, pensou, sentindo que para ele tinha sido tão duro perder a jovem atriz, como para ela perder Hannah.

Sua mãe ficaria muito triste quando soubesse que Hannah tinha morrido. Apesar de não se propriamente uma pessoa agradável, fazia parte da sua infância e ia sentir muito a sua falta, principalmente em Stone House.

Ela, pelo menos, seria uma proteção. Agora, teria que ficar sozinha com a Sra. Adolphus, tendo que se controlar sempre que ouvisse comentários menos agradáveis sobre sua mãe, ou fizesse alguma coisa errada.

Suspirou fundo, pensando que, assim que o vigário chegasse, teria que perguntar quando haveria outra diligência que a levasse ao seu destino.

Como se tivesse havido uma transmissão de pensamento, o vigário entrou na sala.

Sentou-se ao lado de Ilouka, dizendo suavemente:

— Tá tratei de tudo, Srta. Compton, para que a sua empregada e a jovem sejam enterradas amanhã de manhã. O marceneiro local está fazendo os caixões neste momento, e, como penso que deve querer continuar a viagem, não vejo necessidade de esperar mais tempo.

— Não... claro que não. E muito obrigada por todo este trabalho que está tendo.

Ilouka fez uma pausa, depois perguntou:

— Há algum lugar na vila, onde eu possa passar a noite?

— Pode ficar aqui — disse imediatamente o vigário. — Pensei que tivesse deixado bem claro. Já disse à minha governanta para preparar um quarto para a senhorita e outro para o Sr. Archer.

— É muita gentileza sua, senhor — agradeceu D'Arcy Archer.

— Desculpem se a minha casa não é luxuosa — disse o vigário com um sorriso acanhado — mas, pelo menos, os quartos são limpos, muito mais do que os da estalagem.

— Fico muito agradecida — disse Ilouka, pensando como sua mãe ficaria horrorizada se soubesse que tinha que dormir numa pensão, sem uma dama de companhia.

— A que horas deve passar a diligência amanhã? — perguntou D'Arcy Archer. — Não para me levar para onde estava indo, mas para voltar para Londres.

— Vou ter que me informar — respondeu o vigário. — Há um homem

na cozinha que deve saber — disse, levantando-se.

Mal ele saiu, Ilouka falou:

— Lamento muito, Sr. Archer. Gostaria de poder ajudar.

— Eu também gostaria que pudesse.

De repente, como se ela lhe estivesse induzindo a idéia, ele a fitou profundamente, reparando como era linda e graciosa. Chegou-se para frente, inclinando-se para Ilouka.

— Sabe cantar, Srta. Compton?

— Sempre cantei em casa e, falando nisso, uma das músicas que minha mãe costumava me acompanhar ficou célebre, cantada por madame Vestris. É uma música bávara chamada *Bring my broom*.

D'Arcy Archer ficou sem fôlego e apertou as mãos para se controlar, dizendo:

— E tenho certeza, certeza absoluta, que sabe dançar. Ilouka sorriu, os olhos brilhando.

— Seria uma vergonha se dissesse que não. Todo mundo diz que danço muito bem. Para ser franca, adoro dançar!

Depois de uma pequena pausa, D'Arcy Archer disse, num tom esquisito:

— Sabe o que vou lhe pedir... não, pedir, não, rogar, suplicar, implorar?

Ilouka olhou para ele, admirada.

— Do que é que o senhor está falando?

— Estou lhe pedindo que me salve, que me dê a chance que o destino me roubou ou, quem sabe, o diabo!

— Eu... eu não... entendo.

— É muito simples. Seria capaz, por caridade, de salvar um velho de morrer de fome?

— Está... pedindo-me... dinheiro? — perguntou, meio sem jeito, embaraçada por aquela súplica. Já tinha tentado encontrar uma maneira de lhe dar algumas libras, sem o ofender.

— Não se trata de dinheiro — respondeu ele rapidamente, em voz baixa. — Quero que tome o lugar de Lucille. Se fizer isso, estará salvando minha vida!

Ilouka ficou tão espantada que por instantes achou que não tinha entendido bem.

Pensou que lhe tinha perguntado se sabia cantar e dançar, por curiosidade, mas nunca lhe passou pela cabeça que fosse para substituir a atriz e ir com ele ao compromisso com o conde.

A primeira reação foi negar, mas uma voz marota assobiava a seus ouvidos, dizendo:

— Por que não?

Seria uma obra de caridade. Estava certa de que a história que ele tinha contado era verdadeira e o desespero pela morte de Lucille, sincero.

De um lado, pensava na reação chocada da mãe se soubesse, de outro a casa feia e triste que a esperava em Bedfordshire.

Quase podia ouvir a voz desagradável da Sra. Adolphus, fazendo com que se sentisse prisioneira durante as semanas ou meses que tivesse que ficar lá, se Muriel não fosse pedida em casamento depressa.

Mais uma vez se sentiu perdida, sem Hannah.

Pelo menos, a velha empregada era leal à sua mãe e do seu jeito a iria proteger da agressividade da irmã do padrasto.

“Se eu fizer o que o Sr. Archer quer, pelo menos terei um dia a menos em Stone House, porque, mesmo que tia Alice me deixe ir para lá, não poderei ficar muito tempo. São pobres e terei que voltar para Stone House.”

A sua cabeça fervilhava com aquilo tudo.

“Não posso ir para lá, sem Hannah” — pensou.

D'Arcy Archer olhava para ela, suplicante, de mãos juntas, como um cachorrinho pedindo socorro ao dono.

— Acho que exagerei um pouco... o meu talento — balbuciou Ilouka.

— Certamente, não sei fazer nada, com o profissionalismo que o senhor espera.

— Vou ser franco e dizer que, apesar de Lucille dançar bastante bem e ter uma bonita voz de contralto, não poderia ter substituído madame Vestris, ela tinha pouca personalidade e não era, de forma alguma, tão bonita quanto a senhorita.

Fez uma pausa e acrescentou, impulsivamente:

— Não a estou lisonjeando, Srta. Compton. Estou apenas dizendo a verdade. A senhorita é a moça mais linda que vi em toda a minha vida!

— Obrigada, mas, apesar de querer ajudá-lo, Sr. Archer, tem que entender que não tenho nenhuma experiência teatral e que, mesmo numa casa particular, um espetáculo desses chocaria minha mãe.

– Creio que o palco é sempre um lugar suspeito, no entender das mães e senhoras da sociedade. Mas prometo, Srta. Compton, que vou tomar conta de você e que todos a tratarão com respeito.

Fez uma pausa, antes de continuar:

– Sei que o conde anda muito interessado numa jovem e talentosa atriz que está despontando em Drury Lane e, de uma ponta a outra da alta sociedade, leva sempre a melhor!

– O que o senhor está querendo me dizer, Sr. Archer, é que em circunstância nenhuma ele se interessará por mim?

– Estou apenas tentando tranquilizá-la. A sua visita não terá nada a ver com o conde, nem, espero, com nenhum dos seus amigos. Sempre ouvi dizer que escolhe muito bem as pessoas que costuma convidar.

– Pelo visto, o senhor sabe muito sobre ele – comentou Ilouka.

D'Arcy Archer desatou a rir.

– Talvez eu esteja transformando em conhecimento o que não passa de fofoca de bastidores e conversa de homens que se juntam para falar de corridas de cavalos.

– Meu pai sempre se interessou por turfe e eu devo ter ouvido falar no conde, mas não me lembro de ter escutado algum comentário sobre ele ter ganhado o Derby ou a taça de ouro em Ascot.

– Ele ganhou o Derby, três anos atrás, mas nessa altura o seu nome era Hampton – esclareceu D'Arcy Archer.

– Oh, mas é claro! Agora sei de quem está falando. Ele ganhou com um cavalo chamado Apoio que meu pai dizia ser o mais belo que tinha visto na vida.

– O conde ficaria radiante se a ouvisse. Ilouka olhou para ele espantada.

– Eu não disse que aceitei a sua proposta desconcertante.

– Mas vai aceitar, não vai? Como posso lhe explicar o que isso significa para mim, Srta. Compton? Se acredita em orações, creia que estou rezando com todo o fervor para que seja uma boa samaritana e me salve.

Ilouka levantou-se.

– Apesar de ser a decisão certa, o senhor está tornando muito difícil a minha recusa.

– Se a gente fizer só aquilo que é certo, o mundo passará a ser um lugar muito aborrecido. Encare isto como uma aventura, Srta. Compton, uma

coisa para recordar ou, pelo menos, um ato de coragem e, certamente, de caridade cristã.

Ilouka foi até a janela.

Fitou o jardim malcuidado, sem reparar nas sombras que os últimos raios de sol produziam.

Na sua frente, via os campos planos de Bedfordshire, morrendo num horizonte cinzento, a voz da Sra. Adolphus, cortante como aço, ferindo-a em cada palavra que proferia.

Uma aventura! Algo excitante, novo, algo que iria ajudar um homem que independentemente da sua vontade, tinha acabado de perder a oportunidade da sua vida.

Como poderia recusar? Não podia, simplesmente, dar-lhe cinco libras e varrê-lo da sua vida.

Voltou da janela.

— Aceito o que o senhor me pediu, Sr. Archer — disse tranquilamente.

CAPÍTULO III

Seguiram viagem na carruagem-correio que D'Arcy Archer, a muito custo, conseguiu encontrar e que Ilouka achou muito mais confortável que a velha diligência.

Por causa dos funerais de Hannah e Lucille Ganymede, perderam a diligência que passava pela vila, de manhã cedo:

Diante das campas abertas no átrio da igreja, rodeadas de pedras tumulares com centenas de anos, Ilouka tinha a sensação de que tudo aquilo não passava de um pesadelo.

Parecia impossível ter saído de casa com Hannah, com seu jeito brusco e desagradável, e que, só pelo lugar que ocupava na diligência, ela tivesse morrido.

“Se eu estivesse sentada onde ela estava, teria morrido e ela estaria viva”, pensou.

Mas esse fato não podia ser apenas atribuído ao destino, ou a qualquer força superior à compreensão dos homens. Fosse qual fosse a explicação para a morte de Hannah, Ilouka tentou rezar fervorosamente pela alma dela, para que encontrasse a paz e a felicidade, no céu.

A seu lado, o Sr. Archer estava triste e envelhecido, como se com a morte da jovem atriz que tinha trazido de Londres tivesse perdido não só as esperanças e ambições, mas talvez os últimos vestígios da sua juventude.

Ilouka resolveu deixar de ficar imaginando coisas e prestar atenção no serviço fúnebre, rezando pela alma das pessoas que tinham partido.

Depois de agradecer ao vigário, por toda a gentileza e hospitalidade, e de dar gratificação à governanta que ficou espantada com tanto dinheiro, Ilouka estava contente de poder ir embora.

Tudo aquilo devia ser esquecido, especialmente o momento terrível em que a diligência rolou ribanceira abaixo.

Pelo vigário, ficou sabendo que um cavalo tinha quebrado a perna e tivera de ser abatido e o outro ficara muito nervoso com o acidente e teria de ficar em repouso por vários dias.

“Pelo menos, uma notícia menos má”, pensou, certa de que os donos das diligências iriam colocar o animal em serviço o mais rápido possível.

Assim que desceu para tomar o café, D'Arcy Archer informou que tinha mandado pedir na estalagem mais próxima que mandassem vir a carruagem-correio.

— Vai demorar algum tempo, mas não queria que a senhorita pegasse novamente uma diligência, mesmo que tivéssemos podido tomar a que passou por aqui, às oito da manhã — disse ele.

— Devo admitir que ficaria bastante nervosa — respondeu Ilouka.

— Estive pensando também — continuou D'Arcy Archer, meio acanhado —, que, como não é uma atriz pobre, que precisa do salário para viver, Srta. Compton, talvez não queira ter uma remuneração tão alta quanto a que Lucille ia pedir.

Ilouka ficou sem saber o que responder, mas passado um momento, falou:

— Espero que entenda, Sr. Archer, que só estou fazendo isto para ajudá-lo e que não vou, de modo algum, aceitar qualquer espécie de pagamento. De acordo com suas próprias palavras, é apenas um “ato de caridade”.

Pela expressão sorridente do Sr. Archer, viu que ele estava esperando essa reação da parte dela e feliz por poder ficar com todo o dinheiro.

— Só espero que esta noite eu consiga fazer sucesso e que Sua Senhoria e seus amigos o contratem para outras festas — continuou Ilouka. — Não será difícil substituir a Srta. Ganymede, com o tempo.

— Talvez um dia eu possa lhe agradecer por tudo que está fazendo, mas, neste momento, não consigo encontrar palavras para tal.

— Então não diga nada.

Assim que entraram na carruagem-correio, D'Arcy Archer, com todo o profissionalismo, começou a explicar a Ilouka tudo o que ela deveria fazer.

— Nessas ocasiões, normalmente, os atores trabalham na sala de jantar, enquanto os cavalheiros ainda estão sentados à mesa, bebendo vinho do Porto.

Ilouka ficou admirada.

— Não sei por que, sempre supus que uma pessoa tão rica como o conde de Lavenham tivesse um teatro privativo ou, pelo menos, uma sala de música, onde essas coisas aconteciam.

— Estou certo de que Sua Senhoria tem ambos, mas hoje à noite será um espetáculo mais informal e luxuoso, uma versão aristocrática do que

tenho feito atualmente em tabernas — disse, demonstrando que não tinha sido uma experiência agradável.

Ilouka resolveu mudar de assunto, perguntando o que ia incluir no programa.

— Primeiro, tocarei uma música alegre...

— O senhor é pianista? — interrompeu Ilouka.

— Foi como comecei, numa orquestra da Casa Italiana de Ópera, mas como não queria trabalhar em grupo tentei trilhar meu caminho, sozinho.

— O que é que o senhor fez?

— Batalhei! Fiz parte de peças de Shakespeare, viajei pelo interior, cantei, dancei e uma vez ou outra acompanhei ótimos cantores.

— Deve ter sido uma vida muito interessante.

— Foi, mas agora estou velho e ninguém se interessa por velhos... — respondeu com amargura.

Vendo que Ilouka se entristeceu, resolveu continuar dando instruções para não a deprimir.

— Depois, vou fazê-los rir, com canções ao piano e anedotas que é melhor não escutar.

Percebendo a admiração de Ilouka, explicou:

— É uma festa de homens, Srta. Compton, e creio que não haverá nenhuma senhora presente.

Ilouka não sabia que ele estava querendo dizer que o conde poderia ter convidado outro tipo de mulheres bem diferente, o que certamente iria chocar uma garota da sua idade.

— Estamos indo para a casa de campo do conde, o lar da família Hampton, que é o que há de mais nobre na Inglaterra — disse ele, mais para se tranquilizar, na esperança de que, por mais leviano que o conde fosse em Londres, não iria trazer mulheres de moral duvidosa para a sua própria casa.

— E, quando acabar de cantar, o que vai acontecer? — perguntou Ilouka, para romper o silêncio que se seguiu.

— Anunciarei você como alguém cheia de talento e originalidade, você aparece e canta.

— Que música?

— Isso teremos que ver e ensaiar, assim que chegarmos lá. Fez uma pausa, antes de dizer:

— Disse que sabia a *Bring my broom*, que madame Vestris canta com

tanto brilhantismo, mas não creio que seja muito adequada para você. Que outras músicas populares sabe?

— Estive pensando nisso ontem à noite. Sei *The mountain maid*, *The month of maying* e uma balada da *Ópera do mendigo*.

— Então temos escolha, depois faremos um bom ensaio — respondeu, sorrindo.

— Obrigada.

— Em seguida, vai dançar. Que tipo de música quer que eu toque? Mesmo sem ter visto, estou certo de que é uma dançarina com muita leveza e graça.

— Espero que sim, mas sabe bem que não passo de uma amadora.

— Isso não importa.

— Então, se posso escolher e o senhor souber, gostaria de dançar uma música cigana. Tenho sangue húngaro nas veias e mal ouço uma sinto uma vontade irresistível de dançar. Tenho a sensação de que tenho asas nos pés. Pena que não haja um violino, seria mais próprio.

O Sr. Archer ficou satisfeito e foi cantarolando algumas bem melodiosas e Ilouka sentiu que a inspirariam para dançar, como seu pai adorava ver.

Pararam no caminho para trocar os cavalos e beber um copo de cidra e seguiram viagem, tranquilamente.

— Por este andar deveremos chegar lá por volta das quatro da tarde. Espero que não se sinta muito cansada para podermos ensaiar a canção e escolher a música que irá dançar.

— Não estou cansada, apesar de ter ficado acordada muito tempo durante a noite, pensando na pobre Hannah.

— Tente esquecer. Foi uma experiência terrível que só acontece uma vez na vida. Não se repetirá.

— Espero que não.

Ilouka sentia-se culpada, não por causa de Hannah, mas por estar indo para uma casa desconhecida, para onde não tinha sido convidada.

Por outro lado, a alternativa de ir numa diligência, sozinha, para casa de tia Agatha, em Bedfordshire, era bem pior.

“Pelo menos quando chegar lá terei alguma coisa para pensar e recordar, para aliviar o tédio daquela casa”, pensou, sabendo, no entanto, que o seu comportamento era altamente censurável e que, se a Sra. Adolphus

ficasse sabendo, no mínimo, teria um ataque cardíaco.

“Só papai poderia entender este meu desejo de aventura”, pensou para aliviar sua consciência.

Olhou de relance para o Sr. Archer. Estava realmente muito velho e quando não estava sorrindo, ou tentando ser agradável, seu rosto parecia uma máscara.

As rugas ao redor dos olhos e as que desciam do nariz até a boca eram tão proeminentes que era óbvio que ninguém o contrataria.

“Ao menos, o dinheiro que receber agora vai proporcionar-lhe um pouco de conforto, por algum tempo”, pensou Ilouka, mais animada, achando que, se se recusasse a ajudar aquele homem, iria sentir remorsos para o resto da vida.

Mais cedo do que D'Arcy Archer esperava, a carruagem entrou por um imponente portão, encimado por um brasão e ladeado de pedra.

Excitada, Ilouka foi apreciando os velhos carvalhos que beiravam a extensa avenida que ia dar numa mansão magnífica, estilo georgiano, com um bloco central e duas alas laterais de uma arquitetura primorosa e muito bela.

O Sr. Archer também estava impressionado, mas nenhum deles abriu a boca, até a carruagem atravessar uma ponte, numa parte mais estreita do lago, onde cisnes brancos e pretos deslizavam suavemente.

Pararam junto a uma escadaria de pedra que ia dar na porta principal.

Criados com librés verdes e amarelos desceram apressadamente para ajudá-los e retirar as bagagens. Ilouka reconheceu nos uniformes as mesmas cores que o duque usava nas corridas de cavalos.

D'Arcy Archer pagou ao cocheiro e começou a subir as escadas, com um ar solene e autoritário.

O mordomo os cumprimentou, mas sem o mesmo respeito que teria se ela chegasse com a sua verdadeira identidade.

— Creio que os senhores são os artistas que Sua Senhoria avisou que iam chegar. Os vossos quartos estão prontos e Sua Senhoria mandou colocar um piano na sala de estar que fica ao lado, para o caso de precisarem.

— Foi muita consideração. Sua Senhoria está em casa neste momento?

— perguntou D'Arcy Archer.

— Não, senhor. Sua Senhoria e seus convidados foram para as corridas.

Um criado os levou para cima por um longo corredor, no fim do qual havia uma suíte composta de dois quartos e uma sala, com o piano.

Ficava tão deslocado na decoração, que se via, claramente, que tinha sido colocado ali apenas em consideração a eles.

Como o Sr. Archer tinha dito, o conde tinha um romance com uma talentosa atriz que despontava em Drury Lane, por isso devia saber o que os artistas precisavam para ensaiar.

Trouxeram as bagagens para cima e duas camareiras vieram desfazê-las para Ilouka.

Como tinha trazido uma bagagem enorme, pensando que sentir-se bem-vestida iria melhorar o seu estado de espírito em Bedfordshire, pediu às camareiras para tirarem das malas apenas o que ia necessitar para essa noite.

De repente, ficou intrigada ao ver mais um baú, além dos seus. Era velho e nunca o tinha visto.

Ia pedir para o colocarem no quarto do Sr. Archer, quando se lembrou que devia pertencer a Lucille Ganymede.

Se ela costumava imitar, ou substituir madame Vestris, cantando as músicas que ela tornara famosas, certamente costumava usar roupas de homem também. E se o Sr. Archer estivesse esperando que ela também as usasse?

Resolveu não se preocupar à toa.

A mala de Lucille Ganymede naquele quarto lhe dava um certo mal-estar, porque pertencia a uma morta e porque continha roupas que ela considerava ousadas e indecentes.

— Esse baú está cheio de adereços que não vou precisar esta noite. Será que o podia levar para a sala, ou para outro lugar qualquer, até irmos embora? — pediu a uma das camareiras, apontando para ele.

— Muito bem, senhorita.

Ilouka reparou que as duas, enquanto desfaziam as malas, olhavam para ela como se fosse um ser irreal, o que a divertiu.

Trocou a roupa de viagem por um vestido simples e caro que sua mãe tinha comprado em Londres e foi para a sala, onde o Sr. Archer já estava sentado ao piano.

Continuou tocando e, sem se virar, perguntou:

— É deste tipo de música que gosta?

Correu os dedos pelo teclado e começou a tocar uma melodia que deu

imediatamente a Ilouka a imagem de músicos ciganos, com suas roupas coloridas e caravanas pintadas.

Ficou escutando, encantada, até D'Arcy Archer virar a cabeça, dizendo:

– Esperando o seu veredito, Srta. Compton.

– É perfeita! Mas, se me perdoa, prefiro não ensaiar a minha dança. Gosto mais de dançar espontaneamente, de acordo com a música.

– É assim que fala uma verdadeira profissional! – exclamou ele. Mas temos que ensaiar as canções que vai cantar, para que eu possa acompanhá-la corretamente.

– Sim, é claro.

Foram interrompidos por dois criados, trazendo uma bandeja de sanduíches de pão muito fino e grande variedade de bolos que Ilouka recebeu com alegria, depois da refeição frugal que tinham tomado.

O Sr. Archer devorou o lanche, como se tivesse medo que a comida desaparecesse, antes de podê-la apreciar.

Mais tarde, lembrando-se desse momento, Ilouka imaginou que ele devia ter passado muita fome e teve medo que isso voltasse a acontecer.

– Se tiver alguma oportunidade, vou pedir ao conde para recomendá-lo aos amigos. Assim, pelo menos durante algum tempo, não vai passar fome, nem recear tanto o futuro.

Depois de lanchar, ensaiaram duas ou três músicas. D'Arcy Archer achou melhor que ela cantasse *The mountain maid* e insistiu para que fosse descansar um pouco.

– Quero que esteja muito bem esta noite e pareça a própria deusa Diana, despontando da floresta.

Ilouka desatou a rir.

– É um comentário muito amável. Eu não posso imaginar nada mais agradável – respondeu despreocupadamente, sem reparar na expressão de receio que apareceu no olhar de D'Arcy Archer, como se tivesse medo por ela e não quisesse demonstrar.

Ilouka estava deitada e quase dormindo quando ouviu uma voz autoritária, falando com o Sr. Archer na sala.

A princípio, era apenas um som que se misturava com seus pensamentos, já quase transformados em sonho, depois foi se tornando real. Devia ser do dono da casa que tinha voltado e estava dando algumas

instruções ao artista.

Prestou atenção. A voz traduzia o que sempre tinha ouvido sobre o conde de Lavenham, clara e autoritária, fria, distante, quando falava com um inferior.

“Acho que com todas as propriedades que tem. o sucesso como esportista e com todas essas mulheres bonitas correndo atrás dele, deve ser insuportável e presunçoso”. pensou.

Sem saber por que, naquele momento sentiu raiva do conde, apesar de nunca o ter visto.

Era como se ela fosse mesmo uma atriz pobre e ambiciosa, desejando a proteção dele para prosseguir na carreira e, tal como o Sr. Archer, rezando que a aprovação do conde, de certa forma, mudasse o seu futuro.

Depois da morte do pai Ilouka tinha sabido o que era ser pobre e viver apavorada por não ter dinheiro, por isso compreendia muito bem quem estava na mesma situação.

Ouvia a voz do Sr. Archer e, apesar de não entender o que dizia, percebia que estava sendo humilde e submisso, como se estivesse se ajoelhando diante do conde.

“Não está certo que um homem tenha tanto e outros tão pouco. Duvido que ele nutra qualquer tipo de simpatia pelos mais necessitados”, pensou.

Voltou a jurar para si mesma que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para fazer com que o conde ajudasse o Sr. Archer, isso, se conseguisse falar com ele a sós durante a sua estada ali.

O mais provável é que, quando acabassem o espetáculo, saíssem da sala de jantar, ou de onde estivessem trabalhando e na manhã seguinte fossem mandados embora como uma mala velha que a gente joga fora e nunca mais se lembra dela.

A sala ao lado ficou em silêncio. O conde devia ter ido embora.

“Deu suas ordens e tudo o que temos a fazer é cumpri-la à risca!”, pensou, e, cansada, voltou a adormecer.

Esperando atrás das cortinas que separavam a sala de jantar do estrado onde iam atuar, Ilouka ouvia as vozes e os risos dos convidados do conde, reparando no nervosismo crescente do Sr. Archer. Divertida, pensou que ele parecia ser o amador e ela, a profissional.

Não estava preocupada, porque, se os convidados do conde não

gostassem do seu trabalho, não teria importância nenhuma. Só o Sr. Archer iria sofrer e por isso queria ter um ótimo desempenho.

Apesar da raiva gratuita contra o dono da casa, ela não conseguia apontar uma falha sequer, no modo em que estavam sendo tratados.

Certamente os quartos que lhes tinham sido destinados não eram os melhores da casa, mas mesmo assim, muito confortáveis. Tinha tido o cuidado e a atenção de mandar colocar o piano na sala, para poderem ensaiar.

A comida, servida na sala de estar, ao mesmo tempo em que era servido o jantar ao conde e a seus convidados, na sala de jantar, no andar de baixo, era excelente, assim como o vinho que D'Arcy apreciou bastante. Ilouka preferiu limonada,

Durante todo o tempo, ela sentia um ressentimento crescente por se achar numa posição inferior, situação que nunca tinha vivido antes. Disse para si mesma que era uma experiência salutar que nunca iria esquecer.

No entanto, tudo à sua volta a fazia lembrar-se de casa.

Apenas o tom de voz do conde, falando com o Sr. Archer, o modo com que foram servidos durante o jantar que, apesar de correto, lhe deu a sensação que, tal como as camareiras, os criados os olhavam com mais curiosidade do que respeito.

E aquela casa!

Quando iam para a sala de jantar, Ilouka viu, de relance, o imenso salão, iluminado com candelabros de cristal, móveis preciosos e uma coleção rara de quadros.

Espreitou pelas cortinas para a sala de jantar e voltou a afirmar para si mesma que o conde possuía coisas demais.

Estava bisbilhotando aquelas preciosidades, quando o viu.

Sentado na cabeceira da mesa comprida, estilo Jorge IV, envernizada e sem toalha, onde brilhava uma baixela de ouro e prata, maravilhosa.

Depois de dar uma olhada naquela beleza toda, deu por si reparando no homem sentado na cadeira de espaldar alto. Era exatamente como tinha imaginado.

Seus convidados, todos homens, riam divertidos, à vontade, com a alegria de quem passou um dia agradável nas corridas.

O conde, pelo contrário, parecia entediado.

Era mais atraente do que pensara, com feições clássicas e perfeitas, o

cabelo penteado para trás, testa alta e mesmo a distância seu traje de noite e a gravata alta eram extremamente elegantes.

Dava a sensação de fitar o mundo de cima de um pedestal, de onde não se dignaria a descer para falar com o comum dos mortais.

“Ele é muito orgulhoso e convencido da sua importância”, pensou, fechando a cortina, para ele não perceber que estava espreitando.

O pequeno palco estava armado entre duas colunas da sala de jantar.

Em outras ocasiões devia ser usado por um conjunto musical e talvez, frequentemente, para shows como o daquela noite, pensou Ilouka.

D'Arcy Archer achou o piano excelente e à volta do tablado havia uma forte iluminação.

Depois de pensar no que devia vestir, Ilouka escolheu um dos seus vestidos mais bonitos, próprio para pequenas festas, ou um baile, verde claro, com a saia rodada, saindo da cintura estreita, e mangas bufantes do mesmo tecido.

O decote realçava a pele branca de Ilouka que o pai dizia ser como uma pétala de magnólia.

Como único enfeite usava um pequeno camafeu cercado de brilhantes, preso ao pescoço por uma fita da mesma cor do vestido.

O que lhe deu mais trabalho foi o cabelo. Fez um penteado muito mais sofisticado do que seria apropriado para a sua idade.

Prendeu o cabelo comprido e brilhante na nuca, caindo em cachos que emolduravam seu rosto em forma de coração.

Apesar da sua decisão de permanecer calma e tranquila, a excitação fazia seus olhos verdes, rajados de dourado, parecerem enormes. Eram lindos e quem a fitava tinha dificuldade em afastar o olhar.

Para acentuar a aparência teatral, amarrou nos pulsos fitas verdes com uma pequena rosa branca enfeitando cada um.

No último momento, colocou duas das mesmas rosas no alto da cabeça, o que lhe deu um ar primaveril, tal como a deusa Diana com quem o Sr. Archer a tinha comparado.

Entrou na sala de estar, onde ele a esperava.

D'Arcy Archer ficou olhando para ela durante um longo tempo antes de dizer:

— Você está exatamente como desejei, não há nada que a minha experiência possa melhorar.

– Muito obrigada, só tenho medo de colocá-lo em situação difícil,
– Isso deve ser impossível. No final da noite, saberemos se fizemos sucesso ou se falhamos, mas acho que a última hipótese não deve sequer ser mencionada.

Ilouka sorriu.

– Papai dizia sempre que, se a gente quer vencer uma corrida, tem que acreditar desde o início que é o vencedor.

– É o que temos que fazer. Agora vamos, está na hora de irmos para baixo, mas, antes, deixe que lhe agradeça novamente por ter vindo em meu auxílio – disse D'Arcy Archer, beijando a mão de Ilouka com tanta pompa que a fez fazer um esforço para não desatar a rir.

Desceram a escadaria lado a lado, perante a admiração dos lacaios que estavam no vestíbulo.

Foram levados para o fundo da sala de jantar e, ouvindo o barulho das pessoas jantando, Ilouka começou a pensar como seria possível prender a atenção do conde e dos convidados.

Seria uma humilhação, se fossem ignorados ou banidos do palco. Por ela, não tinha importância, mas o Sr. Archer iria sofrer muito.

“Farei o melhor que posso, por ele, o resto fica na mão dos deuses”, pensou.

Percebeu que o jantar estava terminando, quando o Porto começou a ser servido à volta da mesa e várias garrafas de cristal foram postas na frente do conde.

Ele elevou a voz e Ilouka ouviu-o dizer:

– E agora, cavalheiros, vamos ter um pequeno espetáculo para distraí-los e, desta vez, algo novo que nunca assistimos aqui.

– Você está me deixando curioso, Vincent – comentou um dos convidados do conde.

– Então vou revelar a surpresa. Estou certo que todos vocês conhecem madame Vestris!

Ouviu-se um murmúrio de aprovação e o conde continuou:

– Infelizmente, madame não pode estar conosco esta noite, mas teremos sua substituta que me disseram ser tão atraente e formidável quanto a própria Lucy e, que ela me perdoe, muito mais jovem! – afirmou, provocando uma risada geral.

– Madame devastou mais corações do que eu gostaria de revelar. Só

nos resta esperar que esta moça venha a ser uma outra Lucy, como ela era, onze anos atrás, quando conquistou, fascinou e escandalizou a alta sociedade.

Mais risadas e alguns convidados bateram palmas.

Nesse momento, D'Arcy Archer iniciou os acordes da canção alegre que tinha descrito a Ilouka.

Escondida atrás das cortinas, ela escutou o silêncio que se fez na sala, assim que a música começou.

O Sr. Archer tinha uma voz profunda, de barítono, apesar deteriorada pela idade, e uma dicção perfeita que permitia

e se percebesse cada palavra que dizia.

Pelas gargalhadas que despertava a cada verso, Ilouka percebeu que estavam gostando, apesar de ela não entender qual era a graça.

Disse para si mesma que devia haver um duplo sentido na letra, para despertar tanta risada.

Depois de uma ou duas canções, parou de prestar atenção e foi espreitar pelas cortinas, tentando ver a reação do conde.

Como de certa forma já esperava, ele não estava rindo, limitando-se a prestar atenção com um sorriso condescendente que a irritou.

Recostou-se na cadeira com um copo de conhaque na mão e Ilouka achou que, ao contrário dos amigos que estavam com cara de ter comido e bebido bastante, tinha sido moderado.

Podia estar enganada, mas os outros estavam corados, alguns até com o rosto congestionado e o conde mantinha a aparência fria e atlética e as piadas, se era o caso, não o faziam rir.

“Mesmo que ele não esteja se divertindo muito, pode ser que, mesmo assim, recomende o Sr. Archer”, pensou, com o pressentimento de que ele estava longe de estar gostando, e decidindo-se a impressioná-lo.

Assim que acabou de cantar, o Sr. Archer contou duas ou três anedotas e Ilouka sabia que agora era a sua vez,

Teve a sensação desconfortável que o sucesso daquela noite ia depender exclusivamente dela.

As risadas desapareceram, quando D'Arcy Archer anunciou:

— E agora, senhores, tenho a honra de apresentar uma moça que, quando a virem, vão ter a sensação de que é uma ninfa emergindo do lago em frente da casa, ou talvez uma fada que veio dos bosques que nos rodeiam, ou, melhor ainda, uma deusa saída do Olimpo para encantar e enfeitiçar a

raça humana.

— Sim, é verdade! O que tenho aqui é uma deusa. Senhores, apresento a deusa Ilouka em pessoa, para uma única apresentação, apenas uma, antes de voltar para o lugar de onde veio.

Foi tudo muito dramático, mas o que chocou Ilouka foi ouvir o seu verdadeiro nome, apesar de ter ficado satisfeita por não ter que assumir a personagem de uma morta.

D'Arcy Archer voltou ao piano e tocou os primeiros acordes da *The mountain maid*. Ela entrou devagar e cheia de graça, ficando no meio do tablado, com a sensação de que a voz tinha sumido.

Nesse momento, como que atraída por um estranho magnetismo, olhou para o conde.

A letra da balada ecoou numa voz muito musical e, sem se dar conta, Ilouka cantou para ele, só para ele.

Percebeu que o conde, aparentemente desinteressado, a estava observando, recebendo as fortes vibrações de vida que dela emanava.

Assim que acabou de cantar, fez uma pequena reverência e os convidados do conde aplaudiram unânime e entusiasticamente.

O conde não bateu palmas, mas seus olhos, cravados em Ilouka, demonstravam que tinha gostado.

D'Arcy Archer já estava tocando a música cigana que tinham escolhido para ela dançar, mas Ilouka continuava parada, quase sem respirar, tentando não pensar no conde e deixar que a melodia a inspirasse.

Como um quadro, visualizou as estepes húngaras, as montanhas cobertas de neve, ao longe, uma orquestra de ciganos à volta do fogo, os cavalos malhados pastando na grama e as mulheres sentadas nas portas das caravanas pintadas.

Os homens apoiaram os violinos no queixo e um grupo de dançarinos correu para eles, dançando a música que lhes corriam nas veias.

Só então Ilouka, transformando-se num desses dançarinos, conseguiu que seus pés se movessem.

Profissional competente, D'Arcy Archer percebeu o que ela queria. Começou tocando devagar e lentamente, traduzindo a nostalgia cigana, a busca do amor que às vezes encontravam, outras partiam para procurar em outras terras um El Dorado que ficava sempre além do horizonte.

Ilouka movia-se, flutuando e exprimindo, pela dança, a música que

fluía dos dedos do Sr. Archer.

Reinava um silêncio absoluto, enquanto todo o seu ser se voltava para a magia da vida, num amálgama de espírito, alma e corpo.

A música tornava-se cada vez mais animada e os pés de Ilouka deslizavam no estrado envernizado, dando à assistência a sensação de que ela flutuava no ar.

Dançava mais e mais rapidamente, braços e pernas numa harmonia graciosa, a cabeça jogada para trás, os olhos brilhando com um estranho êxtase que vinha, parte da música, parte de dentro dela própria.

Então todos que a assistiam começaram a bater pés e mãos, imitando o lento rufar de tambores, aumentando o ritmo cada vez mais depressa. Sob o comando invisível de Ilouka, chegaram ao clímax desejado por ela que parou, de repente, estática.

Com os braços para o alto, a cabeça para trás, deixou-se cair no chão, como se acabasse de ser subjugada por forças superiores.

Com a música em crescendo, D'Arcy Archer fez um sinal e os criados fecharam as cortinas.

Sob aplausos ensurdecedores, os convidados se levantaram, gritando: — Bravo! Mais um!

D'Arcy Archer saiu do piano e deu a mão a Ilouka, ajudando-a a levantar-se.

Sabia, como só um profissional pode saber, que, por uns momentos, ela teria dificuldade em voltar à realidade, saindo do mundo de magia para onde a música a tinha levado.

— Você esteve magnífica! — exclamou.

Ilouka agradeceu com um tênue sorriso, antes que as cortinas se abrissem novamente.

Sentiu uma leve pressão na mão, indicando que devia fazer uma cortesia.

As cortinas fecharam-se e da sala gritaram:

— Venha se juntar a nós! Queremos falar com você!

Os criados encarregados da cortina hesitaram, mas Ilouka, finalmente consciente dos homens que a aplaudiam e sabendo que era a única mulher presente, disse rapidamente:

— Não! Não!

Sem esperar que o Sr. Archer a acompanhasse e antes que ele pudesse

dizer alguma coisa, desprendeu a mão da dele, e saiu correndo pelo corredor, subindo as escadas.

Não conseguiu traduzir em palavras, mas sentiu que, inesperadamente, acabava de entrar em outra situação perigosa.

CAPÍTULO IV

Ilouka sentou-se na banquetta do toucador do seu quarto, esperando que as batidas do seu coração e a respiração se normalizassem.

Acabara de passar por uma profunda experiência emocional e estava difícil encarar a realidade e a si mesma.

Nunca tinha dançado tão bem, com tanto sentimento. Primeiro, porque queria dar o melhor de si, para ajudar o Sr. Archer, mas, principalmente, pelo estímulo da platéia e, acima de tudo, do conde.

A sua principal intenção não tinha sido impressionar o conde, mas o desejo de salvar a situação a fez sair da pele de Ilouka Compton, encarnando uma verdadeira dançarina húngara.

Agora, tinha que se transformar novamente na sua prosaica pessoa e viajar para Bedfordshire, para ficar com uma velha desagradável, porque a filha do padrasto tinha ciúme.

Mas, dentro de si, neste momento, permanecia ainda a fantasia húngara.

Aos poucos foi se acalmando e mirou-se no espelho.

Apesar dos olhos ainda brilharem muito, seu rosto voltou a parecer familiar. Era de novo Ilouka.

Nesse momento, bateram na porta e, pensando ser uma das camareiras, disse alto:

— Entre!

Para sua surpresa, era um criado.

— Sua Senhoria apresenta os seus cumprimentos, senhorita, e manda dizer que gostaria muito que fosse até ao salão.

Apanhada de surpresa, sua primeira reação foi recusar.

Afinal de contas, tinha feito a sua parte entretendo os convidados do conde e ele não tinha motivos para pedir mais.

Ia dizer que não, quando se lembrou que talvez fosse a única oportunidade de falar com ele e pedir para o Sr. Archer ser contratado mais vezes e para recomendá-lo aos amigos.

Além do mais, os aplausos que recebeu deviam tê-lo impressionado e o Sr. Archer poderia ficar magoado se não atendesse ao seu pedido.

O conde não tinha aplaudido como os outros e, se recusasse aquele convite, ele, com todo o seu autoritarismo, poderia se vingar no Sr. Archer.

“Deve ser o tipo de coisa que costuma fazer”, pensou, “porque deve achar que todos têm que lhe obedecer.”

Ficou irritada por ter aqueles pensamentos, mas não conseguia impedir.

Se pudesse ser ela mesma, mandaria um recado ao conde, dizendo que já tinha cumprido a parte do contrato para a qual estava sendo paga, mas que estava cansada e queria se deitar.

Mesmo que o fizesse, duvidava que o criado tivesse coragem de transmiti-lo.

Sorriu, pensando como o conde deveria ficar furioso, sendo desafiado por uma artistazinha sem importância que devia, no entender dele, estar muito grata por ter despertado a sua atenção.

“Os meus pensamentos não interessam, tenho é que ajudar o Sr. Archer”, pensou, se decidindo.

O criado olhava para ela, intrigado com sua hesitação e, após uma pausa deliberada, Ilouka falou:

– Por favor, informe Sua Senhoria que descerei dentro de minutos.

– Muito bem, senhorita – respondeu o criado, acrescentando, desrespeitosamente: – É melhor não demorar, Sua Senhoria não gosta de ficar esperando.

Fechou a porta e não ouviu a risada de Ilouka.

Deliberadamente, penteou o cabelo e ajeitou o vestido calmamente e, depois de se olhar com cuidado no espelho, foi andando devagar pelo corredor que ia dar na escadaria principal.

Lembrou-se da mãe e como ficaria horrorizada se soubesse o que ela estava fazendo. Também era uma pena que Muriel não estivesse no seu lugar, desfrutando a experiência de conhecer tantos homens, sem nenhuma rival por perto.

Ao pensar em Muriel, desejou ardentemente que lorde Denton, que estaria já em The Towers, se tivesse apaixonado por ela e feito o pedido de casamento.

“Se se casarem depressa, posso voltar para junto de mamãe que é o que mais quero”, pensou.

Mal chegou ao vestíbulo, um lacaio se adiantou imediatamente,

abrindo-lhe a porta do salão.

Lá dentro, barulho de vozes e gargalhadas. Apesar de toda aquela alegria, não era o tipo de festa própria para uma debutante.

“Mas é exatamente o que não me deixam ser”, desculpou-se intimamente.

Ergueu o queixo e entrou com uma altivez que não estava sentindo.

Fez-se quase silêncio e, à medida que andava por aquele salão enorme, feericamente iluminado, sentia-se envergonhada e, por mais que tentasse focalizar seus olhos, só via rostos nebulosos na sua frente.

Então, como se o tivessem iluminado especialmente para ela, viu o conde, com o Sr. Archer do lado.

Dois cavalheiros começaram a bater palmas e outros gritaram:

– Bravo! – como tinham feito antes, e um disse alto:

– A deusa voltou do Olimpo! Esperemos que não reconheça os porcos que somos!

Soou uma gargalhada geral, mas, sem virar a cabeça, Ilouka continuou, os olhos fixos no Sr. Archer.

Ele veio ao seu encontro, beijando-lhe a mão.

– Obrigado por ter vindo – murmurou baixinho. Ilouka viu que tinha tomado a decisão certa.

Ainda segurando sua mão, ele levou-a até ao conde.

– Milorde, apresento-lhe mademoiselle Ilouka!

Ilouka fez uma reverência e o conde falou naquela voz profunda que ela ouviu quando tentava dormir:

– Estou encantado em conhecê-la e quero lhe agradecer pela sua maravilhosa atuação.

– É muito amável – respondeu, levantando-se da reverência e olhando para ele.

Seus olhos a olhavam fixamente, fazendo com que se sentisse ainda mais envergonhada.

Estava certa ao pensar que ele era irresistível e superior, mas não iria lhe dar o prazer de perceber que a intimidava.

– Estive admirando sua casa, milorde, mas apesar de, frequentemente, ouvir falar nos seus magníficos cavalos, não sabia que possuía uma coleção de quadros tão fabulosa – comentou no tom que achou adequado para a situação.

Teve a sensação de que ele tinha ficado admirado, mas respondeu imediatamente:

— Espero ter o prazer de lhes mostrar, mademoiselle, mas, agora, meus amigos estão ansiosos para conhecê-la.

Ilouka não se tinha dado conta de que os convidados os cercavam.

Eram muitos, com os rostos congestionados, olhando para ela de maneira impertinente, ameaçadora.

Automaticamente, deu um passo para trás, ficando ao lado do conde.

Ele deve ter percebido alguma coisa, porque disse:

— Cavalheiros, acho que deve ser constrangedor para mademoiselle Ilouka conhecer todos ao mesmo tempo. Será mais fácil apresentar um por um, para que tenham a chance de conversar com ela.

— Eu preferia dançar com ela! — exclamou um, e outro retorquiu:

— Só porque a quer abraçar, Alec.

Sentindo que aquele não era o modo respeitoso com que era tratada em casa, Ilouka ficou tensa.

Como não queria ficar a sós com nenhum daqueles homens que tinham bebido demais e ainda continuavam com o copo na mão, disse para o conde:

— Estou um pouco cansada, milorde. Estivemos viajando durante dois dias e, se fosse possível, gostaria de falar com o senhor, em particular.

Era a hora de interceder pelo Sr. Archer.

— A escolha é sua. Sugiro que nos sentemos num sofá, mas antes quero lhe oferecer uma taça de champanha — disse, apontando para um sofá junto da lareira.

Ilouka dirigiu-se imediatamente para lá, sentando-se virada para o salão.

Atrás, havia uma mesa arrumada com porcelana chinesa que impossibilitava a aproximação de alguém, sem ser notado.

Era como se estivesse perto de uma matilha de lobos e só ficasse em segurança mantendo-se a distância.

Enquanto falava com o conde, reparou que o Sr. Archer se afastou, deliberadamente. Sabia que a sua presença era inoportuna e, sensatamente, dirigiu-se para o outro extremo do salão, onde havia um belo piano de cauda.

Sentou-se, começando a tocar uma música suave que tornava o ambiente mais agradável, sem interferir nas conversas.

Quando o conde veio ter com ela, Ilouka ouviu os convidados comentando que não adiantava quererem competir com Vincent, e um deles disse:

– Eu nunca aposto no favorito.

Deviam estar rindo e fazendo piadas, pensando que o conde a estava monopolizando, mas, por outro lado, o respeito que lhes inspirava como homem e dono da casa os impedia de protestar.

O conde sentou-se a seu lado, dizendo:

– Quer uma taça de champanha ou prefere um licor?

– Não quero nada, obrigada, a não ser saber se gostou do nosso show desta noite.

– Achei que não era necessário falar no óbvio.

– Então, gostou? – insistiu Ilouka.

– Gostei muito mais do que podia prever. Ilouka sorriu, antes de falar:

– Estou contente, muito contente!

– Por quê? – perguntou o conde, abruptamente.

– Porque isso significa muito para o Sr. Archer. Como tantos outros no meio teatral, ele está atravessando tempos difíceis, e este seu contrato apareceu no momento certo para ele.

Fez uma pausa e, como o conde não fez nenhum comentário, Ilouka inclinou-se, suplicando:

– Por favor, contrate-o para vir aqui mais vezes e talvez possa recomendá-lo aos seus amigos.

O conde ergueu as sobrancelhas. Estava sentado de lado, praticamente de frente para ela, fitando-a com uma expressão estranha.

– Pensei que estivéssemos falando de você.

– Eu não tenho importância e, como o Sr. Archer deixou bem claro, estou aqui para fazer apenas uma apresentação. Mas para ele é diferente...

– Onde é que está trabalhando em Londres? E por que ainda não a vi?
– interrompeu o conde.

Ilouka hesitou, sem saber o que responder. Depois disse, levando o assunto na brincadeira:

– Pensei que o Sr. Archer tivesse deixado bem claro que eu estava aqui para distraí-los e depois voltaria para o lugar de onde saí.

– E onde é esse lugar?

— Onde poderia ser, senão o Olimpo? — respondeu, achando que tinha sido suficientemente esperta para evitar mais perguntas, mas o conde disse:

— Não espere que eu me contente com um endereço tão impreciso, mas falaremos no assunto depois. ,

— Eu quero ajudar o Sr. Archer.

— Por quê? O que é que ele significa para você?

— Tenho pena dele — respondeu sem pensar, arrependendo-se em seguida. O conde devia ser o tipo de homem que gosta de sucesso, só se interessando pelo melhor.

Talvez tivesse estragado tudo. Provavelmente o conde, com todo o dinheiro que tinha, só quisesse contratar artistas de sucesso.

Preocupada com o que acabara de dizer, tentou emendar:

— Ele não pediu nada, mas sei que, sendo tão importante na sociedade e no mundo esportivo, pode ajudá-lo muito.

Reparou no ar cínico do conde, ao dizer:

— A maioria das jovens na sua posição me pediria para ajudá-las.

— Eu não preciso de ajuda — respondeu imediatamente.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Está falando como uma deusa, ou como uma jovem dançarina ambiciosa que almeja se apresentar no Covent Garden que seria um local muito mais importante para você do que o Royal Olympic Theatre?

Fez-se silêncio, enquanto Ilouka tentava encontrar uma resposta e o conde continuou:

— Presumo que pretende continuar com madame Vestris, quando abrir a próxima temporada. Acho que é um desperdício atuar como substituta, eu poderia arranjar-lhe um teatro mais importante, onde possa fazer o papel principal.

— É muita gentileza da sua parte, mas não estou pedindo ajuda para mim, só para o Sr. Archer.

— Por que ele é tão importante para você? Ou colocando melhor a pergunta: — Por que está tão preocupada com ele?

Ilouka achou que ele devia estar pensando que eram parentes, ou que lhe devesse algum favor.

Sem querer mentir e querendo tentar fazer o conde entender por que

queria ajudar o Sr. Archer, refletiu, antes de dizer:

– Deve estar achando esta conversa muito aborrecida, mi-lorde. Vamos falar de assuntos mais interessantes.

– Quero falar sobre você.

– Prefiro falar sobre cavalos e de Apoio em particular. Como está ele?

– O que é que sabe sobre os meus cavalos? É a segunda vez que os menciona.

– Sei o sucesso que costuma ter nas corridas e lembro-me quando ganhou o Derby com Apoio, por uma cabeça apenas, numa corrida magnífica.

Recordou seu pai, descrevendo a corrida que ele dizia ter sido a mais emocionante que tinha visto.

– Nem me importava de perder o dinheiro que tanta falta me faz – disse para sua mãe – porque queria que ganhasse o melhor cavalo, o que só foi decidido no último momento.

– Eu me importo, querido, porque não podemos perder dinheiro, por pouco que seja – tinha respondido sua mãe.

– Sabe quanto perdi no total?

Sua mãe tinha abanado a cabeça, com um ar preocupado.

– Nada! Eu ganhei!

Tirou do bolso um maço de notas e moedas, colocando-as no colo de sua mãe..

– Aqui está o fruto da vitória!

– Oh, querido, estou tão contente!

Seu pai desatou a rir e abraçou a esposa, esquecendo-se do dinheiro que estava em seu colo.

As moedas sé espalharam pelo chão e Ilouka foi apanhá-las, pensando como ficariam tristes se ele tivesse perdido.

As pessoas eram muito egoístas. Enquanto o conde se preocupava com seus cavalos, esquecia-se das pessoas que sofriam.

– Se não for embora muito cedo, amanhã de manhã – dizia ele –, o que espero não aconteça, vou lhe mostrar Apoio.

– Ele está aqui?

– Sim, está e hoje correu um páreo que ganhou, apesar do handicap.

– Oh, fico tão contente! Adoraria vê-lo! Seria emocionante! Falou com tanto entusiasmo que o conde olhou para ela, com curiosidade.

Ver Apoio a faria sentir a presença do pai, como nos tempos em que ele lhe descrevia as corridas que tinha assistido e o que o vencedor fazia para ganhar.

— Foi por eu possuir um cavalo em que está interessada a razão de ter vindo aqui? Na verdade, não estava esperando ninguém tão talentosa e bonita.

Falou num tom seco e frio que não constrangeu Ilouka.

— Quando aceitei vir até aqui com o Sr. Archer não sabia que era o dono de Apoio, porque quando ganhou o Derby seu nome era Hampton.

— Fico muito lisonjeado com todo o seu interesse em mim. Por outro lado, não acredito que nessa altura tivesse idade para se interessar por corridas de cavalos. Também não deve ter atuado em nenhum teatro de Londres, senão já a teria visto.

— É verdade.

— Que idade você tem?

— Só tenho dezoito anos — respondeu, sem mentir.

— Quando começou a trabalhar com madame Vestris no Royal Olympic Theatre?

Ilouka tentava encontrar uma resposta rápida, quando foram interrompidos por um dos convidados do conde.

Era um homem de meia-idade, com o rosto vermelho e olheiras inchadas que lhe davam um ar debochado e repugnante.

— Você está sendo muito indelicado, Vincent. Está se comportando como um cachorro na manjedoura e se não tiver cuidado vai ter que enfrentar uma verdadeira revolução aqui.

O conde sorriu.

— Lamento, George, mas, como deve entender, acho mademoiselle Ilouka muito interessante e não quero dividir minha companhia com mais ninguém.

— Bem, acho péssimo — protestou o outro.

— Muito bem — disse o conde suspirando —, mademoiselle, apresento-lhe lorde Marlowe, um cavalheiro que a vai lisonjear descaradamente, por isso sugiro que não o leve a sério!

O conde levantou-se enquanto falava e como Ilouka não queria conversar com lorde Marlowe, que tinha bebido demais, ergueu-se também.

— Espero, milorde, que não considere uma descortesia, mas gostaria

de me retirar. Estou exausta.

— Agora sou eu que não permito — disse lorde Marlowe. Quero conversar com você, adorável senhorita, e tenho um monte de coisas para sussurrar nesses seus lindos ouvidos. Só terá vantagem em ouvir — afirmou, estendendo a mão para tocar nela.

Mas Ilouka olhou para o conde, dizendo:

— Gostaria de dizer boa-noite ao Sr. Archer e depois ir me deitar — sem esperar resposta, nem ouvir o que lorde Marlowe começou a falar, dirigiu-se para o piano, do outro lado do salão, movendo-se com tanta graça que todos se viraram para ver.

D'Arcy Archer olhou para ela e tirou as mãos do teclado.

— Eu quero ir para a cama — disse Ilouka em voz baixa.

— Desculpe, mas eles insistiram para que você descesse e eu não pude fazer nada.

— Entendo. Agora, posso ir, por favor?

— Não vai ser fácil... — ia dizendo D'Arcy Archer que se calou com a chegada do conde.

— Espero que concordem com a idéia que estou tendo — disse ele, enquanto D'Arcy Archer se levantava.

— Qual. milorde?

— Que fiquem comigo amanhã e façam outro espetáculo. Ilouka queria dizer que era impossível, mas, vendo o ar de felicidade do Sr. Archer, não teve coragem.

— Na verdade já tinha contratado outros artistas para animarem o jantar, mas estou certo de que nada lhes agradaria mais do que a repetição da vossa atuação, ou uma coisa parecida. Garanto que retribuirei generosamente o tempo que estiverem aqui.

— Terei imenso prazer em aceitar a vossa proposta, milorde, mas, primeiro, tenho que ter o consentimento de mademoiselle — respondeu D'Arcy Archer olhando, suplicante, para Ilouka.

— Já me disse que gostaria de ver Apoio e eu gostaria muito de lhe mostrar meus outros animais. Poderemos visitar as co-cheiras, amanhã de manhã, antes de ir com meus amigos para as corridas. E, enquanto eu estiver ausente, a casa e os jardins estão à sua disposição. Vai gostar.

Enquanto ele falava, Ilouka estava pensando que, para se comportar corretamente, devia recusar o convite do conde e insistir com o Sr. Archer

para levá-la até onde pudesse apanhar a diligência para Bedfordshire.

Mas fazendo isso estaria privando o Sr. Archer da oportunidade que ele tanto esperava. Seria muito egoísmo da sua parte e não lucraria nada com essa atitude.

Apesar de achar errado estar sozinha numa festa só de homens, alguns até inconvenientes, para ela, ainda assim, era melhor do que estar sentada na sala feia e desagradável de Stone House, ouvindo as recriminações de tia Agatha.

Os dois esperavam a sua decisão e tinha o pressentimento de que o conde estava totalmente confiante que ela não iria recusar, fazendo o que ele queria.

Ao ver um sorriso de vitória em seus lábios e uma expressão de triunfo no olhar, sentiu ímpetos de dizer não.

Mas o olhar do Sr. Archer a demoveu.

— Seria uma pena se, depois de ter agradado Vossa Senhoria, amanhã o desapontássemos — disse, lentamente.

— Estou certo de que não acontecerá e de qualquer forma é um risco que estou disposto a assumir — respondeu com um sorriso confiante, que irritou Ilouka.

— Muito bem, concordo em fazer como deseja, mas, agora, gostaria de me retirar.

— Sendo assim, permito que se retire mas, antes de ir, concorda em cantar mais uma vez para meus amigos que estão se sentindo frustrados por terem desfrutado tão pouco sua companhia? Ficaria muito agradecido se aceitasse.

Olhou para D'Arcy Archer enquanto falava e Ilouka percebeu que, mesmo sem proferir palavra, o conde estava dizendo que pagaria por esta música extra.

— Não será demais para você? — perguntou ele, sentando-se novamente ao piano.

Estava feliz com o sucesso que Ilouka tinha feito e mais ainda por ficar mais uma noite e ganhar um bom dinheiro.

— Não, estou bem. O que vou cantar?

— Cante uma música que eles conheçam bem — sugeriu, e baixando a voz acrescentou:

— A esta altura e depois de um jantar daqueles, vão gostar de

qualquer coisa! Não fique nervosa.

— Não estou — respondeu Ilouka, vendo lorde Marlowe olhando para ela e aproximando-se do piano.

— Cavalheiros, convenci mademoiselle Ilouka a cantar uma última canção esta noite e ela também prometeu que, amanhã à noite, voltará a nos encantar com sua dança — disse o conde para seus convidados.

Um murmúrio de aprovação ecoou pelo salão e, sem esperar mais, D'Arcy Archer tocou os primeiros acordes da canção das moças da Baviera, *Bring my broom*.

Em pé, junto ao piano, Ilouka viu o conde ir até a porta, abri-la e falar com um dos criados do lado de fora.

Ficou imaginando se ele não estaria interessado em ouvi-la, mas, antes que acabasse a introdução de piano, ele entrou e ficou encostado na parede, escutando.

Mal acabou, os aplausos explodiram, mesmo antes de ela se inclinar, agradecendo.

Sorriu para o Sr. Archer e iam se dirigindo para a porta, quando lorde Marlowe, apareceu:

— Foi maravilhosa, mademoiselle! E quero uma oportunidade para lhe dizer o quanto gostei — disse numa voz enrolada.

Tentou pegar na mão dela, mas Ilouka conseguiu evitar e, antes que a pudesse impedir, passou pela porta que o conde mantinha aberta, esperando por ela.

— Boa-noite! — disse, ao passar por ele.

O conde a acompanhou até ao vestíbulo, fechando a porta do salão.

— Gostei muito de ouvi-la cantar, mas a sua dança é diferente, algo tão original que não entendo como não a descobriram até agora.

— É muito amável, milorde, mas, na verdade, apesar de ser difícil de acreditar, não quero que ninguém me descubra e estou muito feliz em ser quem sou.

— Está querendo me dizer que não está apaixonada, maravilhada e obcecada pelo palco, pela carreira que escolheu? — perguntou ele, enquanto se dirigiam para as escadas.

— Creio que a resposta verdadeira é que não quero fazer nada em especial, a não ser eu mesma e exprimir-me à minha maneira.

Ficou satisfeita com a resposta dada. Não tinha mentido, dissera

apenas a verdade e, se ele desse outra conotação ao que tinha acabado de falar, não era problema seu.

Quando chegaram junto da escada, Ilouka estava com a sensação de que ele a fitava de forma penetrante, tentando descobrir a razão pela qual ela era tão misteriosa.

Ilouka estendeu a mão e fez uma reverência!

— Boa-noite, milorde.

Ele não respondeu, segurou em sua mão, fitando-a intensamente com seus olhos cinzentos.

Olhou para ele e um comentário frívolo que ia fazer morreu em seus lábios. Ficou olhando para ele, sentindo que tinha alguma coisa importante que queria lhe dizer, mas que ela não conseguia descobrir o que poderia ser.

Então, ouviu barulho de vozes e risos, vindos do lado do salão e, tirando sua mão das mãos do conde, subiu as escadas depressa, sem dizer nada.

Não olhou para trás, mas tinha certeza de que ele permanecia no mesmo lugar onde o tinha deixado.

— Está intrigado. Não posso deixar que faça muitas perguntas, mas vai lhe fazer muito bem saber que sou diferente e não perceber por quê — disse para si mesma.

Tomou a direção do seu quarto, quando uma empregada mais velha apareceu, dizendo:

— Desculpe, senhorita, mas mudei suas coisas para outro quarto.

— Mudou? Mas... por quê?

— Sua Senhoria achou que devia ficar mais confortável. Venha por aqui, que vou-lhe mostrar o novo quarto.

Ilouka achou estranho, uma vez que o quarto que estava ocupando era bastante confortável.

Seguiu a empregada para o outro lado da casa.

Foram andando, até que ela abriu a porta de um quarto muito maior, mais luxuoso e bonito.

Aquele quarto era exatamente como sempre pensara que uma casa georgiana devia ter.

O teto pintado, as paredes com painéis, grandes janelas com cortinas drapeadas e uma bela cama de dossel, com cortinas de seda brocada que sua mãe teria adorado ver.

Queria perguntar por que a tinham mudado de quarto, mas reparou que havia mais duas camareiras, pendurando os vestidos que tinham tirado das malas e não quis falar na frente delas.

— Ficaria muito grata se pudessem desabotoar o meu vestido. Estou tão cansada que vou adormecer assim que me deitar.

— Espero que sim, senhorita — disse a empregada mais velha, numa voz que parecia o eco da voz de Hannah.

Ao se lembrar da velha empregada, Ilouka teve a sensação de que ela estava ali, desaprovando seu comportamento, principalmente por ter concordado em repetir a mesma atuação repreensível amanhã.

— Pobre e querida Hannah! — murmurou entre dentes, enquanto a empregada tirava seu vestido e o pendurava.

Uma das camareiras mostrou o banheiro, com uma banheira de imersão, parecida com as que se viam nas gravuras dos banhos romanos.

— Que extraordinário haver uma aqui, numa casa georgiana! — exclamou.

— Sua Senhoria mandou fazer, em lugar do toucador que havia aqui inicialmente — explicou a empregada, num tom de desaprovação —, mas a maioria das senhoras prefere tomar banho no quarto, como é habitual.

Ilouka teve vontade de rir, sabendo que os empregados nunca gostam de alguma coisa que saia da normalidade.

Enquanto estivesse ali, iria desfrutar esta inovação moderna.

As empregadas fizeram uma reverência, saindo do quarto, e Ilouka trancou a porta a chave.

As últimas palavras de sua mãe, antes de partir de viagem para Bedfordshire, tinham sido:

— Só espero, querida, que a estalagem onde tiverem que passar a noite não seja muito desconfortável e não se esqueça de trancar bem a porta. Se a fechadura não for segura, coloque uma cadeira presa no puxador.

Ilouka tinha sorrido.

— Não me esquecerei, mamãe, mas não acho provável que algum ladrão tente roubar alguma coisa de mim.

— Não são apenas ladrões que a podem incomodar, querida. — respondeu lady Armstrong. — Prometa que não vai se esquecer.

— Claro que prometo, mamãe, não se preocupe. Vou trancar a porta, rezar minhas orações e não vou esquecer de escovar os dentes — respondeu

rindo.

Lady Armstrong a abraçou, dizendo como se falasse consigo mesma:

— Você é encantadora demais, minha adorada, para ficar viajando pelo interior numa diligência, em vez de ir numa carruagem privativa, com dois cocheiros para a protegerem.

— Não vai acontecer nada. Não acredito que mesmo o mais imbecil dos fazendeiros se convencesse que eu daria uma esposa competente e tentasse me fazer a corte, sob a desaprovação de Hannah.

Lady Armstrong desatou a rir, novamente.

— É verdade, querida. Mas, mesmo assim, estou preocupada, por isso não se esqueça das minhas recomendações.

Ilouka deu um beijo na mãe e foi embora, achando que ela estava se preocupando sem razão.

Não era provável que ladrões ou assaltantes de estradas se atrevessem a fazer alguma coisa, com Hannah por perto.

E no fim acabou se metendo numa aventura dramática e fantástica.

— Nunca pensei dormir num quarto como este — disse para si mesma.

Foi se lavar no banheiro romano, que também tinha uma elegante bacia, com água quente num gomil coberto.

Depois, apagou as velas, deixando acesas apenas as que ficavam junto da cama e se ajoelhou para rezar.

Pediu por Hannah e pela pobre atriz que morreu junto com ela, agradeceu a Deus pelo sucesso da noite e rezou para que o conde fosse gentil com o Sr. Archer, depois que fossem embora de Lavenham House.

Finalmente, pediu perdão pelas mentiras que estava sendo obrigada a dizer e por estar fazendo uma coisa que sua mãe não aprovaria.

“Mas ela também acharia errado não ajudar o pobre Sr. Archer”, pensou.

Acabou de rezar, achando que seria bom poder saber as respostas às nossas preces, mas muito desconcertante também.

Passou uma vista de olhos pelo quarto e entrou na cama.

Como esperava, o colchão era macio e confortável, os travesseiros, das melhores penas e os lençóis, do linho mais fino que já tinha visto.

“Não há dúvida de que Sua Senhoria vive rodeado de conforto”, pensou.

Deixou as velas acesas, com vontade de ficar apreciando aquele quarto lindo, idealizando a condessa que teria dormido ali, no passado.

Imaginou se entre as convidadas do conde estaria incluída a rainha Adelaide, porque aquele quarto era, certamente, digno de uma rainha.

Nesse momento, inesperadamente, ouviu baterem de leve na porta.

Foi tão fraco que, por instantes, julgou que se tinha enganado. Mas voltaram a bater.

Ilouka pensou que era alguma das empregadas que tinha esquecido alguma coisa e voltado.

Mas, antes que resolvesse se ia perguntar ou não quem era, ouviu uma voz conhecida, dizendo:

— Deixe-me entrar, belezinha. Quero falar com você. Ilouka sentou-se muito direita na cama. Era lorde Marlowe! Não havia dúvida de que era ele, com aquela voz enrolada e agora mais pastosa ainda.

— Deixe-me entrar! Preciso falar com você! Não vou sair daqui!

Ilouka ficou apavorada como nunca tinha ficado em toda a sua vida.

Esgueirou-se da cama e foi ver a fechadura.

Era tão grande que parecia sólida e segura.

Mas a maçaneta da porta subia e descia. Lorde Marlowe tentava fazer com que a fechadura cedesse e Ilouka morria de medo que isso acontecesse.

Olhou à sua volta, desesperada, e viu uma cadeira estofada de brocado. Colocou-a entre a maçaneta e a porta, como sua mãe tinha recomendado.

Seu coração batia descompassadamente, com medo que lorde Marlowe conseguisse entrar. Estava assustada a ponto de desatar 'aos gritos, mas sabia que não ia adiantar.

O quarto onde o Sr. Archer estava dormindo era muito longe dali e mesmo que gritasse ninguém se interessaria, a não ser lorde Marlowe que ficaria mais excitado ainda.

Havia uma poltrona, onde a empregada tinha colocado o vestido. Era bastante pesada, mas Ilouka conseguiu arrastá-la, encostando-a na porta.

Lorde Marlowe, agora, gritava cada vez mais:

— Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!

Apesar de inexperiente, Ilouka achava que ele estava bêbado demais para perceber que não ia entrar e o melhor era ir embora.

Empurrou um pouco mais a poltrona, na esperança que segurasse a

porta.

Aflita, tentava encontrar mais alguma coisa para encostar na porta, quando uma porta que havia ao lado da lareira e que ela não tinha reparado, se abriu e o conde entrou no quarto.

Virou-se e ao vê-lo sentiu um alívio no coração, sabendo que ele tinha vindo para salvá-la.

— Por favor... por favor... ajude-me! — exclamou, antes que ele pudesse falar. — Se a fechadura não aguentar... lorde Marlowe vai... conseguir entrar.

Não sabia bem o que estava dizendo, apenas que o conde, tal como um anjo da guarda, tinha aparecido quando menos esperava.

Só então viu a expressão de raiva em seu rosto.

— Eu resolvo isto! — disse ele, saindo do quarto pela porta onde tinha entrado.

CAPÍTULO V

Ilouka ficou parada, escutando, as mãos apertadas uma na outra.

Lorde Marlowe continuava gritando e forçando a porta.

Apesar de saber que, mesmo que ele entrasse, o conde a salvaria, estava tão assustada, que mal conseguia respirar.

Então, ouviu a voz do conde, seca e autoritária, e lorde Marlowe reclamando. Não conseguiu entender direito o que diziam, apesar de lorde Marlowe berrar mais alto ainda.

Ilouka parou de prestar atenção e ficou imóvel até que, finalmente, a voz dele, sempre reclamando, foi se afastando.

Olhou para a porta, por onde o conde tinha entrado. Do outro lado, devia haver uma sala, como no primeiro quarto onde tinha ficado.

Não teve muito tempo para pensar no assunto porque o conde voltou, aproximando-se dela, parecendo ainda mais alto e imponente, talvez por estar usando um roupão preto, em vez do traje de noite.

Ilouka queria lhe agradecer por tê-la salvado de lorde Marlowe, mas o alívio, a tensão e o cansaço dos últimos dois dias se misturaram e começou a ver o quarto rodar à sua volta.

Estendeu a mão para se apoiar no conde e não cair.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Eu... estava com... tanto medo — balbuciou.

— Você teve um dia cansativo... — começou a dizer, pe-ando-a no colo e levando-a para a cama, onde a recostou nos travesseiros.

Vagamente, Ilouka pensou que ele devia estar achando que ela era muito boba, mas não importava.

— Vá dormir e em outra ocasião lhe direi o que tenho para dizer.

Ficou curiosa, mas estava cansada demais para fazer perguntas.

O conde foi arrumar a poltrona e a cadeira nos seus lugares.

— Acha... que lorde Marlowe não vai voltar?

— Pode estar tranquila que ele não voltará.

— Ele é... horrível! — murmurou. — E estava completamente ...
beb...

As últimas letras morreram nos lábios de Ilouka, adormecida.

O conde sentou-se na cadeira de brocado, perto da cama, e ficou olhando para Ilouka.

O cabelo, espalhado no travesseiro e nos ombros, ofuscava a luz das velas, e parecia brilhar como pequenas chamas.

Os cílios longos e negros sobressaíam na face, dando-lhe um ar muito jovem, quase infantil e vulnerável.

O conde ficou muito tempo olhando para ela até se certificar, pela respiração tranquila, de que estava dormindo profundamente.

Com um leve sorriso, debruçou-se e beijou-a ternamente, nos lábios.

Ilouka fez um pequeno movimento, mas não acordou.

O conde pegou um dos candelabros, apagou as velas do outro e saiu do quarto, fechando a porta de comunicação.

Ilouka começou a acordar, com a sensação de estar voltando à realidade, depois de ter dormido um sono profundo, com uma empregada abrindo as cortinas.

Por alguns instantes, não conseguiu se lembrar de onde estava, pensando que era a sua casa.

Depois, esforçando-se para guardar seus sonhos, como algo precioso, lembrou-se de tudo o que tinha acontecido no dia anterior.

Não estava em The Towers, mas na casa do conde de Lavenham, fazendo de conta que era a substituta de madame Vestris, do Royal Olympic Theatre, de Londres.

Tudo aquilo lhe parecia mais ridículo que qualquer outro sonho que já tinha tido. Abriu finalmente os olhos e a empregada aproximou-se da cama, dizendo:

— Desculpe incomodá-la, senhorita, mas Sua Senhoria vai sair para as corridas daqui a pouco e gostaria de falar com a senhorita antes.

Ilouka sentou-se na cama.

— Que horas são?

— Já passa das onze, senhorita.

— Oh, não! Não pode ser! — exclamou, aflita.

O conde tinha prometido mostrar-lhe Apoio e os outros cavalos e, por ter dormido demais, não os poderia ver.

Lembrou-se, então, que ela e o Sr. Archer iam ficar ainda mais uma noite e talvez tivesse a oportunidade de ver os animais amanhã.

— Como posso ter dormido até tão tarde? — perguntou alto.

— Acho que estava cansada, senhorita. Trouxe o seu café — disse a empregada, colocando a bandeja numa mesinha ao lado da cama.

— Obrigada.

— Devo encher a banheira de imersão, senhorita, ou prefere tomar banho aqui no quarto?

— Ilouka sorriu.

— Estou morrendo de vontade de experimentar a banheira romana, nunca tomei banho em nenhuma.

— Muito bem, senhorita — respondeu num tom que deixava bem claro que achava mais próprio tomar banho no quarto.

“Hannah ia ter a mesma reação”, pensou, sentindo saudade da sua velha criada.

Fora a morte de Hannah que a impediu de dormir na noite anterior, fazendo com que perdesse a visita a Apoio.

Além do mais e apesar de não ter consciência disso, cantar e dançar para uma assistência de estranhos tinha sido um desgaste enorme.

Para culminar, o medo que sentira quando lorde Marlowe tentou arrombar a porta de seu quarto.

“Graças a Deus que o conde apareceu para me salvar na hora certa”, pensou, tentando perceber como é que ele ficou sabendo o que estava acontecendo.

Devia estar dormindo por perto e deve ter ouvido lorde Marlowe implorando para deixá-lo entrar.

— Como se atreveu a pensar que eu ia abrir a porta? — perguntou para si mesma, indignada, achando que, quando os homens bebem demais, têm idéias malucas e um comportamento diferente do normal.

Comeu tudo, inclusive um pêssego que devia ter vindo de uma estufa. Estava tudo delicioso, mas era um erro passar outra noite ali, por mais bem instalada que estivesse.

Por pena, tinha ajudado o Sr. Archer, mas ele mesmo afirmara que ela faria uma única e exclusiva exibição.

Esta noite seria obrigada a encontrar novamente lorde Marlowe ou, no mínimo, saber que ele a estava vendo e tentando atrair sua atenção, como fizera na noite anterior.

— — Mamãe ficaria scandalizada! Se eu tivesse juízo, ia embora hoje mesmo.

Mas não ia ter coragem de fazer isso com o Sr. Archer, que estava tão entusiasmado com o sucesso que tinham tido.

— Vou ignorar lorde Marlowe. Além do mais, quero ver os cavalos e acho muito interessante conversar com o conde — disse para si mesma.

Ele podia ser muito autoritário, mas isso foi uma qualidade a seu favor quando se tratou de mandar lorde Marlowe embora da porta do seu quarto.

Pensando no assunto, lembrou-se que ele tinha arrumado tudo para que as empregadas não achassem estranho, quando a viessem acordar de manhã.

“Ele foi muito gentil”, pensou.

De repente, lembrou-se pela primeira vez que, quando estava empurrando os móveis para manter a porta fechada, usava apenas, uma camisola fina.

Era fechada até o pescoço, com babados nos punhos e de um tecido quase transparente.

Sentiu o rosto ardendo, só com a idéia de que um estranho a tinha visto com tão pouca roupa.

“Ele nem deve ter reparado”, tentou se tranquilizar.

Não conseguia recordar o que ele tinha falado ou se lhe tinha agradecido, antes de adormecer.

Devia ter apagado as velas e dito alguma coisa que, lembrava-se vagamente, tinha mexido com seu coração.

“O que será que foi?”, ficou imaginando, convencida de que devia ter sido um sonho, porque também ficara com a sensação de que alguém lhe dera um beijo nos lábios. O primeiro beijo da sua vida.

“Só pode ter sido um sonho, mas um sonho diferente de todos o que tenho tido”, pensou.

Saltou da cama e foi para o banheiro.

Duas empregadas enchiam a banheira com jarros de água quente. Do lado da banheira, havia outro, de água fria, para temperar a água, caso estivesse quente demais.

As empregadas saíram e, excitada, Ilouka desceu os três degraus de mármore, sentando-se no fundo da banheira. Sentiu-se transportada para o passado, passando a' ser a filha de um general romano ou talvez do próprio imperador.

“Tenho de contar a mamãe sobre esta banheira”, pensou, sem saber se

teria coragem para tanto.

Como o conde estava esperando por ela, não se demorou. De volta ao quarto, a camareira a ajudou-a a se vestir, colocando um vestido lindo, de musseline verde-claro, com pequenas flores.

O tecido viera de Paris e tinha sido feito por uma das costureiras reais, em Londres.

Foi se olhar no espelho, achando que estava elegante demais para uma atriz que pagava seu próprio sustento, mas, como já não dava mais tempo de trocar de roupa, disse para a camareira:

– Onde posso encontrar Sua Senhoria?

– Ele está esperando pela senhorita na sala ao lado.

Ilouka esperava que ele estivesse no andar de baixo e ficou um tanto encabulada, achando a situação muito íntima.

A camareira abriu a porta de comunicação e ela entrou na sala, muito maior e imponente do que imaginara. As paredes, com ótimos quadros franceses, mobília francesa também e no ar um agradável cheiro dos cravos que enchiam vários vasos.

O conde, sentado numa confortável poltrona, lia o jornal.

Assim que Ilouka entrou, largou o jornal e levantou-se, reparando na roupa dela.

Ilouka percebeu logo que ele devia estar achando estranho um vestido daqueles, numa pessoa que se fazia passar por uma atriz iniciante.

– Bom-dia... milorde. Estou muito aborrecida... por ter dormido demais... peço desculpa, apesar de ter sido a mais prejudicada, porque queria muito ver Apoio.

– Tenho uma coisa para lhe dizer e receio que vá ficar muito chocada – disse, suavemente.

– C...chocada? – repetiu, surpresa.

– É melhor sentar-se.

Olhou para ele, tentando perceber por que falava com tanta seriedade. Ao mesmo tempo não podia deixar de admirar a elegância de suas roupas.

Vendo que ele aguardava, sentou-se, fitando-o, preocupada com o que ia ouvir.

Teve medo que, por qualquer erro que tivesse cometido, ele houvesse descoberto quem era.

– O que tenho para lhe contar – disse o conde, com todo o cuidado

— é que, quando o valete que estava à disposição do Sr. Archer o foi acordar esta manhã, verificou que ele tinha morrido durante a noite.

Ilouka ficou muda de espanto por alguns momentos, depois, exclamou:

— O... que está dizendo? Não pode ser... verdade!

— Lamento, mas é. Afinal, creio que era bem idoso. Talvez sofresse do coração e não soubesse, mas fique tranquila, que ele morreu com um sorriso nos lábios.

— Não... consigo acreditar! Ele estava tão... feliz em vir para cá, tão radiante... por ter sido contratado para mais uma apresentação.

O conde sentou-se junto dela, no sofá, perguntando num tom muito diferente:

— O que esse homem significava para você?

— Eu tinha pena dele. Contou-me que era sua... última oportunidade, e a não ser que o senhor gostasse dele... ia morrer de fome.

— Foi essa a única razão para ter vindo com ele?

— Ele me implorou que o salvasse e achei que seria uma crueldade dizer não...

— Tinha um pressentimento de que era qualquer coisa nesse gênero — afirmou o conde.

— Não consigo acreditar que ele está... morto — repetiu, lembrando-se que Hannah dizia sempre que as coisas acontecem sempre em três e, neste caso, não havia dúvida que era verdade.

Três mortes seguidas, Hannah, Lucile Ganymede e agora o pobre Sr. Archer.

Notando que o conde a estava observando, falou:

— De certa maneira... talvez tenha sido melhor ele morrer. Saboreou o sucesso de ontem e, com o convite para fazer outro espetáculo esta noite, teria dinheiro suficiente para se sustentar por bastante tempo.

— É uma maneira sensata de encarar o assunto. Vou tratar de tudo, Ilouka. O enterro será no átrio da igreja, no parque, e, a não ser que deseje, não vejo necessidade de estar presente no funeral. É claro que vai querer avisar a família dele.

— Eu não... sei quem são.

— Quer dizer que só conhecia esse homem profissionalmente?

— Conheci-o anteontem — respondeu, sem pensar, reconhecendo

imediatamente que tinha cometido um erro.

— Foi quando lhe pediu para vir aqui? — perguntou o conde.

— Sim, foi.

— Então vou deixar que meu secretário contate o empresário dele para mandar notificar a família. Foi através desse empresário que ele veio e ele mandará entregar à família o dinheiro que Archer ganhou.

Acabou de falar e sorriu para Ilouka, acrescentando:

— Só resta você e não quero que tenha nenhuma preocupação. Vou cuidar de você.

— Obrigada — disse, rapidamente — mas eu...

Ia dizer que não precisava que ninguém tomasse conta dela, quando o conde se levantou, pegando-lhe na mão e fazendo-a levantar-se, também.

— Escute, Ilouka. Temos muito que dizer um ao outro, mas agora tenho que ir com meus amigos para as corridas. Quero que fique aqui, veja a casa, passeie pelo jardim e descanse até que eu volte.

— Mas... eu acho... que devia ir embora — conseguiu dizer.

O conde sorriu novamente.

— E acha que eu permitiria? Quero cuidar de você, protegendo-a de problemas como este.

Ilouka olhou para ele, sem acreditar no que acabava de ouvir. Tentou achar algo para dizer, mas ele segurou-lhe no queixo, erguendo-lhe o rosto.

Ficou fitando seus olhos por alguns momentos, depois, inclinando-se, beijou seus lábios, sem dar tempo a Ilouka de perceber o que estava acontecendo.

Nunca tinha sido beijada antes e não sabia que os lábios de um homem a poderiam manter cativa e sem vontade de fugir.

Ficou tão atordoada que não conseguia pensar com clareza.

Disse para si mesma que devia se debater, mas uma sensação deliciosa percorria todo o seu corpo.

Era quase o mesmo êxtase que sentiu quando estava dançando, que parecia brotar de dentro de seu coração e talvez do coração do conde também, como uma música que só os dois ouviam.

Uma sensação inebriante que parecia pulsar dentro dela, como pequenas ondas transmitidas por ele.

Estavam unidos não só pelos lábios, mas pelo próprio ar que respiravam e pela vida dentro deles.

Foi tão maravilhoso que, quando o conde ergueu a cabeça, Ilouka só conseguiu ficar olhando para ele, com os olhos muito abertos, que pareciam preencher todo o seu rosto.

A voz morreu em sua garganta.

— Agora você entende? — perguntou, com voz profunda, — Falaremos quando eu voltar. Até lá, cuide-se bem.

Acabou de falar e saiu da sala, fechando a porta.

Por alguns momentos, Ilouka não conseguiu sair do lugar.

Ficou onde ele a tinha deixado, o coração querendo saltar de dentro do peito e todo o seu coração latejando, como nunca tinha sentido antes.

Era uma continuação de toda a emoção que tivera na noite anterior, dançando aquela música cigana que era um verdadeiro pedido de amor.

Estava tão atordoada, tão maravilhada, que voltou a se sentar no sofá, cobrindo o rosto com as mãos.

Deve ter ficado ali sentada por um longo tempo, depois, aos poucos, as batidas de seu coração foram se normalizando, a sensação na garganta e no peito foi se desvanecendo e Ilouka sabia que era hora de encarar a realidade e ser sensata.

Tentou não pensar no êxtase que o conde lhe tinha provocado e esforçou-se para pensar com clareza.

Sabia que o que o conde lhe queria falar era um assunto que não podia ouvir e que sua mãe iria ficar horrorizada se soubesse.

Lembrou-se do Sr. Archer dizendo que Lucille Ganymede tinha perdido o seu “protetor” e essa era a principal razão para ela querer ir trabalhar na festa do conde de Lavenham.

Ilouka não sabia ao certo o que a palavra “protetor” significava. Lembrava-se apenas vagamente de coisas que seu pai costumava contar e que, se na época não faziam sentido, agora começavam a fazer.

Certa vez, sem saber que ela estava escutando, seu pai dissera para sua mãe:

— Madame Vestris está como quer. Ela está sob a proteção de um dos homens mais ricos de Londres.

— Pensei que ela fosse casada — respondeu a Sra. Compton.

— Vivem separados, o que, do ponto de vista de Lucy Vestris, é a menor coisa que lhe podia acontecer, financeiramente.

— Não entendo por que se interessa pelos romances dessas mulheres,

querido — protestou a Sra. Compton, provocando uma risada do marido.

— Se está com ciúme, meu amor, não há necessidade. Estou apenas contando as fofocas do clube. Morando aqui, normalmente a gente só fica sabendo das coisas dois ou três meses depois das outras pessoas.

Pelo tom de voz do pai, Ilouka percebeu que ele estava, como de costume, ressentido de terem tão pouco dinheiro e não poderem passar mais tempo em Londres e participar dos esportes, que ele tanto gostava.

A mãe, entendendo sua frustração, abraçou o marido, dizendo:

— Oh, querido, eu gostaria tanto de ser uma rica herdeira.

— E se assim fosse teria se casado com um duque e eu não teria a menor chance! — respondeu seu pai rindo. — Eu amo você como você é, e o dinheiro, para nós, não é assim tão importante.

— Não, claro que não.

Os dois tinham se afastado, abraçados, sem notar a presença de Ilouka que estava sentada no banco da janela, lendo, atrás das cortinas.

Nessa altura não ligou para o assunto, mas, agora, entendia exatamente o que o conde lhe estava oferecendo.

Não estava apenas chocada mas, principalmente, assustada com as sensações que aquele beijo lhe tinha despertado e que lhe eram totalmente desconhecidas.

— Tenho que ir embora! Não posso ficar aqui enganando-o. Como posso deixar que descubra que, quando me beijou, tive a sensação de dançar no topo de uma montanha coberta de neve?

Isso expressava tudo o que tinha sentido.

Era mais ainda, porque o que sentiu não tinha nada a ver com o frio da neve, era quente e acolhedor como a luz do sol, ou talvez as chamas de uma fogueira cigana, cada vez mais altas, enquanto ela dançava à volta.

— Tenho que ir embora!

Repetiu aquelas palavras, como se tentasse ficar convencida de que era a única saída.

Levantou-se com um desejo enorme de ficar ali, esperando o conde voltar das corridas, para conversar com ele e, talvez, ser beijada novamente, sentindo a pressão dos lábios dele nos seus, por mais errado que fosse pensar nisso.

— Eu devo estar louca! O que é... que mamãe... pensaria de mim? — disse para si mesma.

Foi até a janela. Dali se avistavam a frente da casa, o lago e o parque.

À esquerda, ficava a parte central do edifício. Parados junto à porta principal estavam vários faetontes, um atrás do outro, esperando o conde e seus amigos para irem para as corridas.

Enquanto estava olhando, os cavaleiros começaram a sair.

Ficaram um pouco nas escadas até que o conde apareceu, de chapéu alto do lado da cabeça, as botas hessianas, brilhando, em contraste com a calça justa, cor de champanha.

Subiu no primeiro faetonte, com um dos amigos do lado.

Um cavaleiro acompanhou-os, e o conde conduziu os cavalos com uma destreza que demonstrava sua perícia no comando das rédeas.

Os outros veículos foram tomados rapidamente, e aqueles que não quiseram ir de faetonte entraram num confortável e luxuoso breque.

Ilouka ficou na janela até vê-los desaparecer entre os carvalhos, depois suspirou e foi para o seu quarto.

O que tinha pela frente era difícil de enfrentar. Primeiro, porque nunca tinha viajado sozinha, mas, apesar da vergonha em admitir isso, porque seu coração queria desesperadamente ficar.

Duas horas depois, Ilouka saía pela avenida.

Dera ordens às criadas para lhe fazerem as malas e mandar chamar uma carruagem para levá-la até à estalagem mais próxima, com toda a autoridade, para evitar que fizessem perguntas ou sugerissem que esperasse pela volta do conde.

Teve sorte que o secretário do conde, que dirigia a casa, também tinha ido assistir às corridas e não havia ficado mais ninguém com importância suficiente para lhe dizer o que devia ou não fazer.

Só quando estava pronta para viajar e as malas atadas para serem levadas para baixo, foi que disse à governanta:

- Gostaria de ver o Sr. Archer antes de ir embora.
- Acha que será bom, senhorita? Pode ficar impressionada.
- Gostaria de rezar por ele.

Sem dizer mais nada, a governanta a levou por um corredor que ia dar no primeiro quarto que ocupou.

As persianas estavam corridas, mas havia luz suficiente para ver o Sr. Archer deitado, com as mãos cruzadas em cima do peito.

Parecia esculpido em pedra, deitado num túmulo de igreja.

Agora, morto, parecia mais novo e, como suas preocupações tinham terminado, as rugas do seu rosto estavam mais suaves.

O conde tinha razão quando disse que morrera com um sorriso no rosto, pois parecia realmente feliz.

“Ele estava feliz”, pensou Ilouka, certa de que o conde não só lhe teria pago muito bem, como o recomendaria aos amigos.

Mas essa recomendação não serviria de nada, se ela não fizesse parte do espetáculo também.

Sendo assim, passado pouco tempo estaria novamente passando necessidades.

Ajoelhou-se ao lado da cama, rezando pela sua alma e para que descansasse em paz.

Ergueu-se, achando que Deus sabe bem o que faz e, levando o Sr. Archer, estava salvando-o da miséria e preocupação com a velhice tão próxima.

Saiu do quarto e viu que a governanta estava esperando por ela do lado de fora.

— Esta tarde vão trazer o caixão para o pobre homem. Não vai ficar para o funeral, senhorita?

— Lamento, mas não posso.

— Deixou algum endereço, para o caso de Sua Senhoria querer contatá-la?

— Creio que Sua Senhoria sabe tudo o que é necessário — respondeu Ilouka, evasivamente.

Agradeceu à governanta, deixou uma boa gorjeta para as empregadas que tinham cuidado dela e ficou com a sensação de que todas se tinham espantado com isso.

Ao descer as escadas principais, sabia que estava se despedindo da casa mais maravilhosa que tinha conhecido, e também do seu proprietário.

Tá estava a caminho, quando se lembrou, com tristeza, que não tinha visto Apoio nem explorara todas as dependências da casa.

— Vou ter que ficar imaginando tudo para o resto da minha vida — disse para si mesma.

Mas não teria que imaginar o que era ser beijada e daí para a frente passaria a entender o que os poetas tentavam exprimir em seus versos e os escritores em sua prosa.

“Como pude ser beijada por um homem que acabei de conhecer e que não sabia nada sobre mim?”, perguntou-se.

Mas aquele beijo tinha sido mais extasiante e maravilhoso do que qualquer — coisa que pudesse descrever.

Assim que chegou à estalagem, agradeceu aos empregados do conde por terem-na levado até lá, deu uma gorjeta que foi novamente recebida com surpresa e mandou vir a carruagem-correio.

Apesar de não ser provável, o conde podia ir atrás dela e, deliberadamente, pegou a carruagem para uma das cidades próximas dos subúrbios de Bedfordshire.

Lá, mudou de transporte e, depois de a carruagem onde tinha viajado ter partido, dirigiu-se para Stone Field, onde ficava a casa da Sra. Adolphus.

Dessa maneira, julgou ter apagado todas as pistas do seu paradeiro.

Ao mesmo tempo achava-se muito pretensiosa, pensando que o conde poderia ficar ansioso com a sua partida ou fazer algum esforço para encontrá-la.

“Ele não pode ficar sabendo quem sou”, pensou.

Gostaria que o Sr. Archer não a tivesse apresentado pelo seu verdadeiro nome próprio, pois essa era a única pista que o conde tinha sobre a sua identidade.

— Pela parte que lhe toca eu sou apenas uma atriz sem importância — disse Ilouka alto, olhando pela janela os campos monótonos de Bedfordshire.

Ele voltaria para a tal atriz de Drury Lane e para as beldades que o perseguiam sem parar.

Ao pensar nisso, sentiu uma dor aguda no coração e disse para si mesma que estava sendo ridícula.

“Tenho que pensar que o conde e o lorde Marlowe estão sempre prontos a beijar a primeira mulher bonita que lhes aparece na frente.”

Elas não têm significado nenhum para eles, são iguais umas às outras.

“Mas para mim ele será sempre diferente”, pensou, sentindo outra vez aquela magia dentro de si, a música fluindo de seu coração, suas vibrações se misturando com as dele num momento maravilhoso em que se tornaram apenas uma pessoa.

“Não admira que homens e mulheres passem a vida inteira em busca do amor”, pensou Ilouka.

Teve um sobressalto. Acabara de admitir que estava apaixonada.

– Viajou sozinha numa carruagem-correio? Nunca ouvi falar em semelhante coisa! – exclamou a Sra. Adolphus.

Ilouka tinha sido levada para a sala feia e formal, onde a tia estava sentada junto da janela, com um bordado nas mãos.

– Não tive outra alternativa, tia Agatha. Houve um acidente e a pobre Hannah morreu, quando a diligência tombou.

A Sra. Adolphus olhou para ela, como se estivesse mentindo. Depois levantou as mãos, horrorizada, dizendo:

– Você viajou sozinha? Como pôde fazer uma coisa dessas?

– E o que mais poderia fazer? Foi numa pequena aldeia, onde nunca devem ter ouvido falar numa aia, quanto mais haver por lá alguma que pudesse me acompanhar.

– Era o que deveria ter arranjado, se se preocupasse com isso – disse a Sra. Adolphus, sempre pronta a descobrir defeitos nos outros. – E posso saber onde passou a noite?

– O vigário foi muito gentil e me arrumou um quarto no vicariato – respondeu, achando que a frase era altamente respeitosa.

Mas a Sra. Adolphus não se deu por satisfeita:

– Ele era casado?

– Não, mas já passava dos setenta e cinco anos e posso afirmar que a sua velha governanta foi uma dama de companhia perfeita.

– Não havia mais ninguém com você?

Ilouka fez uma pequena pausa, antes de responder. A verdade ia provocar um milhão de suspeitas.

– Não... ninguém mais.

A Sra. Adolphus suspirou, não de alívio, mas parecendo decepcionada, e depois disse:

– Bem, você está aqui e a salvo, apesar de achar essa sua história extremamente bizarra e não acreditar que não houvesse outra solução senão viajar por aí sozinha.

Ilouka achou melhor não dizer nada, senão ela ia continuar argumentando sem parar.

– Gostaria de ir para o meu quarto agora, tia Agatha, para lavar as mãos e o rosto. O último trecho da viagem tinha muita poeira.

– Não é de admirar, pois faz tempo que não chove. Só Deus sabe o que vai acontecer com as safras se não cair bastante água.

Ilouka dirigiu-se para a porta, mas a Sra. Adolphus falou como se odiasse ter que dar uma boa notícia: . — É verdade, Ilouka, na mesa da entrada está uma carta de sua mãe. Reconheci a letra. Deve estar sentindo a sua falta.

— Uma carta de mamãe? Que maravilha!

Sem esperar ouvir mais nada, correu para a entrada, onde num canto da mesa, que não dava para ver quando entrou, estava o envelope com a letra de sua mãe.

Pegou na carta e subiu as escadas correndo, para poder ler a carta sozinha no quarto austero que já tinha ocupado da última vez que ficara em Stone House.

Foi para a janela, achando que a soturnidade daquela casa não lhe proporcionava luz suficiente.

Assim que abriu a carta as primeiras palavras dançaram na frente de seus olhos.

Leu:

Tenho boas notícias para você, minha querida. Lorde Denton pediu Muriel em casamento e ela aceitou. A notícia do noivado vai sair na *Gazette*, amanhã de manhã.

O que vai deixá-la mais feliz é que a mãe de Sua Senhoria está residindo na França, por causa da saúde, e Muriel está indo para lá, com a irmã dele como dama de companhia, para conhecer a futura sogra.

Lorde Denton insistiu para que ficassem lá, pelo menos durante um mês. Isso significa que você pode voltar para casa imediatamente e eu vou apresentá-la ao rei e à rainha, antes da volta de Muriel.

Discuti o assunto da apresentação de Muriel com lorde Denton que é um jovem encantador e ele acha que a mãe dele gostaria de apresentar Muriel na época do casamento, o que facilita tudo, para você e para mim.

Lamento que seu padraсто não mande os cavalos buscá-las em Stone House, apesar de saber que ele vai ficar muito satisfeito, com a sua volta.

Se você e Hannah tomarem a diligência até St. Albans, ele as mandará apanhar em The Peacock Inn. Consegui convencê-lo a isso.

Vai receber esta carta na quarta-feira e estarão lá esperando vocês, na sexta. Assim terá tempo para ser amável com a Sra. Adolphus que pode não gostar que venha embora, tão logo tenha chegado.

Ilouka soltou uma exclamação de alegria, antes de ler o resto.

Hoje era quinta-feira, portanto tinha que ir embora amanhã bem cedo.

– Graças a Deus! Posso voltar para casa e não ficar aqui”-mais do que uma noite!

O pensamento era tão agradável que, apesar do dia estar nublado, teve a impressão de que o quarto se enchia de sol.

Enquanto lia a carta, sua bagagem veio para cima e uma empregada velha e desagradável olhava para as malas, malignamente.

– Não precisa desfazer as malas, Josephine. Irei embora amanhã. Minha mãe precisa de mim em casa.

Sem esperar resposta da empregada, atirou o chapéu para a cadeira mais próxima e correu escada abaixo, para contar a novidade a tia Agatha, sabendo de antemão que ela ia ficar toda aborrecida por ter que mandar alguém com ela até St. Albans.

Depois de todas aquelas recriminações, não podia voltar sozinha.

“Vou voltar para casa! Para casa!”, pensava, feliz, enquanto seus pés pareciam voar escadas abaixo.

Abrandou o passo indo para a sala e deu por si, pensando no conde e imaginando se já teria voltado das corridas e dado pela sua partida.

“Que será que ele vai fazer?”, pensou.

Parou, sem querer.

Parecia sentir sua mão segurando e levantando seu queixo, ver aquele sorriso, tão diferente de qualquer outro sorriso que tivesse visto antes.

Voltou a sentir a estranha sensação que os lábios dele lhe provocaram, seu corpo estremecendo, vibrando.

Ele a estava levando para o topo da montanha coberta de neve, para a música de milhares de violinos ciganos.

CAPÍTULO VI

Ao ver o sol brilhando nas ruas de Londres, Ilouka continuou pensando no lago dourado de Lavenham.

Não reparava no tráfego intenso, nos cavalos puxando elegantes faetontes ou nas carruagens fechadas, via apenas os cisnes brancos e negros, deslizando serenamente nas águas plácidas do lago e escutava a música que tinha dançado.

Desde que saíra da casa do conde, não conseguia deixar de pensar um segundo sequer, mesmo enquanto dormia sonhava com ele, lembrando aquele beijo maravilhoso.

Disse para si mesma que àquela altura ele já nem se lembraria dela; portanto, quanto mais depressa o esquecesse, melhor.

Mas no fundo ele estava sempre com ela, quer num raio de sol, quer na canção sentimental tocada por um músico de rua.

Um garoto qualquer, assobiando *Bring my broom*, o lembrou tão vivamente que Ilouka teve vontade de gritar, com a dor que sentia no peito.

“Como pude ser tão ridícula e me apaixonar por um homem que só queria me tornar sua amante e que, provavelmente, ia se aborrecer de mim dentro de pouco tempo?”, pensava ela.

Ao mesmo tempo, sabia que havia entre o conde e ela algo permanente como a eternidade e que, por mais anos que vivesse e muitos homens que conhecesse, nunca mais o conseguiria esquecer.

Sabendo da felicidade da mãe em poder apresentá-la em Londres ao rei Guilherme e à rainha Adelaide, sem a presença de Muriel, Ilouka tentou se esforçar para também ficar entusiasmada com a idéia.

Mas, dentro dela, por mais que se convencesse de que era um absurdo, seu coração continuava sangrando de dor.

“Estou assim só porque sou muito jovem, só por isso, o conde me pareceu tão imponente, tão belo e irresistível”, pensou.

Agora percebia que o ressentimento inicial que sentiu contra ele fora apenas pelas coisas que tinha ouvido a seu respeito. Assim que o conheceu, viu que era bem diferente.

Lady Armstrong ficou horrorizada ao saber da morte de Hannah, mas

aceitou, sem fazer muitas perguntas, que Ilouka tenha dormido no vicariato, assistido ao funeral de Hannah e alugado uma carruagem-correio para a levar para Bedfordshire.

— Você fez muito bem, querida, apesar de não ser uma atitude muito convencional.

— Não podia fazer outra coisa, mamãe. Tia Agatha, evidentemente, ficou muito chocada, mas, para ser franca, eu não teria coragem de entrar noutra... diligência, depois do que aconteceu.

— Claro que não. Você tomou a decisão certa, dentro das circunstâncias. Felizmente, tinha bastante dinheiro.

— Só o suficiente, mamãe. Voltei sem um tostão!

— Isso é fácil de remediar. Seu padrasto tem sido muito generoso em relação à sua temporada em Londres. Não só me deu uma grande quantia para os seus vestidos e os meus, como me prometeu que você terá o seu baile, antes de Muriel voltar da França.

— Oh, mamãe, que maravilha! — exclamou, tentando transmitir um entusiasmo que não sentia. A simples idéia de dançar trouxe de volta as sensações que sentira ao dançar na sala do conde.

Partiram para Londres dois dias após a chegada de Ilouka. Encontrar uma aia que substituísse Hannah, a preocupação de fazer as malas e abrir a casa de sir James em Londres fizeram com que amenizasse a lembrança do conde.

À noite, quando não tinha nada que lhe distraísse a atenção, Ilouka ficava relembando o êxtase que sentira com aquele beijo que a transportou aos picos nevados das montanhas, deixando o mundo para trás.

— Não sabia que o amor era assim — dizia para si mesma, sem parar.

Se andava mais calada que o habitual e seu rosto aparecia com olheiras pela manhã, lady Armstrong não parecia reparar.

Desejava tanto ver a filha deslumbrar a todos com sua beleza que só prestava atenção na escolha dos vestidos que iriam acentuar o branco de sua pele e os reflexos avermelhados nos seus cabelos brilhantes.

O sucesso de Ilouka fez-se sentir logo na sua primeira festa.

Foi um jantar oferecido pela duquesa de Bolton, velha amiga de sir James Armstrong. Quando Ilouka entrou na sala, onde já haviam muitos convidados, fez-se um enorme silêncio.

Ilouka não tinha consciência de que estava tão bela, mas lady

Armstrong sim e ficou muito orgulhosa.

Depois que os convites começaram a chover, lady Armstrong disse para o marido, sorrindo:

– Acho que não vamos ter Ilouka conosco por muito tempo. Já recebeu quatro propostas de casamento e vejo as mesmas palavras nos lábios trêmulos de dois jovens pares do reino, bastante elegíveis.

– Ela não precisa tomar decisões precipitadas – respondeu sir James.

– Por outro lado, minha querida, não posso negar que estou ansioso para ter você só para mim.

– Você é um amor e sabe como lhe estou agradecida.

– Tudo o que quero é que se sinta feliz.

Lady Armstrong pegou-lhe na mão, levando-a de encosto ao rosto, num gesto que ele achou muito enternecedor.

– Eu estou e sou feliz. Às vezes, até me custa acreditar, depois de ter passado tanta necessidade, quando fiquei viúva.

– Nunca hei de permitir que isso volte a acontecer – afirmou sir James, beijando-a.

– Eu devia estar me sentindo a garota mais feliz de Londres – Ilouka disse para si mesma, com um sentimento de culpa porque, apesar da sua firme determinação de esquecer o conde, procurava vê-lo em todos os bailes que ia, em todos os jantares, procurava-o em cada faetonte que passava por ela no parque.

– Esqueça-o! Você tem que esquecer! Esqueça! – repetia para si mesma, vezes sem conta.

Mas continuava sentindo seus dedos segurando-lhe o queixo, levantando-lhe o rosto e a força de seus braços, quando a abraçou.

– Amanhã vamos à recepção formal no palácio. Espero, querida, que goste tanto, como eu vou gostar. Faz onze anos que estive pela última vez no palácio de Buckingham.

– Acho que deve continuar absolutamente igual – respondeu Ilouka.

– Só houve modificações, feitas pelo rei George IV e foi uma sensação! – continuou lady Armstrong. – Nessa época eu era muito mais tímida do que você, querida, e tive a impressão de que aquilo tudo era imponente demais.

– Eu não sou nada tímida, porque você e papai nunca me trataram como uma criança tola. Conversavam comigo, desenvolvendo minha

capacidade de raciocinar.

— A verdade é que você é tão inteligente quanto bonita! E qualquer homem que se casar com você vai apreciar muito essa qualidade, em vez de ter só um rosto bonito de que ele se fartaria em pouco tempo — continuou sua mãe.

Ilouka não respondeu, pensando que o conde apenas apreciara seu rosto. Não tinham tido tempo de se conhecerem a ponto de achar que ela também era inteligente.

Na tarde seguinte, ao vestir o vestido novo que lady Armstrong tinha comprado para a sua apresentação, teve que admitir que estava com uma aparência sensacional.

Para não ser absolutamente branco, cor que não realçaria sua pele de magnólia, lady Armstrong tinha escolhido um tecido predominantemente prateado.

Era de seda pura, bordado com desenhos e fitas prateadas e salpicado de pequenas contas, parecendo diamantes.

Muito adequado para uma jovem, tinha a saia bem rodada e o corpo justo, como um modelo tão original que, como o Sr. Archer teria dito, parecia fazer Ilouka parecer uma ninfa, despontando do lago.

Aquela cor prateada a fez lembrar mais ainda do lago de Lavenham.

Como complemento, seu padraсто lhe deu de presente uma pequena gargantilha de diamantes que brilhava a cada movimento que fazia.

— Você está linda! Não precisa de muita ornamentação! — dissera ele, num elogio sincero, demonstrando como sua mãe e ela eram felizes por ter uma pessoa tão generosa, cuidando delas.

“Apesar de não ser da mesma maneira que amou papai, não há dúvida que ela o ama. Talvez eu possa vir a sentir o mesmo por outro homem e tentar me casar com ele”, pensou Ilouka.

Para ser sincera, o que queria era poder desfrutar do mesmo amor que tinha unido seus pais e que sabia ser o mesmo tipo de amor que sentia pelo conde.

Na noite anterior, acordada na cama, ficou imaginando onde ele estaria e o que teria acontecido se, em vez de fugir, tivesse ficado mais uma noite em Lavenham, como ele queria.

Aquele beijo tinha sido tão maravilhoso que ainda ficava tremendo ao recordar os lábios dele tocando nos seus.

Subitamente, pensou que talvez ele tivesse ido ao seu quarto com uma intenção bem diferente do que a de salvá-la de lorde Marlowe.

Só agora Ilouka se dava conta de que tinha sido muito estúpida e inocente.

Naquele dia, ficara certa de que o conde aparecera pela porta de comunicação porque tinha ouvido o barulho que lorde Marlowe estava fazendo no corredor.

Pela primeira vez, se lembrou que, quando se voltou e implorou para ele a salvar, o conde tinha olhado espantado para as cadeiras que ela tinha colocado junto da porta, sem perceber a razão de tudo aquilo.

Depois tinha saído para falar com lorde Marlowe.

Mas se veio até ao seu quarto, sem saber o que estava acontecendo, qual a razão da sua visita inesperada?

Inexperiente e ingênua, além de impressionada pela marcante personalidade do conde, Ilouka nunca pensou por que ele tinha mandado trocar o seu quarto e aparecido com um roupão, obviamente sem nada por baixo, porque queria fazer amor com ela.

Ao certo, não sabia bem o que isso queria dizer, só que era uma coisa errada” e imprópria, se um homem e uma mulher não eram casados.

Achava que acontecia com homens e artistas como madame Vestris, mas que não era coisa que se fizesse com uma moça decente.

— Ele pensava que eu era uma atriz e foi por isso que se convenceu que eu iria concordar em fazer uma coisa tão ultrajante — disse para si mesma.

Ficou muito infeliz, não só por ter perdido o conde, mas também porque ele não pensava nela como uma moça de respeito, apenas como uma atriz, a quem podia tratar insultuosa-mente, como lorde Marlowe a tinha tratado.

Aquela descoberta a magoou ainda mais do que já estava.

Tentou se consolar, sabendo que a culpa era exclusivamente sua, por ter aceitado, sem medir as consequências, o pedido do Sr. Archer para fazer o espetáculo para o conde e seus amigos.

Reconhecendo que tinha que assumir essa responsabilidade, só lhe restava rezar com todas as forças para que sua mãe nunca descobrisse o que tinha acontecido.

“Além de horrorizada, ficaria profundamente magoada e triste com o

meu comportamento”, pensou.

— A senhorita está muito bonita! — exclamou a camareira que estava ajudando-a a vestir-se, quando Ilouka foi dar uma última olhadela no espelho, antes de descer.

— Obrigada.

As três plumas de avestruz, presas atrás da cabeça, realçavam todo o conjunto.

Foi na batalha de Greycy, em 1346, que o Príncipe Negro ganhou as esporas e as famosas plumas de avestruz que adornaram seu brasão, como príncipe de Gales.

A partir de então, todas as jovens que eram apresentadas ao rei passaram a usá-las.

— Tenho certeza de que não vai aparecer ninguém mais bela que a senhorita, no baile! — continuou a camareira.

Ilouka sorriu, agradecendo, pensando que havia uma pessoa que apreciava apenas sua beleza, mas que ela queria tanto que admirasse, acima de tudo, seu caráter, sua personalidade e sua inteligência.

Na elegante carruagem londrina de sir James, a caminho do palácio de Buckingham Ilouka teve de se concentrar para mostrar uma expressão mais feliz.

Lady Armstrong estava encantadora num vestido cor de malva, bem claro, com uma tiara de ametistas e diamantes e um colar igual.

Levava um buquê de orquídeas da mesma cor do vestido e Ilouka, um pequeno arranjo de rosas brancas que começavam a abrir.

Faziam-na lembrar das rosas que tinha usado no alto da cabeça e em volta dos pulsos, quando dançou em Lavenham.

— Você parece Diana, vinda da floresta — tinha dito o Sr. Archer.

Depois do que tinha acontecido, achava que nunca mais conseguiria escapar das malhas que se enrolaram em seu coração, não voltaria a reinar no Olimpo.

Mas, dizendo para si mesma que estava sendo extremamente ingrata, sorriu para o padraço, sentado na sua frente e com um aspecto muito elegante, vestindo o uniforme de representante do governador de Buckinghamshire.

— Só sei uma coisa — disse para a esposa —, nenhum homem no palácio vai se apresentar com duas mulheres mais belas do que eu!

— Não diga nada, enquanto não vir quem estará lá — brincou lady Armstrong — e Ilouka e eu ficaremos muito apreensivas se formos eclipsadas por uma das beldades que você conhecia antes de se casar comigo, meu caro James.

— Desde que me casei com você, nunca mais olhei para outra mulher — retorquiu sir James.

Ilouka não prestava atenção, pensando na atriz de Drury Lane, por quem o conde estava interessado. Devia ser muito mais bonita e talentosa do que ela.

“Vai assistir aos espetáculos dela, noite após noite, e logo se esquecerá do modo amador com que dancei para ele, na sua sala de jantar.”

Tiveram que esperar um pouco no pátio do palácio de Buckingham, onde havia pelo menos uma dúzia de carruagens na frente da deles.

Aos poucos, os ocupantes das outras carruagens foram descendo e entrando no palácio e chegou a vez deles.

Um laçao de cabeleira empoadada abriu a porta e lady Armstrong saiu.

Ilouka desceu atrás e, depois de terem entregado os agasalhos, subiram por uma escadaria coberta com passadeira vermelha, para a sala do trono, onde o rei e a rainha recepcionavam a corte.

Levaram algum tempo para conseguir subir a escadaria, onde a guarda real abria alas. Ilouka estava cheia de curiosidade em conhecer a rainha Adelaide que se tinha casado com o rei Guilherme, em 1818, apesar de ele ser muito mais velho do que ela.

Nas festas que sua mãe dava, as pessoas viviam falando nela, umas descrevendo-a como uma “mulher pequena e cordial”, outras como “pequena, com cara de rato e muito aborrecida”.

Sempre havia quem gostasse de uma fofoca sobre a família real, e sir James comentou com a esposa, em voz baixa:

— Você já deve ter ouvido falar que a odiosa condessa de Kent não autorizou a princesa Vitória a assistir a nenhuma recepção real.

— É mesmo?! — exclamou lady Armstrong. — Isso é uma maldade, porque ela sabe que o rei gosta muito dessa sobrinha.

Foram andando lentamente até chegarem à sala do trono. Ilouka viu a rainha Adelaide sentada no fim do salão, coberta de jóias e, na verdade, pequena e com cara de rato, contrastando com o seu gordo, corpulento e velho marido.

O rei era quase calvo e os poucos cabelos que lhe restavam eram totalmente brancos. Ele sorria para todos os que lhe eram apresentados, confirmando a sua fama de pessoa amável e despretensiosa.

Um amigo de sir James se aproximou deles e Ilouka ouviu-o comentar:

– Essas reuniões formais me aborrecem de morte! Tenho que admitir que tudo era muito mais divertido, enquanto o rei George era vivo.

Sir James deu uma risada.

– Hoje em dia tem que se comportar com mais juízo, Arthur.

– É verdade, mas as noites na corte são maçantes. O rei cochila, a rainha faz tricô e nós não podemos discutir política.

Sir James riu novamente e Ilouka pensou que o conde, certamente, teria noites muito mais divertidas que aquelas que o amigo do padrasto descrevia.

Começaram as apresentações e o chefe do cerimonial ia chamando os nomes:

– A duquesa de Bolton, apresentando lady Mary Fotheringay Stuart! Lady Ashburton, apresentando as ilustres senhoritas Jane Trant e Nancy Carrington!

A voz dele se repetia, monótona, e Ilouka olhou para as paredes brancas e douradas, contra as quais as resplandecentes tiaras das aristocratas brilhavam como raios de sol.

Chegou a sua vez e ela ficou na fila onde cada moça tinha o cuidado de não se colocar na frente da outra.

O oficial continuava entoando os nomes delas, como se estivesse numa igreja.

– A condessa Hull, apresentando lady Penélope Curtis! E, exatamente no mesmo tom:

– Lady Armstrong, apresentando a senhorita Ilouka Compton!

A mãe de Ilouka se adiantou na frente dela, fazendo uma reverência profunda para a rainha que inclinou a cabeça e logo em seguida lady Armstrong fez a reverência ao rei.

Ilouka tomou o seu lugar.

Inclinou-se com todo o cuidado, as costas bem direitas, mantendo a cabeça levantada, e a rainha sorriu para ela que, instintivamente, sorriu de volta.

Assim que sua mãe se afastou, foi saudar o rei.

Fez uma reverência mais acentuada do que tinha feito à rainha e, ao se levantar, ouviu o rei comentar amavelmente:

— Bonita moça! Muito bonita!

Ele tinha fama de fazer comentários desconcertantes, mas como este tinha sido um elogio Ilouka sorriu para ele, pensando que estivesse falando sozinho.

Nesse instante ouviu, distintamente, uma voz dizendo:

— Concordo plenamente, alteza.

Levantou os olhos e seu coração disparou dentro do peito.

Ficou petrificada, incapaz de dar um passo. Atrás do trono do rei, resplandecente com as condecorações e a faixa azul da Ordem da Jarreteira no peito, estava o conde.

Seus olhares se encontraram e, fazendo um esforço sobre-humano, Ilouka conseguiu se levantar e ir para junto da mãe.

Não conseguia pensar, sentia seu corpo pulsar por ter visto o conde novamente e principalmente por saber que a tinha reconhecido.

Em sobressalto, tentava imaginar o que ele estaria pensando ou o que poderia dizer, agora que sabia quem ela era.

Estava tão atordoada pelo choque que sentiu ao vê-lo, que não conseguia pensar, muito menos, falar.

Sir James tinha se aproximado e apresentava sua mãe a alguns amigos. Eles falaram com Ilouka que se esforçou para dar uma resposta coerente.

Tinha a sensação de estar num mundo onde nada era real, a não ser as batidas frenéticas de seu coração.

Na hora seguinte, deve ter falado com dezenas de pessoas, recebido elogios e respondido a perguntas com algum senso.

Só quando o rei saiu da sala do trono levando a rainha pela mão, e passou pelo meio dos convidados, conversando ocasionalmente com um ou outro e saiu, é que puderam começar a ir embora.

— Também podemos ir agora, mamãe? — perguntou Ilouka.

— Não há pressa, querida. Estou me divertindo bastante e seu padrasto está ansioso para encontrar um amigo particular que quer me apresentar.

Ilouka não podia contar à mãe que queria ir embora, antes de ser forçada a encontrar o conde.

Olhava para as pessoas conversando, apreensiva, esperando que ele

aparecesse a qualquer momento, com um olhar acusador.

De repente, enquanto estava virada para outro lado, ouviu a voz dele, dizendo:

– Boa-noite, Armstrong! Não esperava encontrá-lo aqui!

– Alô, Lavenham! – respondeu sir James. – O mesmo digo eu. Pensei que estivesse ocupado demais com seus cavalos, para ter tempo de assistir a formalidades como esta.

– Fui pressionado para cumprir meu dever – retorquiu o conde.

– Creio que não conhece minha esposa – disse sir James, sorrindo. – Querida, deixe-me apresentar-lhe o conde de Lavenham, que, como você sabe, tem os melhores estábulos e ganha todas as corridas clássicas, tirando-nos toda e qualquer oportunidade de vencer.

Lady Armstrong estendeu a mão.

– Há anos que ouço falar no senhor, milorde, e tenho muito prazer em conhecê-lo pessoalmente.

O conde desviou o olhar para Ilouka e sir James falou:

– Agora vai conhecer a razão da minha presença hoje, aqui. Minha mulher e eu, queríamos apresentar minha enteada a suas majestades.

O conde inclinou a cabeça, enquanto Ilouka se curvava, com os cílios muito negros realçando no rosto, por não ter coragem de olhar para ele.

– Estou encantado em conhecê-la, senhorita Compton. Ilouka reparou no tom sarcástico, e, com medo que estranhassem o seu silêncio, esforçou-se para responder:

– Ouvi falar dos seus... cavalos... magníficos, milorde.

– Espero que um dia possa mostrá-los à senhorita, quando tiver tempo para visitar meus estábulos.

Ilouka quase perdeu a respiração.

Sabia que estava repreendendo-a por ter ido embora, sem ver Apoio e os outros cavalos.

O conde continuava olhando para ela, mas Ilouka não percebia se era ou não com desprezo.

Subitamente ficou aflita, desesperadamente aflita, que ele pudesse dizer alguma coisa que desse a perceber à sua mãe que já se tinham encontrado antes e, nesse caso, não teria outra alternativa senão contar a verdade.

O medo era tanto que não conseguia traduzir a expressão que via nos

olhos do conde.

Só sentia suas vibrações emanarem para ele, receosa de que algum dos três percebessem o que estava sentindo.

Então, como que para salvá-la de uma situação insustentável, uma voz alegre exclamou:

— James, que maravilha ver você! E por que me esqueceu durante este tempo todo?

Uma mulher, ornamentada de brilhantes safiras, usando um vestido azul que acentuava ainda mais o azul dos seus olhos, passou entre o conde e sir James, dando o braço ao último.

Por instantes, a recém-chegada fez com que Ilouka e o conde ficassem separados e, quando ele ia começar a falar, Ilouka balbuciou, infeliz:

— Eu... eu... tenho que explicar.

— Tenho que ver você, pois, como acaba de dizer, tem muitas explicações para me dar — disse o conde.

— Eu... sei.

— Onde podemos nos encontrar a sós?

Tentou pensar em algum lugar onde pudessem conversar sem serem ouvidos, mas o conde, percebendo a dificuldade de Ilouka, sugeriu:

— Vou andar a cavalo no parque amanhã cedo e estarei na estátua de Aquiles, às sete horas.

Ilouka só teve tempo de acabar de ouvir as últimas palavras e sua mãe estava a seu lado, dizendo:

— Querida, quero que conheça o embaixador da França e sua esposa.

— Sim, é claro, mamãe.

— E eu tenho que voltar para minhas obrigações — comentou o conde.

— Boa-noite lady Armstrong, boa-noite, Srta. Compton.

Inclinou-se formalmente e afastou-se de encontro a um grupo de nobres estrangeiros e embaixadores que estava à espera da companhia do membro principal da corte.

Ao vê-lo ir embora, Ilouka teve a sensação de que saía da sua vida, como ela tinha saído da dele.

Com um aperto no coração, disse para si mesma que, pelo menos, ainda teria oportunidade de vê-lo no dia seguinte.

Seria muito constrangedor ter que lhe contar por que fingira ser uma atriz. Certamente ficaria zangado e iria censurá-la. Por outro lado, ia estar

com ele e era isso que importava.

A caminho de casa, sua mãe elogiava a grandiosidade do palácio, enquanto sir James estava um pouco encabulado pela maneira efusiva como tinha sido cumprimentado por aquela senhora que, nitidamente, fora uma antiga namorada.

Mas a conversa deles parecia vir de muito longe e nada do que diziam fazia muito sentido.

Só quando chegaram em casa é que Ilouka se deu conta de que tinha que ir montar a cavalo no parque na manhã seguinte, sem que sua mãe nem sir James soubessem.

Se dissesse que queria andar a cavalo, sir James, certamente, iria com ela ou talvez a mãe achasse melhor que ficasse repousando de manhã, como acontecia desde que tinham chegado a Londres, porque teria outro baile no dia seguinte.

— Eu tenho que o ver! — disse para si mesma, sem saber como iria conseguir.

Depois de terem comido uma ceia ligeira, foi para a cama, sempre pensando como poderia sair de casa sem ninguém perceber.

Não conseguiu dormir. Durante a noite, levantou-se uma dúzia de vezes, para ir à janela ver o céu estrelado, imaginando o que o conde estaria pensando a seu respeito.

Devia estar zangado e, evidentemente, chocado com o seu comportamento.

Mas o mais importante era fazê-lo prometer que não diria a sua mãe nem a sir James o que tinha acontecido.

Foi a noite mais longa de Ilouka.

Ouviu um relógio bater, ao longe, cinco horas, e teve a impressão de que um século se tinha passado, desde que estivera com o conde.

A posição que o conde tinha oferecido a ela, na vida dele, era a que se oferece a uma mulher sem princípios.

Ilouka nunca pensou passar por semelhante humilhação.

Fora criada acreditando que a personalidade de uma pessoa conta mais do que a sua aparência e gostava de ouvir dizer que era bonita, porque sabia que tinha algo mais a oferecer do que apenas a sua beleza.

Era ela própria que era importante.

Mas como uma dançarina, uma artista, uma mulher que podia se

tornar uma amante de um homem, valia menos, muito menos que um cavalo de corrida.

“É o que ele pensa de mim”, pensou.

Por instantes teve a sensação de estar sendo transportada para a escuridão do inferno, de onde não conseguiria escapar.

Então, aos poucos, quando os primeiros raios de sol começaram a aparecer acima dos telhados e o céu ficou iluminado, viu que a noite tinha passado e ia poder ver o conde.

Cheia de amargura lembrou-se que, enquanto estivesse ao lado dele, teria que se humilhar e pedir desculpa pela decepção que lhe dera, comportando-se como uma qualquer, quando tinha nascido uma lady.

Talvez fosse melhor não ir ter com ele, deixando-o esperar por ela junto da estátua de Aquiles.

Mas se não fosse ele poderia vir à sua casa e contar para sua mãe que se tinham conhecido em circunstâncias muito diferentes.

Decidiu ir e vestiu rapidamente o seu traje de montar.

Os cavalos de sir James estavam na cocheira atrás da casa. Podia chegar lá por uma porta traseira que abria para a estrebaria.

Como saía todas as noites, lady Armstrong não seria acordada antes das nove horas e, como sir (ames sempre tomava o café no andar de baixo, às oito e meia, se saísse às seis e meia, ninguém a veria.

Arrumou-se com cuidado, prendendo o cabelo num pequeno coque e colocando o chapéu de copa alta, com um véu de gaze enrolado.

Há mais ou menos um ano os trajes de montar tinham as saias mais amplas, cintura estreita e uma pequena jaqueta, usada em cima de uma blusa de musselina branca, fechando no pescoço com um laço.

Com aquela roupa Ilouka parecia muito jovem e, apesar da severidade do seu chapéu, o cabelo brilhava como chamas de uma fogueira cigana.

Estava tão apreensiva que seus olhos pareciam tomar conta de todo o seu rosto.

Mandou selar um cavalo e saiu para o parque, acompanhada de um cavaleiro sonolento que devia estar reclamando intimamente por ser obrigado a trabalhar tão cedo.

Ele vinha alguns passos atrás dela e como Ilouka tinha que fazer hora, para dar tempo ao conde de chegar à estátua de Aquiles, às sete horas, não foi direto pelo Hyde Park Comer, dando a volta por um caminho mais longo.

Atravessou a ponte da Serpentina, galopando sobre a grama, deserta àquela hora, com exceção de uns poucos garotos jogando bola.

Depois, dirigiu-se lentamente por Rotten Row, onde havia alguns jovens atletas que também preferiam montar cedo, antes que aparecessem as carruagens das jovens da sociedade, quando teriam que parar para conversar.

Mal viu a estátua de Aquiles aparecer na sua frente, seu coração disparou, batendo convulsivamente.

Então viu o conde montado num imponente garanhão preto. Teve vontade de dar meia-volta e fugir a galope.

Mas era tarde demais. Ele a viu e, como se um ímã a atraísse, Ilouka cavalgou lentamente até ele, com a sensação de estar sendo levada para a guilhotina.

Parou o cavalo e ficou olhando para ele com os olhos muito abertos e, apesar de não se dar conta, assustados.

O conde tirou o chapéu.

– Bom-dia, Srta. Compton!

– Bom-dia... milorde! – respondeu, com um leve tremor na voz que não pôde controlar.

– Vamos cavalgar pela Serpentina? – perguntou com um trejeito cínico nos lábios.

– Sim... seria muito... agradável.

Tinha a sensação de que as palavras saíam engasgadas, sem controle.

Deram a volta aos cavalos e foram andando, lado a lado, com o cavaleiro bastante atrás.

Como Ilouka não conseguia falar e o conde não demonstrava nenhuma vontade de conversar, seguiram em silêncio até chegarem à Serpentina, que refletia os raios dourados do sol da manhã.

O conde puxou as rédeas do seu cavalo.

– Sugiro que deixemos os cavalos com o seu criado e andemos até àquelas árvores, para ver se encontramos um lugar onde possamos nos sentar.

– Sim é claro, se é o que... quer.

O conde chamou o criado assim que desmontou, deu-lhe as rédeas do seu cavalo, ordenando-lhe qualquer coisa, num tom seco e autoritário, como se estivesse de mau humor.

Depois veio para junto dela, ajudando-a a desmontar.

Quando segurou na sua pequena cintura e ficou bem próxima dele, Ilouka teve a sensação de que o sol se iluminou e que, por mais zangado que ele estivesse, amava-o.

Se ele a beijasse novamente, seria a coisa mais maravilhosa que podia acontecer.

Então o conde a soltou, entregando as rédeas ao criado.

Lentamente, ela foi andando por um atalho que levava a uma profusão de arbustos que ficavam embaixo das bétulas.

Inesperadamente deu por si em frente a um banco entre alguns arbustos. Como parecia ser o lugar ideal, sentou-se.

Era impossível que alguém os visse ali, a não ser que estivesse remando na Serpentina.

Nervosa, arrumou a saia com todo cuidado, consciente da presença do conde que, em vez de se sentar a seu lado, permaneceu de pé na sua frente, fitando-a.

Com ironia, Ilouka pensou que podia muito bem estar no alto do seu pedestal, como o tinha imaginado na primeira vez que o viu, sentado no topo da mesa, com ar de quem não se misturava com o comum dos mortais.

Sentou-se então a seu lado, virado para ela, como tinha ficado no sofá em Lavenham, com o braço estendido atrás.

Tirou o chapéu alto, colocando-o no chão, junto aos pés. E, num tom que Ilouka achou meio sombrio, perguntou:

— Bem, Srta. Ilouka Ganymede, o que tem a dizer em sua defesa?

Ilouka respirou fundo.

— Eu... eu lamento. Não queria fazer nada errado... mas agora entendo que foi uma atitude muito... muito errada ir à sua casa.

— Não só muito errada, foi uma loucura! — respondeu o conde. — Como pôde fingir que era a substituta de madame Vestris e...

Interrompeu-se e depois continuou:

— Vamos deixar para lá o que você fez. Quero saber é por que fez!

— Se eu contar toda a verdade, promete, jura... por tudo que há... de mais sagrado... que não contará a mamãe?

— Acho que era o que eu devia fazer. Ilouka soltou um gritinho.

— Por favor, por favor, eu lhe imploro... se lhe contar, ela não só vai ficar muito zangada comigo... mas, sobretudo, chocada, por eu me ter comportado de maneira tão repreensível.

— Não me admira.

— Não esperava encontrá-lo no palácio — disse Ilouka, impulsivamente. — Pensei... se o encontrasse em outro lugar qualquer... que teria possibilidade de lhe pedir para não contar nada... sobre a minha imprudência.

— Então é assim que você define? Eu qualificaria seu comportamento de outra maneira muito mais contundente.

— Eu sei — respondeu Ilouka, infeliz — mas... aconteceu... eu me envolvi, sem avaliar o que podia acontecer.

— Creio que não sabe os perigos que correu. Ilouka pensou em lorde Marlowe e estremeceu.

— Mas você... me salvou.

Fez-se um breve silêncio, depois o conde comentou, no tom seco que ela conhecia tão bem:

— Sim, salvei você de lorde Marlowe — mas não de mim próprio!

Reparou que Ilouka ficou muito corada, antes de dizer, num fio de voz:

— Eu nunca imaginei que tudo aquilo pudesse... acontecer. Estava apenas tentando ajudar o Sr. Archer.

— Não lhe passou pela cabeça que, fingindo ser a substituta de madame Vestris, os homens iriam assediá-la, como Marlowe fez?

— Juro... juro... que nunca me ocorreu. Eu já tinha ouvido falar de madame Vestris e sabia que mamãe achava que... ela era indecente, porque usava calça no palco, mas nunca fiz qualquer juízo de valores, até que...

Parou como se não tivesse palavras para dizer e o conde completou a frase, suavemente:

— ...que lhe ofereci minha proteção. Sabe o que isso significa?

— Agora já sei — respondeu baixinho —, mas só porque o Sr. Archer falou que a Srta. Ganymede que eu fui substituir tinha perdido seu protetor, e por isso... precisava do dinheiro que você ia pagar pelo espetáculo.

— O que aconteceu com a Srta. Ganymede? Ilouka respirou fundo.

— Ela e minha camareira Hannah... morreram, quando a diligência em que viajávamos rolou numa ribanceira — respondeu, com uma mágoa sincera.

Olhou para cima e viu que o conde a estava encarando, incrédulo.

— A diligência onde você viajava tombou? — repetiu, como se não

tivesse ouvido corretamente.

— Foi, meu padrasto não quis me mandar numa carruagem, porque era muito cansativo para os cavalos, por isso Hannah e eu... estávamos indo para Bedfordshire numa diligência.

— Por que estava indo para lá?

— Porque a filha do meu padrasto, Muriel, me odeia... e lorde Denton, com quem ela queria se casar, estava para chegar.

Ilouka levantou as mãos, num gesto de desalento, dizendo:

— Oh... é tudo tão complicado e a história é tão comprida, que se contar nunca vai acreditar!

— Estou tentando acreditar, mas estou estranhando...

— Imagino que sim! — retorquiu Ilouka. Não pode pensar um minuto sequer que, deliberadamente, eu me faria passar por atriz, ou iria à sua casa se não estivesse sendo forçada por uma situação que me pareceu cruel recusar!

Falou com paixão, acrescentando em seguida, num tom diferente:

— Por favor, por favor, tente entender e não fique zangado comigo.

— E se estivesse? Por que isso a preocuparia? Fez-se silêncio. Depois Ilouka falou:

— Tenho medo que fique aborrecido comigo e também que possa contar tudo a mamãe.

— Não vou contar nada à sua mãe, se me prometer que nunca mais fará uma coisa tão repreensível. Mas continuo interessado em saber por que tem medo que eu esteja zangado.

Ilouka podia responder que tinha receio que ele estivesse aborrecido porque queria que a admirasse e respeitasse, em vez de se envergonhar dela.

Mas sabia que a verdade era outra, bem diferente: queria que a amasse!

Queria que a beijasse como tinha feito anteriormente e, se isso não fosse possível, então não importava o que pudesse pensar a seu respeito.

Afastou o olhar, seu perfil delicado recortado contra os arbustos, e respondeu:

— Já deve, certamente, ter formado uma opinião a meu respeito e assim não vale a pena eu contar mais nada.

— Pode ser que sim ou pode ser que não. Seja como for, estou

interessado em saber que razões a levaram a fazer o que fez.

Ilouka não disse nada e ele continuou:

— Você foi à minha casa fazer um espetáculo completamente diferente de tudo a que já assisti antes, e o resultado foi provocar um dos meus convidados, a ponto de ele se portar de modo vergonhoso!

Aquela acusação irritou Ilouka, que respondeu furiosa:

— Isso não é justo! Lorde Marlowe é um homem horrível, que tinha bebido demais, e não pode me culpar por ter batido na minha porta. Nunca sequer sonhei que um cavalheiro se portasse daquela maneira.

— Nenhum cavalheiro faria aquilo... com uma senhora.

— Eu já pensei nisso e como estou vendo que acha que não sou uma senhora e me despreza... não adianta continuarmos conversando. Só posso dizer que estou envergonhada do que fiz, mas, mesmo assim, iria me sentir culpada, pelo resto da minha vida, se me tivesse recusado a ajudar o Sr. Archer, sabendo... que era a última oportunidade que ele tinha.

— É justamente essa história que estou esperando ouvir — respondeu o conde, suavemente.

— E por que se interessaria por ela? — perguntou Ilouka com a voz trêmula, sentindo que ele estava tornando tudo mais difícil para ela e sem saber direito como explicar.

Virou a cabeça e olhou para ele.

Seus olhos encontraram os dele e toda a raiva que estava sentindo desapareceu.

Só conseguia ver aqueles olhos cinzentos que pareciam preencher o mundo inteiro.

CAPÍTULO VII

— Foi isso o que aconteceu. E garanto que é a pura verdade. Eu achei que não podia fazer outra coisa.

Ilouka contou ao conde exatamente tudo como tinha se passado, desde o momento em que seu padrasto dissera que lorde Denton estava chegando e Muriel insistira para ela não ficar em The Towers, enquanto ele estivesse lá.

Sentiu a simpatia do conde, quando explicou o ciúme que Muriel sentia dela.

Quando continuou descrevendo como a diligência tombou, arrastando Hannah e Lucille Ganymede para a morte, percebeu que o olhar dele se endureceu e seus lábios se estreitaram.

Nervosa, vacilou e gaguejou ao contar que, além de querer ajudar o Sr. Archer, também tinha ficado aliviada por poder demorar mais um pouco a chegar a Bedfordshire.

De certa maneira, recriminava-se por estar sendo tão honesta, mas sentia-se impelida a contar toda a verdade ao conde, apesar do que pudesse pensar dela.

— Foi tão excitante... conhecer a sua casa maravilhosa e, como era uma aventura que meu pai teria gostado, não me senti tão culpada... como acho que devia sentir.

— Não lhe ocorreu que devia estar com uma dama de companhia, numa casa onde todos os convidados eram homens? — perguntou o conde.

Ficou toda vermelha e respondeu, gaguejando:

— Claro que eu sabia que devia ter uma dama de companhia se estivesse com a minha verdadeira identidade, mas achei que a Srta. Ganymede... não ia precisar.

— E não pensou por que ela não precisava estar acompanhada?

— Não... não, até o momento que lorde Marlowe tentou entrar no meu quarto.

— A única desculpa que consigo encontrar para o seu comportamento é ser tão jovem e inexperiente — disse o conde, como se estivesse falando consigo mesmo.

— E... muito tonta — acrescentou Ilouka, com um ar infeliz,

suspirando.

— O que espera que eu faça agora? — perguntou o conde.

— Tudo o que lhe peço é que prometa que não vai contar nada, nem a mamãe... nem ao meu padrasto.

— Não farei isso. Por outro lado, você sabe muito bem que eu não era a única pessoa presente, naquele jantar.

Ilouka olhou para ele com os olhos muito abertos, depois disse:

— Eu esqueci que os seus convidados também podem conhecer meu padrasto... como você.

Ele não fez nenhum comentário e ela continuou, aflita:

— Certamente, eles não vão me relacionar... com a pessoa que dançou e cantou para eles... só uma vez, vão?

— Você não é o tipo de pessoa que se esquece facilmente — respondeu o conde —, sem querer elogiá-la, tenho que reconhecer que a sua dança foi muito original. Inevitavelmente as pessoas que a assistiram vão comentar o assunto, especialmente por ter acontecido em minha casa.

Como se ele tivesse acabado de descrever um quadro, Ilouka pôde ouvir os cavalheiros, sentados numa mesa do clube, com adereços de ouro e prata, contando aos amigos que tipo de diversão o conde de Lavenham lhes tinha proporcionado, depois de um dia de corridas.

Apertou as mãos com força, pedindo:

— O que devo fazer? O que posso fazer?

— Por agora, apenas esperar que meus amigos que estavam presentes e que são pessoas mais velhas e apaixonadas por corridas de cavalos não estejam presentes nos bailes para os quais você foi convidada.

Ilouka suspirou profundamente.

— Por que não — me lembrei disto antes?

— Infelizmente, nenhum de nós pode fazer o tempo voltar atrás — respondeu o conde, secamente. — E, como não pode se arriscar a ficar ainda mais falada, creio que o melhor que tem a fazer neste momento é continuar o seu passeio e tentar se esquecer do que aconteceu antes de começar a sua temporada em Londres.

— E você? Também vai esquecer que me conheceu antes da noite de... ontem?

— Digamos que não voltarei a falar no assunto.

— Mas supondo que um dos seus amigos pergunte como pode

encontrar a Srta. Ganymede?

Um ligeiro sorriso sarcástico apareceu nos lábios do conde.

— Mando-o falar com madame Vestris que, a esta altura, já deve saber o que aconteceu com a sua substituta.

Ilouka ficou um pouco em silêncio, depois falou:

— Obrigada por não ter ficado tão zangado comigo agora, como eu pensei que estava ontem à noite.

— Eu fiquei espantado ao ver você. Nunca imaginei encontrar no palácio de Buckingham a dançarina e cantora que contratei para divertir meus convidados.

— Soa estranho, quando coloca as coisas assim — disse Ilouka, infeliz.

— E devo acrescentar que fiquei encantado ao ver que a minha busca por você tinha terminado.

Ilouka ficou em silêncio, depois virou-se para ele.

— Estava... me procurando? — perguntou, incrédula.

— Fiquei muito intrigado com o que poderia ter acontecido. Não queria acreditar que você desaparecesse assim, sem se despedir, nem dizer para onde estava indo.

— E podia... ter feito outra coisa?

— Dentro das circunstâncias, não há dúvida que foi o mais sensato. Mas, na ocasião, não podia adivinhar a razão de você ter sumido de modo tão repreensível.

Ao ouvi-lo falar, Ilouka sabia que ele estava pensando que qualquer mulher a quem oferecesse a sua proteção ficaria desejosa em aceitar.

Achava estranho que a tivesse querido, quando já tinha a atriz que trabalhava em Drury Lane, para diverti-lo.

Mas, sabendo que não podia fazer nenhuma pergunta a esse respeito, limitou-se a comentar:

— Acho que fui muito tola, pensando que nunca mais voltaria a vê-lo.

— Não há dúvida que não se incomodou muito com isso, enquanto eu fiquei muito preocupado, receando que estivesse com algum problema.

— Queria me ajudar?

— Era a minha intenção.

— Foi muito gentil, mas agora sabe que não preciso da sua ajuda.

— Sei muito bem que seu padrasto é um homem rico — respondeu o conde, secamente.

Ao ouvi-lo falar, Ilouka pensou que não era ajuda o que precisava dele, mas algo muito diferente: uma coisa que ele nunca poderia saber ou perceber.

Ficou imaginando o que ele iria pensar, se lhe pedisse para beijá-la só mais uma vez, agora que já sabia quem ela era e que tinha quem cuidasse dela, não havendo razão para se preocupar.

Mas, em vez disso, disse, tristonha:

— Agora acho que nunca mais verei Apoio ou os seus outros cavalos.

O conde ficou em silêncio e Ilouka temeu que ele achasse que estava se convidando. Depois, ele falou:

— Quando eu voltar para o campo, pode ser, mas, como o nosso conhecimento anterior foi muito diferente, eu terei que convidar seu padrasto, sua mãe e você, logicamente, para jantar uma noite destas.

O coração de Ilouka deu um salto, ao antever a possibilidade de estar com ele novamente.

— Vai... mesmo?

— Com tantos compromissos, têm alguma noite disponível?

— Sim, é claro — respondeu Ilouka, nervosa, tentando se lembrar de tudo que já estava combinado.

— Esta noite vamos jantar em Devonshire House.

— Eu também fui convidado, então será uma ótima oportunidade para falar com seu padrasto e convidá-los para jantar.

— Estaremos livres amanhã à noite — respondeu Ilouka, ansiosa — e sei que mamãe não tem nada na agenda para a próxima quarta-feira.

— Lembrar-me-ei dessas duas datas. Levantou-se, dizendo:

— Já está ficando tarde e seria um erro você ficar aqui. Sugiro que volte por onde veio e eu seguirei pelo lado oposto.

Falou tão formalmente que Ilouka sentiu um aperto no coração.

Tinha o triste pressentimento de que, apesar de ter dito que ia convidar-lhe para jantar, mal virasse as costas ia mudar de idéia.

Depois, lembrou-se que o veria nessa noite em Devonshire House e, pelo menos, teria essa alegria em que pensar.

Foram andando em silêncio pela borda da Serpentina.

Quando chegaram perto dos cavalos, o conde falou:

— Divirta-se, Ilouka! A sociedade é deslumbrante quando uma pessoa é jovem, depois a gente fica farta e decepcionada.

— É assim que se sente?

— Estava falando sobre você e as jovens não devem se meter em assuntos que não lhes dizem respeito.

Corou, sentindo-se criticada, e disse:

— Desculpe, se a minha pergunta foi indiscreta, mas como já verificou o meu comportamento não é o de uma jovem convencional.

O conde deu uma risada.

— Lá isso é verdade. Você é imprevisível, Ilouka, não só no que diz, mas também no modo de dançar.

Ficou parado, olhando para ela, antes de perguntar:

— Quem a ensinou a dançar daquela maneira?

— Ninguém. É o meu sangue húngaro que faz com que, cada vez que ouço música cigana, venham algumas imagens à minha cabeça e meus pés se movem, como se tivessem vida própria.

— Que tipo de imagem? — perguntou o conde, vivamente interessado.

— Vejo as estepes húngaras e os ciganos com suas roupas coloridas e as caravanas pintadas. Ouço a música dos violinos e vejo, ao longe, as montanhas cobertas de neve — respondeu com ar sonhador.

Gostaria de saber o que o conde diria se lhe contasse que, quando a tinha beijado, sentiu que estava sendo carregada para o topo dessas montanhas e ambos dançavam na neve.

— E é o seu sangue húngaro o responsável pela cor dos seus cabelos — comentou ele, suavemente.

— Eu sou como minha bisavó.

— Isso explica muitas coisas que me intrigavam.

Mas antes que Ilouka pudesse perguntar o que eram, ele foi para junto dos cavalos e ela o seguiu.

Ergueu-a, colocando-a na sela e assim que ela pôs os pés no estribo o conde arrumou-lhe a saia, com a habilidade de quem está habituado a fazer aquilo.

Depois, tomou as rédeas do seu garanhão das mãos do cavaleiro e saltou para cima da sela.

Ilouka ficou observando, pensando que não existia homem mais atraente, ou que, montado, tivesse um porte mais imponente.

O conde levantou seu chapéu alto.

— Bom-dia, Srta. Compton. Foi um prazer encontrá-la de novo. E, sem

esperar resposta, saiu a trote pelo lado da Serpentina. Ao vê-lo partir, Ilouka pensou que, apesar de não ter ficado tão zangado como previa, era evidente que não estava mais interessado nela.

Ultrajosamente, disse para si mesma que talvez estivesse muito mais feliz se tivesse aceitado a “proteção” dele.

Ao atravessarem os portões, com as pontas de lança douradas de Devonshire House, Ilouka estava consciente de que sua mãe não só estava encantada por ter recebido aquele convite da duquesa, como muito mais animada do que ela, na expectativa da festa.

Passou o dia com todos os seus pensamentos voltados para o conde, com o pressentimento de que ele não lhe prestaria muita atenção durante o jantar e que a deixaria à vontade, para depois dançar com os jovens presentes.

Apesar de, nos bailes a que tinha comparecido haver um grande número de moças, Ilouka era suficientemente inteligente para perceber que quem realmente se divertia naquelas festas eram os casais mais velhos que se conheciam intimamente.

As senhoras também ficavam tão elegantes e vistosas com as jóias e tiaras fabulosas, que Ilouka entendia que a simplicidade e inexperiência das debutantes não era particularmente atrativa, e que os cavalheiros achavam as mulheres mais velhas muito mais divertidas.

Ficava ainda mais convencida dessa opinião quando conversava com as outras debutantes.

Descobriu que, apesar de ter morado sempre no campo e de ser muito pobre, não só era muito mais bem-educada, como possuía uma agilidade mental bastante superior à delas.

Tinha também uma variedade de interesses que, aparentemente, não tinham significado nenhum para as outras.

Como o pai sempre conversava sobre os seus sucessos no turfe, Ilouka sabia bastante sobre cavalos.

As moças da sua idade não só sabiam muito pouco sobre as corridas clássicas, como tinham medo de montar qualquer animal que não fosse manso e dócil.

Não se interessavam por política e uma, com quem tinha conversado, chegou a confessar que não fazia idéia de quem era o primeiro-ministro, nem nunca tinha ouvido falar no projeto de Lei da Reforma.

“Acho que são muito aborrecidas”, pensou, desdenhosamente, imaginando se o conde achava o mesmo a seu respeito.

Apesar de amá-lo, sabia que ele era um homem extremamente inteligente e como lia tudo que os jornais publicavam, onde aparecesse o nome dele, ficou sabendo que falava frequentemente na Câmara dos Lordes e era uma autoridade nos negócios estrangeiros.

“Se ao menos eu pudesse ficar sozinha com ele um pouco, podia fazê-lo perceber que não sou uma cabeça oca, além do mais, tenho tantas perguntas que gostaria de lhe fazer!”, pensou com amargura.

– Que tipo de imagem? – perguntou o conde, vivamente interessado.

– Vejo as estepes húngaras e os ciganos com suas roupas coloridas e as caravanas pintadas. Ouço a música dos violinos e vejo, ao longe, as montanhas cobertas de neve – respondeu com ar sonhador.

Gostaria de saber o que o conde diria se lhe contasse que, quando a tinha beijado, sentiu que estava sendo carregada para o topo dessas montanhas e ambos dançavam na neve.

Durante o jantar em Devonshire House, olhou ao longo da mesa comprida e viu o conde sentado no extremo oposto, à esquerda da duquesa.

Estava conversando com uma senhora muito bonita e com um excesso de jóias, sentada do outro lado, de um jeito que demonstrava, claramente, haver uma intimidade especial entre eles.

“Talvez seja uma das namoradas dele”, pensou, com tristeza.

Cheia de curiosidade, perguntou ao cavalheiro a seu lado:

– Sabe quem é a senhora que está sentada ao lado do conde de Lavenham?

Era um jovem de olhar vazio e queixo proeminente que respondeu: –

– É a marquesa de Doncaster.

– Ela é muito bonita.

– Pelos vistos, Lavenham também acha, se bem que ele é famoso por ter sempre um olho de mestre para cavalos e mulheres bonitas que passem na sua órbita.

Deu uma risada invejosa e Ilouka teve a sensação de que alguém lhe tinha jogado uma grande pedra no peito que a impossibilitou de continuar comendo.

Foi com muito esforço que se virou educadamente, para o cavalheiro do outro lado que lhe contou, cansativamente, quanto tinha perdido nas

cartas na última semana.

Ele estava tentando afogar suas mágoas, pois esvaziava rapidamente o copo, sempre que o serviam.

Ilouka tentava evitar olhar para o conde e se concentrar nos outros convidados, mas não conseguia.

Numa hora em que a marquesa o fez rir, sentiu uma agonia tão grande, a ponto de ser uma dor física.

Finalmente, depois do que a ela pareceu um tempo infinito, a duquesa levou as senhoras para fora da sala de jantar, deixando os cavalheiros beberem o vinho do Porto.

Subiram para os quartos no andar de cima, onde Ilouka penteou o cabelo, sem reparar na sua imagem refletida no espelho.

Só conseguia ver os olhos sedutores da marquesa de Doncaster olhando para o conde e o movimento provocante de seus lábios vermelhos, conversando com ele.

— Quem me dera poder ir para casa! — disse, sem se dar conta que tinha falado em voz alta.

— Não diga isso — comentou a moça que estava perto dela.

— Agora é que vamos começar a nos divertir. Vai haver dança e os jardins estão maravilhosamente iluminados. Há pequenos recantos, onde você pode se sentar com o seu par, sem ser vista por ninguém.

A garota fez um ar pudico e, sem responder, Ilouka foi para junto da mãe.

— Está se divertindo, querida? — perguntou lady Armstrong.

— Achei o jantar delicioso e a duquesa acabou de me dizer que estão chegando mais de cem pessoas para o baile. Você vai adorar.

— Sim, é claro, mamãe — respondeu, duvidosa. Quando desceram, a música já estava tocando no salão de baile. Era um belo salão, cheio de flores e com várias e longas janelas que abriam para o jardim.

Ilouka viu os canteiros todos iluminados e lanternas chinesas, penduradas nos ramos das árvores.

Há um mês, ficaria muito emocionada por estar numa festa como aquela.

Agora, com a certeza de que, dentro de poucos minutos, ia ver o conde dançando com a bela marquesa, tudo o que queria era fugir dali e se esconder.

Os cavalheiros começaram a sair da sala de jantar e o jovem que tinha estado sentado a seu lado durante o jantar convidou-a a dançar.

Como não conseguiu arranjar um bom pretexto para recusar, foi dançar com ele, passando o tempo todo olhando para a porta da sala de jantar, esperando ver o conde sair.

Ele apareceu, conversando com o duque e mais outros dois senhores e Ilouka pensou que estavam, certamente, falando de cavalos.

Ficou mais satisfeita, chegando até a dançar animadamente, a ponto de receber elogios de seu par, que perguntou quando poderia dançar com ela novamente.

Como mandava o protocolo, assim que a música parou, voltou para junto da mãe.

Mal chegou perto dela, o duque se afastou do conde e se aproximou de lady Armstrong, dizendo:

— Na qualidade de velho amigo de seu marido, lady Armstrong, reclamo o privilégio de dançar com a senhora, antes que ele o faça!

Lady Armstrong deu uma risada.

— Ficarei muito honrada, Sua Graça.

— Então vamos mostrar-lhe as nossas qualidades — disse o duque.

Afastaram-se para a pista de dança e Ilouka, olhando à sua volta, ficou petrificada.

Entrando com um grupo que acabava de chegar, viu algo que sabia ser impossível esquecer: o rosto rubicundo e dissoluto de lorde Marlowe.

Articulou um som quase inaudível e fugiu para o jardim.

Foi correndo para as sombras das árvores, onde ficou olhando para a casa, ouvindo a música e vendo os pares dançando.

— O que é que... eu vou fazer? O que é que... eu vou fazer? — perguntou para si mesma, sabendo que só havia uma pessoa que podia dar a resposta e salvá-la.

Estava quase certa de que quando o duque se tinha afastado do conde para dançar com sua mãe este tinha permanecido no mesmo lugar onde estivera conversando e não estava dançando.

— Tenho que falar com ele!

Muitos dos convidados saíam do salão de baile para o jardim e entre eles estava um criado, trazendo almofadas de cetim para pôr nos bancos debaixo das árvores, não muito longe de onde Ilouka estava.

Foi ter com ele.

– Conhece o conde de Lavenham?

– Sim, senhorita. Sua Senhoria tem bons cavalos.

– Acho que o pode encontrar logo atrás da porta do salão. Podia chamá-lo de lado e dizer que preciso falar com ele?

O criado deu uma risadinha e ela percebeu que estava pensando que o conde era famoso pelos seus casos de amor, além dos cavalos.

– Estou indo, senhorita – disse o criado, apressando-se para dentro de casa.

Ilouka teve a impressão de que se tinha passado muito tempo e ficou corri medo que o homem não tivesse encontrado o conde, mas, subitamente, viu seus ombros largos de encontro à luz. Ele vinha atender ao seu pedido.

Ficou quase sem respiração.

Quando ele chegou ao topo das escadas, viu o criado indicando o lugar onde ela estava.

Sem pressa, caminhava de um modo que deu a Ilouka a impressão que estava achando uma indiscrição da parte dela mandar chamá-lo assim. Atravessou a grama, até chegar perto do tronco de árvore, onde ela estava.

– Ilouka? – perguntou, sem saber ao certo se era ela. Ilouka se aproximou no escuro.

– Eu... eu pedi para vir aqui. Preciso desesperadamente da sua ajuda!

O conde nem precisou ver a expressão do rosto dela, iluminado pela lanterna chinesa, bastava o medo transmitido pela sua voz.

– Vamos nos afastar mais da casa – disse ele, calmamente – depois você me conta por que está tão aflita.

O conde devia conhecer bem o jardim, porque foram andando pela grama até chegarem a um muro alto que limitava aquele lado do jardim de Devonshire House.

Ali havia um recanto de lilases, com um banco de madeira, coberto de almofadas.

Ilouka sentou-se, e o conde também, da sua maneira característica, meio de lado, olhando para ela.

– O que estava preocupando você?

– Lorde Marlowe! Ele acabou de chegar e eu o vi, fiquei com tanto medo que ele pudesse me reconhecer.

O conde enrugou a testa, dizendo como se falasse consigo mesmo:

– Não pensei que Marlowe podia vir a Devonshire House.

– Mas veio! – exclamou Ilouka. – Por favor, tem que me dizer o que devo fazer. Devo ficar aqui... no jardim, até que mamãe queira ir embora?

– Isso podia provocar comentários e ninguém ia acreditar que estivesse sozinha.

– Então... o que posso fazer? E este talvez não seja o único baile onde eu o possa encontrar.

– Foi azar que acontecesse justamente esta noite.

– Se não fosse hoje, seria outra noite qualquer – respondeu Ilouka, desesperada.

Ficou um momento em silêncio, depois acrescentou:

– Talvez fosse melhor contar tudo a mamãe, mas sei que ela vai ficar muito aborrecida... e o meu padrasto que tem sido tão generoso comigo também ficará... horrorizado.

– Devia ter previsto que tudo isto podia acontecer.

– Eu sei que devia... mas, como lhe expliquei esta manhã, só pensei que... seria uma maldade recusar-me a ajudar o Sr. Archer e nunca passou pela minha cabeça que poderia encontrar em algum lugar qualquer dos seus convidados.

Ficaram em silêncio e, como Ilouka achou que o conde não iria ajudá-la, olhou para ele com os olhos marejados de lágrimas, dizendo:

– Eu estou envergonhada... envergonhada por ter sido tão imbecil, eu sei que me despreza, mas por favor... diga o que posso fazer. Não tenho mais ninguém a quem pedir ajuda.

Fez aquele pedido patético, com a sensação de que ele a olhava com desdém.

Aflita e achando que ele a desprezava cada vez mais, não conseguiu conter as lágrimas que deslizavam pelo seu rosto.

– Você diz que eu a desprezo – disse finalmente o conde.

– Se não for isso, o que pretende que eu sinta por você? Estava tão nervosa que respondeu a verdade.

– Eu quero que me admire e ache que sou inteligente, uma pessoa... de quem possa gostar.

Fez uma pausa nítida, antes de proferir as últimas palavras, que encontrou para substituir – a quem possa amar.

A sua voz estava entrecortada pelas lágrimas e, quando procurou o

lenço, o conde a abraçou, puxando-a para si.

— Você precisa mesmo de alguém que tome conta de você. Ilouka escondeu o rosto de encontro ao ombro dele.

— Não há mais ninguém que possa me ajudar... só você — soluçou. — Eu nunca poderia me casar com nenhum desses garotos bobos.

— Por que não pode se casar com nenhum deles? Sentindo-se segura presa nos braços dele, aninhou-se confortavelmente e respondeu com toda a naturalidade:

— Porque não o amaria... como poderia... se eu... Parou, percebendo que a pergunta tinha sido impessoal e ela quase se tinha traído.

— O que ia dizer? — perguntou o conde.

— N... nada... não era importante.

— Creio que era e se você mentir de novo para mim, Ilouka, vou ficar muito zangado.

— Não... por favor, não se zangue comigo... eu não suportaria — implorou, olhando para ele enquanto falava.

Com a iluminação das lanternas, pôde ver os olhos dela molhados, as lágrimas escorrendo pelo rosto e os lábios tremendo.

Ficou olhando para ela por um longo tempo.

Então, como ela continuava implorando incoerentemente para não ficar zangado, puxou-a para si e aproximou seus lábios dos de Ilouka.

Era o que ela tinha desejado, sonhado e rezado para voltar a acontecer, novamente.

Seu coração se apertou, extasiado, e ela sentiu mais uma vez que as suas vibrações chegavam até ele, transformando-os numa só pessoa.

Ele a apertava mais e mais e seu beijo se tornou mais exigente e muito mais possessivo.

Então, quando o mesmo êxtase que tinha sentido da outra vez tomou conta dela, Ilouka ouviu a música que vinha de seu coração, percebendo que o que sentia era amor, o amor que continha a própria vida!

Não se importava de morrer naquele momento, sabendo que tinha conhecido a glória do céu.

O conde a beijou até Ilouka sentir mais uma vez que era levada para o cume das montanhas cobertas de neve, e que no universo não existia mais nada, além do amor.

Depois do que lhe pareceu um século, ele levantou a cabeça e Ilouka

falou, de modo incoerente:

– Eu... eu o amo! Como um beijo pode ser... tão maravilhoso se você... não me ama?

O conde não respondeu, beijando-a novamente.

Muito depois, olhou para ela. Os olhos de Ilouka brilhavam como estrelas, os lábios estavam vermelhos de seus beijos e o rosto parecia iluminado de tanta felicidade.

Levantou os olhos para ele, que pôde ler o amor em seu olhar.

– Eu não queria que isto acontecesse esta noite – disse ele.

– Eu sei, mas agora que me... beijou... nada mais me importa... nem lorde Marlowe.

Havia um tremor em sua voz, ao pronunciar aquele nome.

– Infelizmente, ele ainda constitui uma ameaça e, como lhe disse antes, alguém tem que tomar conta de você, portanto, suponho que tenha que ser eu!

– É o que quero que faça, mas como?

– Você tem que ser castigada pelos seus pecados. Ilouka susteve a respiração e, assustada com o que ele acabava de dizer, encostou-se ainda mais ao conde.

– Como vou ser castigada?

– Como lorde Marlowe e talvez outro dos meus convidados vão reconhecê-la, tem que ir embora – disse o conde:

Ilouka ficou muito quieta e perguntou:

– Mas como e... para onde posso ir?

– Se a ajuda tem que vir de mim, terá que ser comigo. Olhou para ele, sem entender o que acabava de ouvir.

De repente, achou que ele estava fazendo a mesma proposta que lhe tinha feito em Lavenham.

O conde leu os pensamentos de Ilouka e sorriu.

– Sim, estou lhe oferecendo minha proteção, mas numa base muito mais permanente, como minha esposa!

Por instantes, Ilouka pensou que não tinha escutado direito, depois perguntou com a voz trêmula:

– Está me pedindo... em casamento?

– E que mais posso fazer? Não resta dúvida que comprometi você, na noite em que dormiu no quarto ao lado do meu, levando-a para a cama, e

você tinha apenas uma camisola em cima do corpo.

Ilouka soltou uma exclamação rouca e, muito corada, escondeu o rosto no ombro do conde.

– Eu não... fiz de propósito – murmurou.

– Mas eu fiz! Desejava você e queria possuí-la. Ilouka ergueu a cabeça e olhou para ele, atônita.

– Acabo de perceber. . que foi por isso que me trocou de quarto...

– Claro que foi – respondeu o conde, estreitando-a com força.

– Oh, minha querida, você se comportou de forma tão abominável que me assusta! Fico aterrorizado só em pensar o que lhe podia ter acontecido.

– E mesmo assim... continua querendo se casar comigo?

– Eu amo você!

Ilouka soltou um pequeno suspiro,

– Você me ama, você realmente... me ama?

– Eu a adoro.

– Não posso acreditar... eu o amo tanto, mas nunca pensei que pudesse me amar,

– Vou levar muito tempo para lhe dizer o quanto a amo.

– Diga, por favor, por favor... diga-me.

– Eu não queria fazer esta revelação tão depressa, mas a não ser que você fique com uma péssima reputação, o que não posso tolerar na minha esposa, temos que usar a cabeça e não permitir que Marlowe ou outra pessoa que tenha estado em Lavenham reconheça você.

– Como poderemos impedir que isso aconteça? – perguntou Ilouka, num fio de voz.

– Indo embora e, na verdade, tenho um bom pretexto para fazer isso.

Ilouka olhou para ele, intrigada.

– O secretário dos negócios estrangeiros pediu-me hoje para fazer uma importante visita, não oficial, a vários países do Mediterrâneo, alguns tão distantes como a Turquia e o Egito. Fiquei considerando se devia ou não aceitar. Mas acho que a viagem ficaria bem mais interessante se levasse minha esposa comigo, em lua-de-mel.

Ilouka soltou uma exclamação de alegria.

– Podemos fazer isso? Quer mesmo... me levar com você? A felicidade, estampada em seu rosto, parecia iluminar aquele pequeno recanto,

depois, ela perguntou num tom diferente:

— Tem certeza de que quer... realmente se casar comigo? Eu não iria suportar que se casasse por obrigação... sem me querer.

O conde deu uma risada.

— Nunca pedi nenhuma outra mulher em casamento. Quero você junto de mim e não tenho a menor intenção de perdê-la! — disse, puxando-a com força para si e beijando-a de um modo bem diferente do que antes.

Agora, seus lábios tornaram-se mais exigentes, apaixonados e possessivos e Ilouka sentiu aquele beijo ardente despertar a paixão dentro dela.

O desejo e o êxtase que ele sempre a fazia sentir se tornaram tão intensos que eram quase uma dor física.

— Eu o amo... amei... desde a primeira vez que me beijou, mas não consigo acreditar que realmente me ama.

— Vou fazer com que acredite em mim. Mas, primeiro, minha maluquinha querida, temos que sair desta desagradável situação, em que você nos meteu.

— Eu lamento... lamento muito. Será que um dia vai me perdoar?

— Acho que sim, porque se não tivesse ido à minha casa, provavelmente, nunca a teria conhecido.

Fez uma pausa e disse:

— Não, não é verdade. Estava escrito que haveríamos de nos encontrar e, quando a vi dançando, percebi que era a mulher que, mesmo sem saber, procurei a vida inteira.

— Você... me ama?

— No momento em que começou a cantar, senti que estava vindo ao meu encontro e algo que eu não sabia que existia dentro de mim se revelou.

— Eu estava mesmo indo ao seu encontro e quando dancei... foi só para você.

Fez uma pausa, antes de acrescentar, timidamente:

— Quando me beijou, tive a sensação... que me levava para o topo de montanhas cobertas de neve... e que o mundo... se distanciava de nós.

— É exatamente o que vamos fazer — disse, numa voz profunda.

Ilouka pensou que a fosse beijar novamente e ofereceu-lhe os lábios, mas ele deslizou a boca pela linha do seu queixo descendo, depois, para beijar o seu pescoço macio.

Aquilo provocou em Ilouka uma excitação diferente de tudo quanto tinha sentido antes e ela teve a impressão de que pequenas chamas subiam de seus seios até à garganta.

— Eu o... amo — balbuciou quase num sussurro, a respiração ofegante.

O conde olhou para ela com os olhos ardendo de paixão.

— Você é absurdamente linda e inocente e tenho muito para lhe ensinar — disse, com voz rouca.

— Sobre... o quê?

— Amor, minha querida, e vai ser uma tarefa muito excitante para mim.

Ele manteve os lábios de Ilouka cativos e ela sentiu que estava lhe entregando não só o coração, mas a alma e o corpo também.

Ambos mal conseguiam respirar. Vincent, fazendo um esforço enorme, a soltou, com o coração batendo tão freneticamente quanto o dela.

— Agora escute, minha adorada. Temos que ter juízo, apesar de querer ficar beijando você o resto da noite.

— Eu... adoraria.

— Vamos fazer isso quando estivermos casados, mas, agora, temos que pensar num plano que impeça lorde Marlowe de nos fazer mal, sem deixar que sua mãe e seu padrasto desconfiem de alguma coisa.

Com um suspiro de felicidade, Ilouka encostou a cabeça no ombro do conde, perguntando:

— O que... podemos fazer?

— Antes de mais nada, você tem outros nomes, além de Ilouka? É um nome tão original que ninguém esquece, e pode despertar comentários.

— O meu nome de batismo é Mary Nadine Ilouka...

— Gosto de Nadine, combina bem com você. Temos que dar um jeito de convencer sua mãe que, como eu prefiro esse nome, é assim que será chamada daqui para a frente.

Ele sorriu e beijou-lhe a testa, dizendo:

— Mas, para mim, você vai ser sempre Ilouka. Você não me disse nada, mas sei que significa aquela que dá vida.

— Como é que descobriu?

— Através de um amigo que fala húngaro. E foi isso mesmo que você me deu, minha adorada, uma vida nova, muito diferente daquela que eu

vivia antes. Mas, para a sociedade, você precisa ser Nadine.

— Então... o que precisamos fazer?

— Vou aceitar a proposta do secretário. Vamos nos casar imediatamente, mas no campo, com a presença apenas da sua família e um dos meus melhores amigos que não estava presente, quando uma pequena dançarina, linda e maluca, fez um espetáculo lá em casa.

— Tudo o que eu quero... é ser sua esposa.

— E vai ser — prometeu o conde —, e uma coisa é certa, minha maravilhosa e adorada Ilouka. Você não vai, nunca mais, dançar para homem algum no mundo, a não ser para mim, e nunca, em qualquer circunstância, vai fingir que é uma atriz.

Ilouka olhou para ele para ver se estava zangado, mas seus olhos estavam piscando e havia um sorriso em seus lábios.

— Eu amo você! Eu amo você! Farei tudo o que quiser que eu faça e prometo que vou me portar... muito bem... daqui para a frente.

O conde desatou a rir.

— Duvido muito. Minha querida, nós temos muito que descobrir acerca um do outro e, apesar dos nossos corações saberem que nos pertencemos, há outras coisas que quero saber de você.

— Como eu quero saber tudo sobre você — acrescentou Ilouka — e, é claro, conhecer Apoio.

O conde riu de novo.

Apertou-a com força contra o peito, beijando-a com tanta paixão que, aos poucos, tudo o que os cercava desapareceu e, até mesmo a música que ouviam, vinda do salão de baile, ao longe, parecia brotar de seus corações.

Então, um beijo os levou até ao céu coberto de estrelas, muito acima das montanhas cobertas de neve, para um paraíso, onde havia apenas o amor que emanava deles.

Esse amor lhes pertenceria para toda a eternidade.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

AMOR AO LUAR

As águas da cascata faiscavam à luz do luar. Fascinado, Talbot, jovem duque escocês, contemplava aquela torrente de prata, sem ainda compreender que apelo do destino o fizera sair de seu castelo e caminhar naquela direção. Aos poucos, seus olhos penetraram na semi-escuridão e Talbot viu uma linda mulher no alto da cascata. A bela jovem parecia querer atirar-se às águas e... hesitava. O duque correu ao seu encontro, sentindo que sua vida estava em perigo e que ele estava destinado a salvá-la!